



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MODALIDADE PROFISSIONAL**

**CHRISTIANE MANSUR DA SILVA**

**EXTENSÃO NO ENSINO SUPERIOR E ESCOLAS PÚBLICAS: PARCERIAS  
E DESENVOLVIMENTO**

**Brasília/DF**

**2025**

**CHRISTIANE MANSUR DA SILVA**

**EXTENSÃO NO ENSINO SUPERIOR E ESCOLAS PÚBLICAS: PARCERIAS E  
DESENVOLVIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Modalidade Profissional Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação, Área de Concentração: Desenvolvimento Profissional e Educação. Orientadora: Profa. Dra. Alcyone Vasconcelos.

**Brasília/DF**

**2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS586ee Silva, Christiane Mansur da  
EXTENSÃO NO ENSINO SUPERIOR E ESCOLAS PÚBLICAS: PARCERIAS  
E DESENVOLVIMENTO / Christiane Mansur da Silva; orientador  
Alcyone Vasconcelos. Brasília, 2025.  
104 p.

Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade de  
Brasília, 2025.

1. Educação. 2. Extensão Universitária. 3. Interação  
universidade-escola. 4. Educação Básica. 5. Impacto social;  
. I. Vasconcelos, Alcyone , orient. II. Título.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CHRISTIANE MANSUR DA SILVA

---

Profa. Dra. Alcyone Vasconcelos

Universidade de Brasília /PPGE – MP (Presidente)

---

Profa. Dra. Liliane Campos Machado

Universidade de Brasília – PPGE-MP (Examinadora Interna)

---

Prof. Dr. Helder Eterno da Silveira

Universidade Federal de Uberlândia – UFU (Examinador Externo)

---

Prof. Dr. Bernardo Kipnis (TFE – FE)

Universidade de Brasília – PPGE - MP (Suplente)

**Aos professores e alunos extensionistas e aos  
professores das escolas públicas que acreditam e  
trabalham para uma educação assentada no  
diálogo e na liberdade.**

## **AGRADECIMENTOS**

Gratidão a Deus, pela oportunidade de mais essa conquista. Aos meus pais, que, mesmo de longe, sempre se interessaram por meus estudos e me colocaram em suas orações. À minha família, em especial, à minha esposa, Carla Lucas, que me acompanhou ao longo de todo o processo de realização da pós-graduação com apoio, companheirismo, carinho, muito amor e cooperação nas leituras dos textos e questionamentos, sempre me encorajando. Aos meus filhotes, Jade e Asafe Mansur pelos incentivos carinhosos, sempre valorizando meus esforços e melhorando minha autoestima. À minha orientadora, Profa. Dra. Alcyone Vasconcelos, por ter me acolhido como orientanda, por sempre ter acreditado e depositado sua confiança em mim, por sua atenção, motivação e “puxões de orelhas” que valeram como impulsos para o término desta caminhada. À Profa. Dra. Liliane Campos Machado, pelo acolhimento no Grupo de Estudos e Pesquisas Formação Docente, Currículo, Novas Tecnologias e Inovação nos Processos Formativos na Educação Básica, Superior e em Escolas de Governo (GEPFOCTI), permitindo que eu estivesse sempre perto, observando e aprendendo que docência se faz com competências e emoções. À minha chefe, Neilia Barros, e colegas do setor de Seleção e Aquisição e demais colegas da Biblioteca Central, pelo apoio e incentivo. Aos colegas que conquistei durante o mestrado, pela amizade e colaboração. Aos colegas da Secretaria de Pós-Graduação Modalidade profissional, que, mesmo sobrecarregados, foram sempre solícitos e a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse sonho. Meu muito obrigada!

**“O que dá grandeza às universidades, não é o que se faz dentro delas, é o que se faz com o que elas produzem”.**

**Florestan Fernandes (1959)**

## RESUMO

Este trabalho analisou a interação entre a Universidade de Brasília e a escola pública do Distrito Federal, por meio da extensão universitária. Teve como foco sete projetos extensionistas, desenvolvidos durante os anos de 2020 a 2024, participantes dos editais Licenciaturas em Ação, realizados em escolas da Secretaria de Educação do Distrito Federal. A pesquisa, de natureza aplicada e abordagem qualitativa, analisou a contribuição da extensão universitária para a formação inicial dos estudantes extensionistas, para a formação continuada de professores extensionistas e para a melhoria da qualidade do ensino na educação básica. Os resultados indicam que a extensão cria oportunidades para que os estudantes desenvolvam habilidades profissionais como trabalho em equipe, pensamento crítico e resolução de problemas, assim como gera comprometimento com os problemas sociais. Além disso, a extensão pode contribuir para a atualização e o desenvolvimento profissional dos professores extensionistas, estimulando a inovação em suas práticas pedagógicas, assim como um espaço de formação continuada para os professores das escolas. No entanto, apesar dos benefícios da extensão para o desenvolvimento profissional dos professores extensionistas, a percepção destes ainda se concentra predominantemente no impacto sobre seus alunos. Também foram relatadas pelos professores das escolas que há dificuldade em acessar informações claras sobre os projetos de extensão da UnB. Nesse sentido, a pesquisa destaca a importância da extensão como um espaço de diálogo e colaboração entre as duas instituições, mas ainda expõe a necessidade de maior abertura para a participação das escolas na criação dos projetos, de maneira que atendam às demandas escolares e cooperativamente construam soluções inovadoras para os desafios da educação. Essa parceria permite que a academia reconheça os problemas da comunidade escolar e oportunize o compartilhamento de conhecimentos, desenvolvendo ambas as instituições, e abrindo caminhos para futuras pesquisas. Diante disso, como resposta à demanda de maior facilidade para o diálogo, propõe-se, como produto desta dissertação, o desenvolvimento de uma cartilha prática e organizada, que reúna informações e contatos, com orientações simples e acessíveis.

**Palavras-chave:** educação; extensão universitária; educação básica; impacto social; interação universidade-escola.

## **ABSTRACT**

This study analyzed the interaction between the University of Brasília and public schools in the Federal District through university extension. It focused on seven extension projects developed between 2020 and 2024, participating in the *Licenciaturas em Ação* (Licenciaturas in Action) public notices, held in schools of the Federal District Department of Education. The research, of an applied nature and qualitative approach, analyzed the contribution of university extension to the initial training of extension students, to the continuing education of extension teachers, and to improving the quality of teaching in basic education. The results indicate that extension creates opportunities for students to develop professional skills such as teamwork, critical thinking, and problem-solving, as well as generates commitment to social problems. In addition, extension can contribute to the updating and professional development of extension teachers, stimulating innovation in their pedagogical practices. However, despite the benefits of extension for the professional development of extension teachers, their perception still focuses predominantly on the impact on their students. The research highlights the importance of extension as a space for dialogue and collaboration between the university and the school, but also exposes the need for greater openness to the participation of schools in the creation of projects, so that they meet school demands and cooperatively build innovative solutions to educational challenges. This partnership allows academia to recognize the problems of the school community and provides an opportunity for knowledge sharing, developing both institutions and paving the way for future research. In light of this, teachers reported difficulty in accessing clear information about UnB's extension projects. In response to this demand, the proposal, as a product of this dissertation, is to develop a practical and organized booklet that brings together information and contacts, with simple and accessible guidelines.

**Keywords:** education; university extension; basic education; social impact; university-school interaction.

## LISTA DE FIGURAS

|        |    |                                                                                          |    |
|--------|----|------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura | 1  | Princípios norteadores para extensão universitária                                       | 22 |
| Figura | 2  | Licenciaturas na UnB                                                                     | 26 |
| Figura | 3  | Gráfico das atividades gerais de extensão na UnB (2020–2024)                             | 27 |
| Figura | 4  | Gráfico do avanço da extensão e do número de bolsas pelo Edital<br>Licenciaturas em Ação | 28 |
| Figura | 5  | Rede de polos de extensão da UnB                                                         | 29 |
| Figura | 6  | Fases da Análise de Conteúdo                                                             | 36 |
| Figura | 7  | Regras para a formação do corpus                                                         | 38 |
| Figura | 8  | Revisão de Conceitos                                                                     | 42 |
| Figura | 9  | Modalidades de ações extensionistas                                                      | 57 |
| Figura | 10 | Categorias de análise dos alunos extensionistas                                          | 60 |
| Figura | 11 | Nuvem de palavras                                                                        | 61 |
| Figura | 12 | Categorias de análise Professores Extensionistas                                         | 67 |
| Figura | 13 | Categorias de análise Professores da Escola                                              | 80 |
| Figura | 14 | Benefícios da extensão para professores das Escolas                                      | 84 |

## **LISTA DE TABELAS**

|          |                                                                               |    |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 | Atividades gerais de extensão na UnB (2020–2024)                              | 27 |
| Tabela 2 | Avanço da extensão e do número de bolsas pelo Edital<br>Licenciaturas em Ação | 28 |

## **LISTA DE QUADROS**

|          |                                                                 |    |
|----------|-----------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 | Projetos analisados                                             | 32 |
| Quadro 2 | Categorias de análise dos três grupos de entrevistados          | 39 |
| Quadro 3 | Estratégia de busca e filtros utilizados na pesquisa CAPES      | 43 |
| Quadro 4 | Pesquisa na base de dados da CAPES                              | 44 |
| Quadro 5 | Pesquisa na base de dados da BDTD                               | 51 |
| Quadro 6 | Categoria de análise desenvolvimento de capacidades específicas | 64 |

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

|                 |                                                                                                                                                                      |
|-----------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>BDTD</b>     | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações                                                                                                                |
| <b>CAPES</b>    | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior                                                                                                          |
| <b>CF</b>       | Constituição Federal                                                                                                                                                 |
| <b>CEPE</b>     | Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão                                                                                                                              |
| <b>CNE</b>      | Conselho Nacional de Extensão                                                                                                                                        |
| <b>CNPq</b>     | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico                                                                                                        |
| <b>CEPAE</b>    | Comissão Permanente de Avaliação de Extensão                                                                                                                         |
| <b>DAPLI</b>    | Diretoria de Planejamento e Acompanhamento Pedagógico das Licenciaturas                                                                                              |
| <b>DEX</b>      | Decanato de Extensão                                                                                                                                                 |
| <b>DEG</b>      | Decanato de Ensino de Graduação                                                                                                                                      |
| <b>DF</b>       | Distrito Federal                                                                                                                                                     |
| <b>DTE</b>      | Diretoria Técnica de Extensão                                                                                                                                        |
| <b>ETFC</b>     | Escola Técnica Federal de Campos dos Goytacazes                                                                                                                      |
| <b>FORPROEX</b> | Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Públicas Brasileiras                                                                         |
| <b>FUB</b>      | Fundação Universidade de Brasília                                                                                                                                    |
| <b>GDF</b>      | Governo do Distrito Federal                                                                                                                                          |
| <b>GEPFOCTI</b> | Grupo de Estudos e Pesquisas Formação Docente, Currículo, Novas Tecnologias e Inovação nos Processos Formativos na Educação Básica, Superior e em Escolas de Governo |
| <b>IBEU</b>     | Indicadores Brasileiros de Extensão Universitária                                                                                                                    |
| <b>IES</b>      | Instituição de Ensino Superior                                                                                                                                       |
| <b>IPES</b>     | Instituições Públicas de Educação Superior                                                                                                                           |
| <b>LDB</b>      | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional                                                                                                                       |

|                  |                                                      |
|------------------|------------------------------------------------------|
| <b>MEC</b>       | Ministério da Educação                               |
| <b>PEAC</b>      | Projeto de Extensão de Ação Contínua                 |
| <b>PIBEX</b>     | Programa Institucional de Bolsas de Extensão         |
| <b>PNE</b>       | Plano Nacional de Educação                           |
| <b>PNEU</b>      | Política Nacional de Extensão Universitária          |
| <b>PNExt</b>     | Plano Nacional de Extensão                           |
| <b>PPGE</b>      | Programa de Pós-Graduação em Educação                |
| <b>PROEXTE</b>   | Programa de Fomento à Extensão Universitária         |
| <b>RENEX</b>     | Rede Nacional de Extensão                            |
| <b>SEEDF</b>     | Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal |
| <b>SIEX</b>      | Sistema de Extensão                                  |
| <b>SIGAA</b>     | Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas |
| <b>SINPRO DF</b> | Sindicato dos Professores do Distrito Federal        |
| <b>UFRGS</b>     | Universidade Federal do Rio Grande do Sul            |
| <b>UFSM</b>      | Universidade Federal de Santa Maria                  |
| <b>UnB</b>       | Universidade de Brasília                             |

## SUMÁRIO

|                                                                                      |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                             | <b>16</b>  |
| 1.1 Extensão Universitária na UnB .....                                              | 24         |
| 1.2 O Problema da Pesquisa .....                                                     | 30         |
| 1.3 Objetivos .....                                                                  | 30         |
| 1.3.1 Objetivo geral .....                                                           | 30         |
| 1.3.2 Objetivos específicos.....                                                     | 30         |
| <b>2 METODOLOGIA.....</b>                                                            | <b>31</b>  |
| 2.1 Abordagem Metodológica da Pesquisa .....                                         | 31         |
| 2.2 Participantes da Pesquisa.....                                                   | 32         |
| 2.3 Coleta de Dados.....                                                             | 35         |
| 2.4 Análise de Dados.....                                                            | 36         |
| <b>3 O ESTADO DA ARTE .....</b>                                                      | <b>40</b>  |
| 3.1 Trabalhos publicados no Portal de Periódicos da CAPES .....                      | 42         |
| 3.2 Trabalhos publicados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações .. | 51         |
| <b>4 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>                                                   | <b>54</b>  |
| <b>5 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>                                                | <b>58</b>  |
| 5.1 Saberes, práticas e cidadania na extensão universitária .....                    | 58         |
| 5.2 Extensão e Qualificação docente em perspectiva.....                              | 65         |
| 5.3 Ensino Superior e Educação Básica de Escolas Públicas: diálogos em extensão      | 78         |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                  | <b>88</b>  |
| <b>PRODUTO TÉCNICO .....</b>                                                         | <b>91</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                              | <b>93</b>  |
| <b>APÊNDICES .....</b>                                                               | <b>101</b> |
| APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS EXTENSIONISTAS                          |            |

|                                                            |     |
|------------------------------------------------------------|-----|
| .....                                                      | 101 |
| APÊNDICE B: ROTEIRO ENTREVISTA COM PROFESSOR EXTENSIONISTA |     |
| .....                                                      | 102 |
| APÊNDICE C: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES QUE      |     |
| ACOMPANHARAM O PROJETO NA ESCOLA .....                     | 103 |

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisa a interação entre o ensino superior e a educação básica por meio de ações extensionistas, buscando compreender como essas iniciativas contribuem para a formação inicial de estudantes, a formação continuada dos docentes universitários e a melhoria do ensino básico.

A extensão universitária no Brasil, por muito tempo relegada, vista como uma atividade secundária nas instituições de ensino superior, tornou-se um pilar fundamental que possibilita a interação entre diferentes setores da sociedade por meio das ações de cooperação.

Sua trajetória é marcada por avanços e desafios, sendo marcos importantes o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX) e os Planos Nacionais de Educação (PNEs).

Ao longo dos anos, O FORPROEX, mediante discussões regionais e nacionais, propôs diretrizes e políticas públicas para o fortalecimento da extensão como mecanismo de mudanças sociais por meio da educação.

Os Planos Nacionais de Educação implementaram as diretrizes que moldaram a relação entre as universidades e a sociedade, visando integrar a academia às demandas da comunidade externa, buscando impulsionar uma educação mais comprometida com a transformação social.

Compreender a dinâmica histórica que envolveu a extensão é importante para compreender as relações entre ensino superior e sociedade, bem como o impacto das políticas públicas na prática extensionista.

Inicialmente, as atividades extensionistas seguiam modelos ingleses e estadunidenses, oferecendo cursos e conferências (modelo inglês) e realizando prestações de serviços (modelo estadunidense) (Deus, 2020; Abreu, 2020).

Inspirada por movimentos estudantis latino-americanos que reivindicavam uma educação mais democrática e participativa, principalmente a reforma universitária de Córdoba, na Argentina, em 1918, a extensão passou a se voltar para a realidade local, idealizando as universidades como catalisadoras de transformação social e de colaboração ativa com a comunidade (Deus, 2020; Oliveira, 2022).

Na reforma universitária brasileira de 1931 (Brasil, 1931), a extensão foi regulamentada, expressando o objetivo em oferecer soluções para problemas sociais, mas sem estabelecer interação ou diálogo com a sociedade, conforme o artigo a seguir demonstra, mantendo o texto original em sua ortografia.

Art. 42. A extensão universitária será effectivada por meio de cursos e conferencias de caracter educacional ou utilitario, uns e outros organizados pelos diversos institutos da universidade, com prévia autorização do conselho universitario.

§ 1º Os cursos e conferencias, de que trata este artigo, destinam-se principalmente á difusão de conhecimentos uteis á vida individual ou collectiva, á solução de problemas sociais ou á propagação de idéas e principios que salvaguardem os altos interesses nacionais.

O papel da universidade, principalmente a pública, incluía a sociedade como destinatários da produção de conhecimento, meros recebedores destes produtos, sobretudo para interesses do Estado (Lisboa Filho, 2022).

Discussões sobre um papel mais ativo da universidade, que buscasse soluções para problemas nacionais, foram crescentes nas décadas seguintes, tal como enfatizado por Paulo Freire (2013), Darcy Ribeiro (1986) e Anísio Teixeira (1998). A extensão como instrumento de colaboração com outros setores sociais e não apenas difusora de conhecimento, se projetava, em contraposição ao sistema de prestação de serviços do ensino superior dos EUA.

Em “Extensão ou Comunicação?” (2013), texto originalmente escrito em 1969 durante sua atuação com camponeses no Chile, durante seu exílio forçado pela ditadura militar (1964-1985), que não aceitava sua pedagogia conscientizadora, Paulo Freire desaprova o próprio termo “extensão”, porque o remetia à uma extensão bancária, como um prolongamento da universidade *sobre* os sujeitos. Exatamente por entender que o conhecimento é construído dialogicamente, ele prefere o termo comunicação, reafirmando uma concepção de extensão como relação educativa, baseada em coautoria para a transformação da realidade, de maneira que “ [...] aos homens se lhes problematiza sua situação concreta, objetiva, real, para que, captando-a criticamente, atuem também criticamente, sobre ela” (Freire, 2013, p. 15).

Em “Universidade pra quê?”, Darcy Ribeiro (1986, p. 5) destaca: “o ensino superior deve cultivar o saber humano e que o cultive não como um ato de fruição erudita ou de vaidade acadêmica, mas com o objetivo de, montada nesse saber, pensar o Brasil como problema.”

Anísio Teixeira, defensor da educação pública, básica e universitária (Teixeira, 1988) acreditava na educação como ferramenta de mudanças sociais e por isso defendia a universalização e o desenvolvimento da educação básica através da qualificação de professores, atividades de pesquisa e da aproximação dos níveis de ensino que ligassem ações extensionistas às atitudes sobre o real e o concreto.

A visão desses sociólogos, educadores e intelectuais que se preocuparam com a educação, valorizava um modelo de ensino mais próximo da realidade brasileira, voltado para

a transformação social, libertadora e emancipatória. Defendiam uma universidade atuante, em diálogo com a sociedade, crítica, de forma que contribuísse para um ensino mais significativo e relevante, oportunizando a formação de profissionais mais engajados e conscientes do seu papel na sociedade. Essas concepções influenciaram significativamente a organização da Lei de Diretrizes de Bases (LDB) de 1996.

Entretanto, Rocha (2013) e Jimenez (2023) observam que as primeiras Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), estabelecidas pela Lei 4.024 de 1961, não promoveram essa integração. Limitaram-se a mencionar apenas os cursos oferecidos, o que não representou avanço em relação ao Estatuto de 1931, que já destacava a função de vincular a universidade aos demais setores da sociedade (Brasil, 1961), via atividades de extensão.

Com o golpe de Estado, em 1964, um modelo universitário externo, fortemente inspirado nas correntes estadunidenses e europeias foi imposto, fortalecendo o foco da extensão em fins assistencialistas, comerciais e empresariais (Serrano, 2013).

A reforma universitária de 1968, fixou “normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média”, mas não foi desenvolvida uma formação conscientizadora dos estudantes da academia que os aproximasse da sociedade para observar e aprender, continuando com foco em contribuições assistencialistas (Rocha, 2013).

Neste período, segundo Lima (2015), para administrar as demandas políticas estudantis que estouravam em manifestações nas grandes capitais e, as questões de segurança das fronteiras amazônicas, foi criado o Projeto Rondon em 1968, com a campanha de envolver os estudantes na realidade do país.

O Projeto, coordenado à época, pelo Ministério da Guerra, levava estudantes para prestar assistência às regiões mais afastadas dos centros políticos e comerciais do país, como a princípio, a região norte, e mais tarde, às regiões de maior pobreza de seus próprios estados.

As chamadas “operações”, promoviam serviços, principalmente de saúde e educação, e foram consideradas um sucesso por seus apoiadores. Universitários com diversos propósitos aderiram à proposta, que se tornou uma marca registrada de “colaboração universitária” com o governo militar, que mantinha sob intervenção as instituições de ensino superior, abrigada pela ideologia da segurança nacional.

Serrano (2013) e Lisboa Filho (2022) avaliam que o projeto serviu aos interesses do governo ditatorial militar ao dispersar os movimentos estudantis. Ainda assim, possibilitou aos participantes o contato com outras realidades sociais e experiências para a formação docente.

Lima (2015), contudo, ressalta que o foco do programa estava na prestação de serviços e que a logística era coordenada pelas Forças Armadas.

Com o retorno da democracia, o projeto Rondon foi extinto em 1989, mas retornou, em 2001, com novo formato, por iniciativa da Associação Nacional dos Rondonistas, composta por integrantes ligados aos formadores da primeira versão.

Atualmente a participação no projeto é voluntária. As instituições de ensino superior selecionam propostas que são enviadas ao Ministério da Defesa, que escolhem aquelas de acordo com a qualidade das propostas. Embora ainda coordenado por esse ministério, as ações são realizadas com outros gabinetes ministeriais, realizando ações em comunidades vulneráveis, por meio de propostas de sustentabilidade, com foco em reprodução e multiplicação de práticas sociais transformadoras.

Com a abertura do regime autoritário no final dos anos 80, o debate sobre o papel da universidade foi ampliado. Novos movimentos e discussões sobre a extensão foram fortalecidos, colaborando para o surgimento do FORPROEX em 1987 (Lisbôa Filho, 2022).

O Fórum nasceu com a missão de refletir sobre “o compromisso da universidade com a transformação da sociedade brasileira em direção à justiça, à solidariedade e à democracia” (FORPROEX, 2010), desempenhando um papel importante nos debates e na prática sobre a educação superior no Brasil, promovendo e estabelecendo políticas acadêmicas relacionadas à extensão.

Segundo informações do próprio FORPROEX, o Fórum busca facilitar a comunicação entre as instituições públicas de ensino superior, os governos e outros setores da sociedade, com foco na extensão formativa, de maneira que haja “desenvolvimento profissional, articulado às demandas da sociedade e à própria transformação social”.

Essa concepção é reforçada por seu presidente nacional (2024), professor Silveira (2023), ao destacar que a extensão deve integrar-se ao ensino e à pesquisa, gerando impactos concretos na formação discente e no entorno social.

A extensão como parte integrante do ensino e da pesquisa foi formalizada pela Constituição de 1988 no caput do Art. 207: “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”.

Posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 1996, embora não tenha especificado os modos de operacionalização da extensão,

estabeleceu em seu Artigo 43 os seguintes objetivos da educação superior:

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares (Brasil, 1996).

Em conformidade com o Artigo 214 da Constituição Federal de 1988, foi estabelecido o Plano Nacional de Educação (PNE), um documento elaborado pelo MEC e aprovado pela Lei 10.172/2001, que define metas, objetivos e estratégias para a educação no Brasil a serem desenvolvidas no período de dez anos. O documento manteve a inseparabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como funções constitucionais da universidade com a “missão de contribuir para o desenvolvimento do País” (Brasil, 2001).

O FORPROEX reconheceu a necessidade da participação dos órgãos colegiados nas questões relacionadas à extensão universitária, com intuito de aumentar a discussão sobre o papel social universitário, a valorização da extensão como parte do tripé formador da instituição e a obtenção de recursos, como as demais funções da universidade. Assim, mobilizado pelo FORPROEX, foi inserida proposta de institucionalização das atividades de extensão nos currículos por meio da meta 23, a ser alcançada no PNE 2001-2010.

Implantar o Programa de Desenvolvimento da Extensão Universitária em todas as Instituições Federais de Ensino Superior no quadriênio 2001-2004 e assegurar que, no mínimo, 10% do total de créditos exigidos para a graduação no ensino superior no País será reservado para a atuação dos alunos em ações extensionistas.

A meta não foi cumprida, segundo Jimenez (2023), sob justificativa da ausência de regulamentações que não traziam uma orientação clara sobre a forma como as atividades de extensão deveriam ser realizadas.

As metas foram reconduzidas para o PNE 2014-2024, que determinou que fosse assegurado: “no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social” (Brasil, 2014).

Esse processo de inclusão da extensão nos currículos dos cursos superiores, conhecido como creditação, integralização ou curricularização, mostra-se como uma força motriz no

processo de formação, igualando as três dimensões do ensino superior. (Mattos, 2023)

A curricularização da extensão reforça o entendimento de que o currículo é o instrumento organizador das práticas pedagógicas que levarão aos objetivos educacionais desejados. Como afirma Sacristan (2000), é o currículo que orienta o processo ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a inclusão da extensão consolida sua importância como alicerce do ensino superior, preparando os estudantes para o desenvolvimento de competências técnicas e comportamentais, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma formação profissional e cidadã.

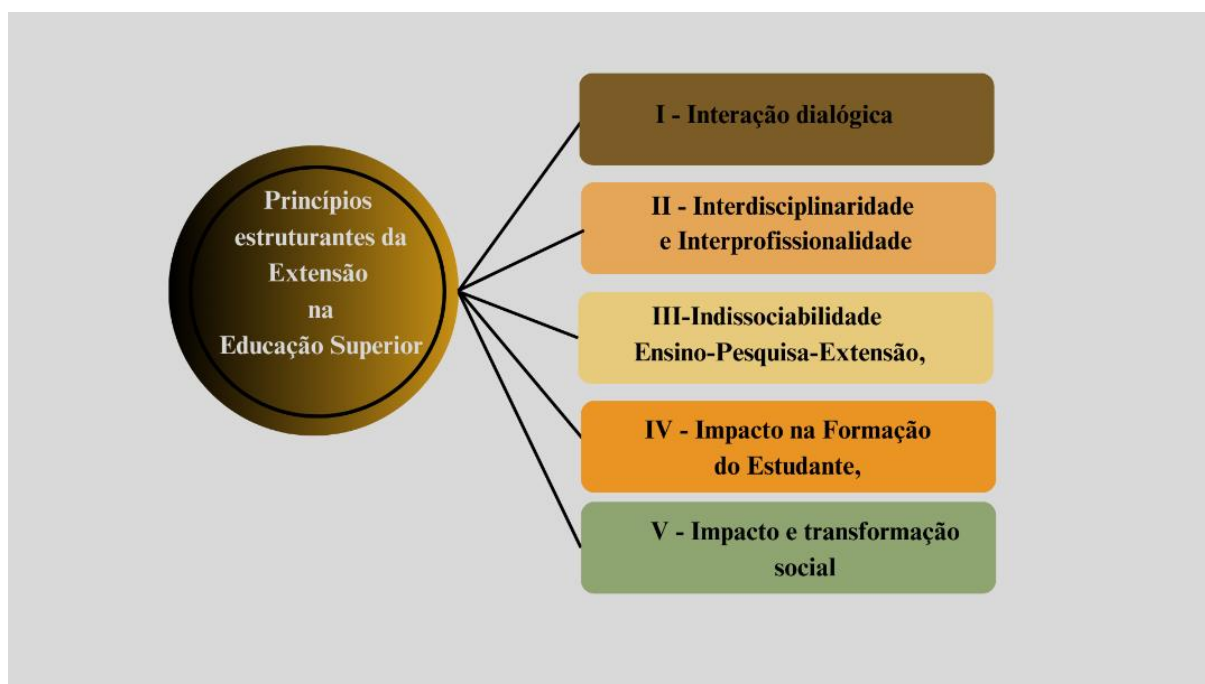
Mas foi em 2018, com a Resolução nº 7, que o Conselho Nacional de Educação (CNE), órgão de assessoramento do Ministério da Educação (MEC), que os princípios, diretrizes e conceitos para a extensão em todo o sistema de educação superior do país (públicas e particulares) foram definidos como:

atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (Brasil, 2018, p. 1-2).

O histórico nos mostra uma evolução lenta, firmada sobre os debates do FORPROEX, que colaborou para a criação de políticas públicas que alavancaram a extensão até sua integração no currículo. Entretanto, como será demonstrado no capítulo 6, com os resultados da pesquisa, ainda há necessidade de ampliar a discussão na universidade, principalmente entre os docentes e departamentos de extensão, a fim de reforçar a relevância da extensão como um eixo legítimo.

A Resolução nº7 de 2018 firmou princípios de avaliação das ações de extensão que devem ser realizados pelos pares, pelo governo e de forma auto avaliativa. São eles: interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; impacto na formação do estudante, impacto e transformação social.

**Figura 1** - Princípios norteadores para a extensão universitária



Fonte: Elaborado pela autora, segundo a Resolução CNE nº 7, 2018

O foco da extensão, que antes estava voltado para a prestação de serviços, marcado pelo assistencialismo, deve agora, oficialmente, pela resolução nº7/2018, estar conectado às demandas da realidade social, com o propósito de impactar o ensino básico, a pesquisa e a formação dos estudantes universitários.

Nesta dissertação, aluno extensionista significa universitário que participa ou participou em projetos de extensão; professor extensionista significa docente universitário que trabalha ou trabalhou em projetos de extensão e professor da escola é o profissional que acompanhou as atividades lá realizadas e assim participou das entrevistas.

O interesse pelo diálogo entre ensino superior e básico surgiu da reflexão da autora sobre seu percurso social e educacional. Filha de soldador do ABC paulista, Antônio Jorge e da dona de casa Rosa Amélia, cursou todas as etapas da educação básica e superior no âmbito público.

Depois de formar-se no curso fundamental de escolas estaduais, ingressou na então Escola Técnica Federal de Campos – ETFC (hoje Instituto Federal Fluminense), vindo a tornar-se servidora pública, por meio de concurso de nível médio quando ainda era aluna.

Durante 32 anos de serviço, tem atuado em instituições de ensino público, como no Centro Federal de Educação Tecnológica de Química do Rio de Janeiro – CEFET-QUIMICA-

RJ (hoje, Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ), Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul - UFSM e desde 2005, na Universidade de Brasília - UnB, vivenciando as conquistas e as dificuldades dessas Instituições de Ensino que transformaram a vida de muitos jovens, incluindo a sua.

Além da própria vivência como aluna e servidora, a autora acompanhou o desenvolvimento de seus dois filhos durante todo o ensino básico em escolas públicas do Distrito Federal e continua em contato com o cotidiano escolar por meio dos relatos de sua companheira, como professora na Secretaria de Educação, além de feedback dos seus colegas mestrandos, que, em grande número, são professores do ensino básico público do governo do Distrito Federal.

Surge então a pergunta: qual o papel da universidade ao receber alunos para informar e formar, para serem professores, os quais também já foram alunos? o que foi trazido, reforçado, transformado e em que se pode retribuir? Ocorre essa retroalimentação com a sociedade? Como ocorre?

Silveira (2023) explica que a extensão, dentro do ensino superior, exerce função pedagógica porque é a ferramenta mais qualificada para a interação entre universidade e sociedade, com maior oportunidade de troca de conhecimentos e circunstâncias favoráveis às experiências para uma construção conjunta de soluções dos problemas sociais (Silveira, 2023).

Segundo o professor, se considerarmos esta pedagogia, será possível garantir que as atividades extensionistas sejam relevantes e significativas para professores, estudantes e para a comunidade (Silveira, 2023).

Mesmo estando no debate da universidade desde sua criação no Brasil, no início do século XX, só mais recentemente a extensão tem ganhado força para que seu papel engajador nos problemas sociais seja de fato cumprido pela academia, para que, juntos, o ensino e a pesquisa trabalhem com ações concretas, contextualizadas, gerando impacto transformador sobre seu território e sobre si própria, como defendeu Freire (2011).

Assim, com base no conceito de extensão universitária como um processo interdisciplinar, o estudo centra-se em 7 projetos de extensão desenvolvidos pela UnB no período de 2020 a 2024, que participaram do Edital Licenciaturas em Ação. Segundo os documentos que regem a UnB e as diretrizes do FORPROEX, tais ações integram ensino, pesquisa e extensão.

Pretende-se com esta pesquisa, investigar se os participantes: professores e alunos

extensionistas e professores das escolas envolvidas, percebem a extensão como ferramenta de diálogo e transformação, contribuindo para o desenvolvimento coletivo.

### **1.1 Extensão Universitária na UnB**

O conceito de extensão discutido e definido pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), apresenta-se em 2012, por meio do documento Política Nacional de Extensão Universitária:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012, p. 15).

Freire (2013) prefere usar o termo comunicação no lugar de extensão, pois considera que as ações universitárias só alcançam êxito se forem dialogadas com a sociedade de maneira consciente, dentro do contexto concreto, da realidade da escola: “Isto só se dá na comunicação e intercomunicação dos sujeitos pensantes a propósito do pensado, e nunca através da extensão do pensado de um sujeito até o outro” (Freire, 2013, p. 59).

Os conceitos se entrelaçam na Universidade de Brasília (UnB), que por meio da Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) Nº 0127/2024, em seu Art. 1º, declara:

Compreende-se por extensão universitária a ação que se integra em articulação permanente e indissociável à matriz curricular e à organização da pesquisa e inovação, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, esportivo, científico e tecnológico, capaz de promover a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, especialmente considerando segmentos não acadêmicos, por meio da produção dialógica e da difusão do conhecimento (UnB, 2024, p.1).

Antes mesmo de sua inauguração em 1962, a Universidade de Brasília já trazia, nos discursos de seus idealizadores, a missão de transformar. Para Darcy Ribeiro (1995), a universidade é um instrumento de transformação de si mesma, de seu território e de seu país. Em sua concepção, utopia é “um pensamento concreto da coisa que se pode fazer a partir da realidade concreta e que precisa ser transformada”.

O sociólogo, político e educador prescreve como missão para a instituição que: “as questões cruciais que estão postas para a nação também dizem respeito à universidade. O

destino da universidade brasileira é o Brasil. O Brasil é nossa missão” (Ribeiro, 1986, p. 26).

A proposta era que a universidade atuasse para uma educação crítica, que se engajasse às necessidades de seu país e que essa tarefa fosse realizada de maneira síncrona, tendo o conhecimento científico, tecnológico e humanístico avançando de modo articulado, com a cooperação da sociedade e integrada a ela para ser de fato “atuante e necessária”, como reforça o slogan utilizado no aniversário de 60 anos da universidade: “**Atuante como sempre, necessária como nunca**”, inspirado no discurso de um de seus idealizadores e primeiro reitor, Darcy Ribeiro. (Ribeiro, 1986, p.26).

Os documentos normativos da extensão na UnB, disponibilizados pelo Decanato de Extensão (DEX), expressam essa conduta integrativa com a sociedade e incentivam ações alinhadas aos propósitos utópicos de seus fundadores. As atividades são orientadas por resoluções, decretos e editais, que, por sua vez, seguem as diretrizes estabelecidas no Estatuto e Regimento Geral da instituição.

O documento normativo mais recente, em sua 10ª edição (2025) reafirma o compromisso com a integração entre ensino, pesquisa e extensão, estabelecendo como finalidade a “formação de cidadãos qualificados para o exercício profissional e empenhados na busca de soluções democráticas para os problemas nacionais.”

A concepção de extensão assumida pela UnB na Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) Nº 0127/2024, declara no Art. 1º:

Compreende-se por extensão universitária a ação que se integra em articulação permanente e indissociável à matriz curricular e à organização da pesquisa e inovação, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, esportivo, científico e tecnológico, capaz de promover a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, especialmente considerando segmentos não acadêmicos, por meio da produção dialógica e da difusão do conhecimento.

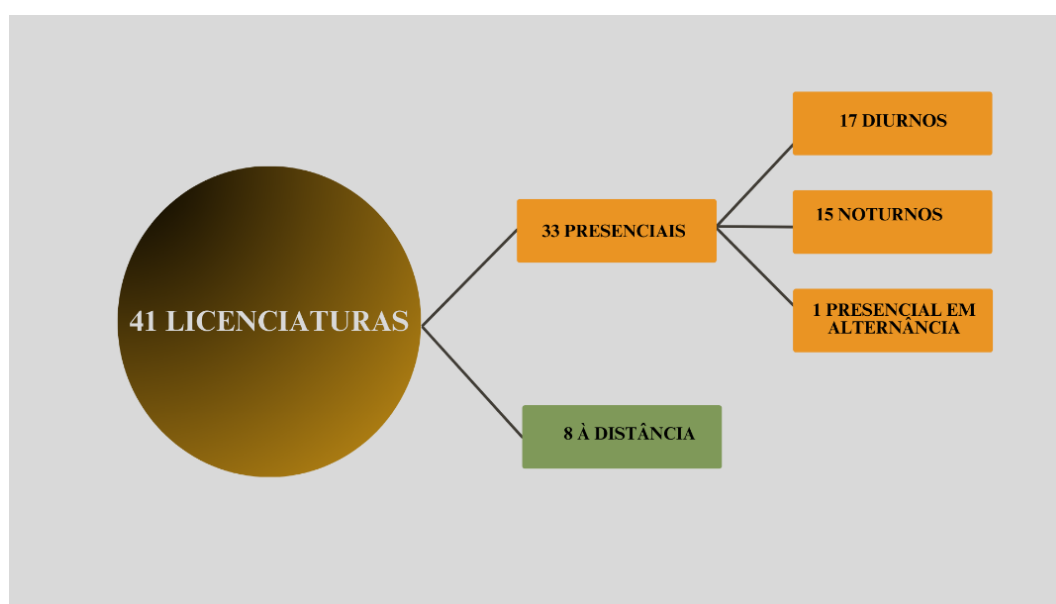
Nesta resolução é estabelecida a natureza, a classificação, os fundamentos, os objetivos, princípios e diretrizes, entre outros assuntos referentes às ações de extensão da Universidade de Brasília, que se conciliam com documento emitido Resolução nº 7 de 2018 do CNE, destacados na Figura 1, demonstrado no capítulo 1 deste trabalho. Nele a ideia de extensão como espaço de diálogo e transformação mútua é reforçada, em consonância com os princípios freirianos e os ideais de Darcy Ribeiro.

A organização das atividades de extensão na UnB é de responsabilidade do DEX. Ele atua em articulação com outros setores da universidade, como o Decanato de Ensino de

Graduação (DEG) e a Diretoria de Planejamento e Acompanhamento Pedagógico das Licenciaturas (DAPLI). Entre suas atribuições, estão a de promover atividades que fortaleçam a integração entre os saberes e culturas científicas, incentivar a criação de projetos por meio de publicações de editais com concessões de bolsas aos estudantes e a criação de novas iniciativas extensionistas.

A universidade oferece atualmente quarenta e um cursos de licenciaturas. Destes, trinta e três são presenciais e oito são realizados à distância, vinculados ao Programa Universidade Aberta do Brasil.

**Figura 2 - Licenciaturas na UnB**



Fonte: Elaborado pela autora

Dentre as diversas iniciativas extensionistas da UnB, o Edital Licenciaturas em Ação merece destaque especial, pois constitui o principal eixo mobilizador dos projetos analisados nesta pesquisa.

Criado em 2020 mediante parceria entre o DEX, o DEG e a DAPLI, o edital fomenta projetos que articulam ensino, pesquisa e extensão com a realidade das escolas públicas do Distrito Federal.

Desde sua criação, o edital tem estimulado a participação ativa de estudantes, oferecendo bolsas com duração de um ano, sem possibilidade de renovação para o mesmo aluno no ano seguinte. Ainda assim, a experiência é tão significativa que, aqueles que podem, continuam

como voluntários, mesmo após o fim do período de bolsa, motivados pelo envolvimento e pelo impacto positivo da experiência.

De 2020 a 2024, o edital viabilizou 191 projetos e concedeu 641 bolsas, com crescimento progressivo a cada edição, promovendo um grande impulso na extensão dos cursos de licenciaturas da Universidade de Brasília (UnB), conforme dados do DEX e dos Relatórios de Gestão da universidade.

A seguir, são apresentados os dados que demonstram a evolução das atividades de extensão realizadas na UnB no período de 2020 a 2024.

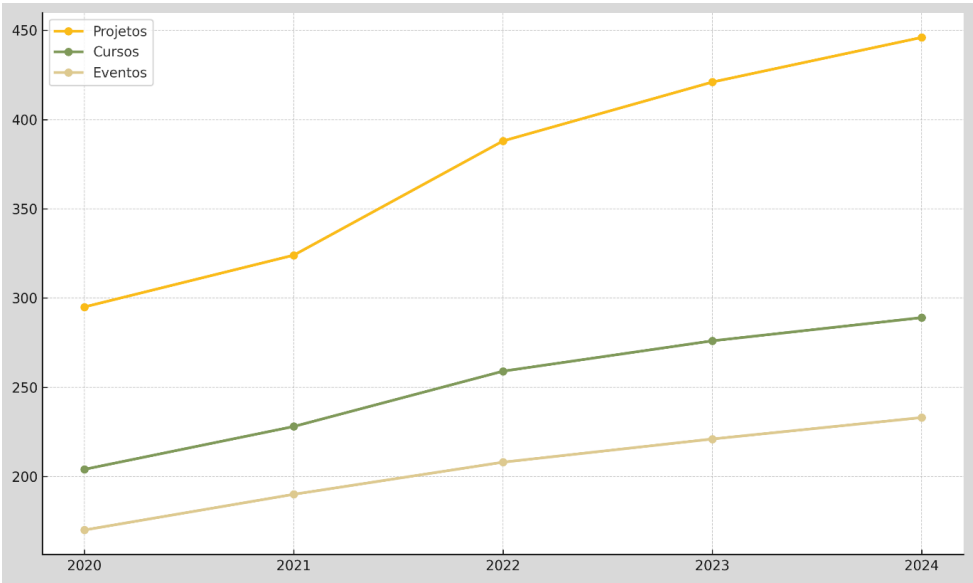
Os dados estão organizados em duas tabelas, com seus respectivos gráficos: as atividades gerais de extensão da universidade, extraídas dos Relatórios de Gestão Institucional (tabela 1), e as ações promovidas especificamente pelo Edital Licenciaturas em Ação (tabela 2), informados pelo DEG.

**Tabela 1:** Atividades gerais de extensão na UnB (2020–2024)

| Ano  | Projetos | Programas | Cursos | Eventos |
|------|----------|-----------|--------|---------|
| 2020 | 295      | 7         | 204    | 170     |
| 2021 | 564      | 9         | 489    | 360     |
| 2022 | 518      | 10        | 437    | 274     |
| 2023 | 578      | 11        | 492    | 304     |
| 2024 | 617      | 12        | 512    | 326     |

Fonte: Dados extraídos dos Relatórios de Gestão da UnB (2020–2024), adaptado pela autora, 2024.

**Figura 3:** Gráfico das atividades gerais de extensão na UnB (2020–2024)

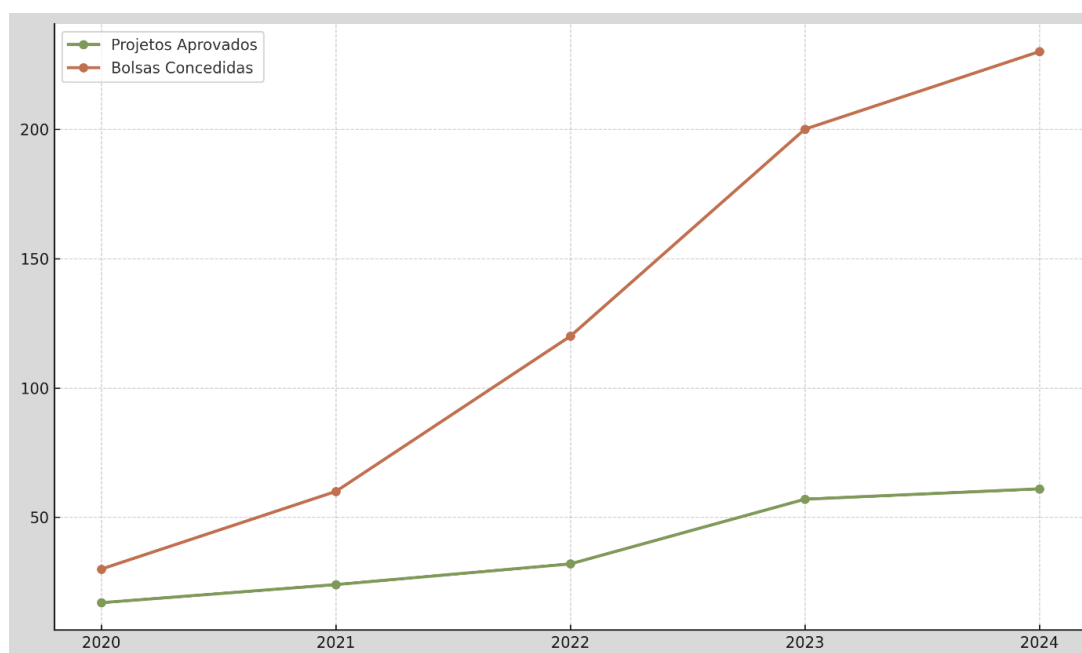


Fonte: Dados extraídos dos Relatórios de Gestão da UnB (2020–2024), adaptado pela autora, 2024.

**Tabela 2:** Avanço da extensão e do número de bolsas pelo Edital Licenciaturas em Ação

| Ano  | Projetos Aprovados | Bolsas Concedidas |
|------|--------------------|-------------------|
| 2020 | 17                 | 30                |
| 2021 | 24                 | 60                |
| 2022 | 32                 | 120               |
| 2023 | 57                 | 200               |
| 2024 | 61                 | 230               |

Fonte: Elaborado pela autora, segundo tabela disponível em [deg.unb.br](http://deg.unb.br)

**Figura 4:** Gráfico do avanço da extensão e do número de bolsas pelo Edital Licenciaturas em Ação

Fonte: Elaborado pela autora, segundo tabela disponível em [deg.unb.br](http://deg.unb.br)

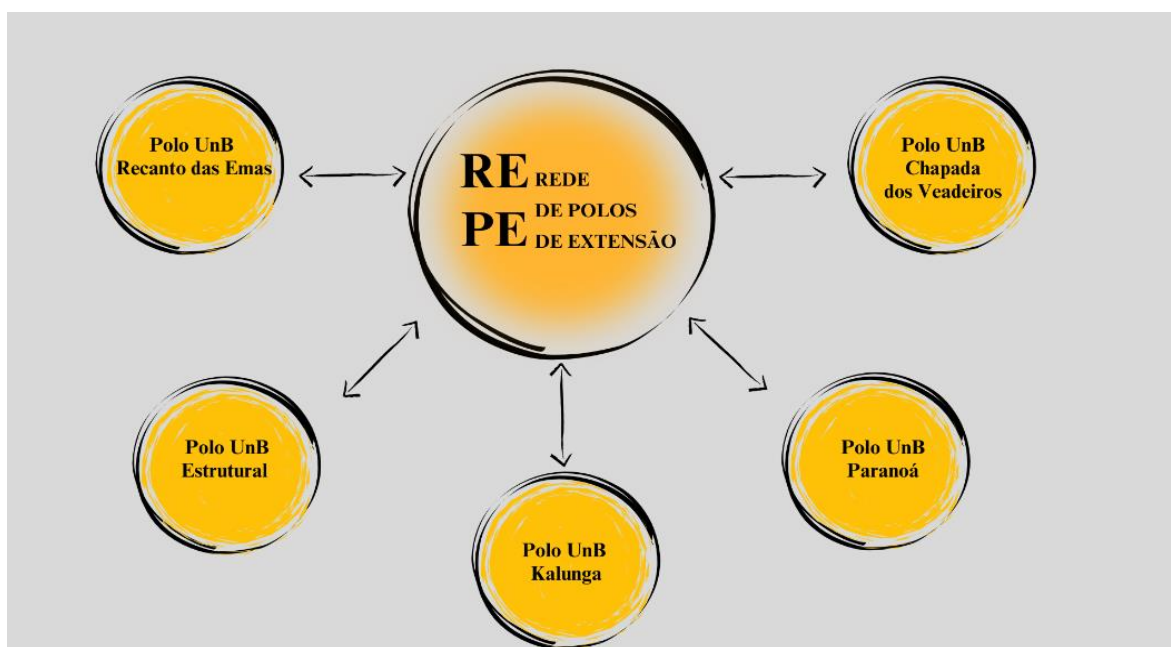
Os gráficos (figuras 3 e 4) mostram o crescimento geral das atividades de extensão da UnB e destacam os dados específicos do Edital Licenciaturas em Ação.

Enquanto os números institucionais dão uma ideia da diversidade e da quantidade de ações extensionistas desenvolvidas na universidade como um todo, os dados do edital ajudam a perceber como ele vem se tornando uma política importante, especialmente na formação de futuros professores e na aproximação entre universidade e escola pública, foco central deste trabalho

Outro marco relevante no fortalecimento da extensão é a criação da Rede de Polos de Extensão (REPE), um programa de ação contínua que articula projetos e atividades em territórios específicos do Distrito Federal e entorno, promovendo a integração da universidade com comunidades locais por meio de ações participativas, culturais, científicas e educacionais.

São cinco polos em funcionamento (figura 5): Estrutural, Recanto das Emas, Paranoá, território Kalunga (nos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre, em Goiás) e Chapada dos Veadeiros (em Alto Paraíso, GO). Essas ações são integradas às comunidades locais e às instâncias do poder público, buscando agregar ensino e pesquisa.

**Figura 5** - Rede de polos de extensão da UnB



Fonte: Elaborada pela autora, segundo site do DEX/UnB

Por fim, é importante destacar outras ações relevantes realizadas pela UnB, como o “Programa Maria da Penha vai à Escola”, em parceria com o TJDF e a Secretaria de Educação do DF, voltado à prevenção da violência de gênero por meio de oficinas formativas em escolas públicas; o “Programa Vivência UnB”, que promove visitas de estudantes do ensino médio ao campus, aproximando a universidade das escolas; e o “Programa Estratégico Mulheres e Meninas na Ciência”, criado para incentivar a presença feminina em carreiras científicas.

## **1.2 O Problema da Pesquisa**

Inserida no campo de estudos “Processos Formativos e Profissionalidades”, esta pesquisa busca responder à seguinte questão: De que forma a extensão universitária das licenciaturas da UnB contribui para a formação integral dos alunos extensionistas, para a formação continuada de professores extensionistas e para a melhoria da qualidade do ensino em escolas públicas do Distrito Federal?

## **1.3 Objetivos**

### **1.3.1 Objetivo geral**

O estudo tem como finalidade principal investigar a relação entre o ensino superior e a educação básica, utilizando as ações de extensão como ferramenta de análise. Para alcançar o objetivo geral, a pesquisa se estrutura em três objetivos específicos.

### **1.3.2 Objetivos específicos**

1. Entender de que forma a extensão contribui para o desenvolvimento dos alunos universitários que participam dessas atividades.
2. Identificar como os professores da UnB avaliam o impacto da extensão em suas práticas de ensino e em suas pesquisas.
3. Investigar como a extensão contribui com a escola pública do DF, a partir da perspectiva dos profissionais que nela atuam.

A dissertação está organizada em 4 capítulos. O primeiro apresenta a contextualização histórica da extensão e seu desenvolvimento na UnB. Ainda nesta divisão serão esclarecidos o objetivo geral e os específicos, que conduziram a pesquisa para responder à pergunta definidora do foco da investigação.

O capítulo 2 apresenta a revisão da literatura e o estado da arte. Este tem o objetivo de abordar as pesquisas que trataram do tema, observando o espaço no qual esta pesquisa pode contribuir, justificando o estudo.

O terceiro capítulo apresenta os referenciais teóricos sobre os quais a pesquisa se desenvolveu e foi embasada: pesquisadores e teóricos que conceituaram a extensão, bem como as concepções e os compromissos assumidos pela universidade em seus documentos.

O quarto capítulo expõe a metodologia utilizada na coleta, análise e interpretação dos

dados. Enfim, o conjunto de procedimentos e técnicas que apoiaram a execução dos trabalhos, de maneira que foi possível responder à pergunta de pesquisa e chegar com conclusões válidas e confiáveis nas considerações finais.

O quinto capítulo foi dedicado à análise dos resultados. Nele os grupos participantes foram analisados separadamente, a partir dos relatos recebidos pelas entrevistas.

Por fim, o sexto capítulo apresenta as considerações finais, seguido da sugestão de um produto técnico desta dissertação, uma cartilha informativa voltada para professores da educação básica, que reúne, de forma prática e acessível, orientações, contatos e caminhos para aproximação entre as escolas públicas e a universidade, buscando fortalecer o vínculo entre essas instituições.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 Abordagem Metodológica da Pesquisa**

A presente pesquisa visa analisar o diálogo entre o ensino superior e a educação básica por meio da extensão universitária realizada pela UnB, buscando compreender como os participantes vivenciam essa experiência.

Para atingir esse objetivo, adotou-se uma abordagem qualitativa, uma vez que se pretende acessar as percepções dos participantes da extensão, com foco na realidade subjetiva e complexa expressa por cada entrevistado (Lakatos e Marconi, 2017). Dessa forma, procurou-se compreender a profundidade dos significados atribuídos, pelos participantes, à experiência da extensão universitária, considerando comportamentos, ideias, pontos de vista e também os desafios enfrentados.

Ao aprofundar o conhecimento sobre a interação entre ensino superior e educação básica, a pesquisa assume um caráter exploratório, pois se dedica a conhecer as ações de extensão para além da contribuição na formação do aluno universitário e do professor coordenador, buscando também o ponto de vista da escola que acolheu os projetos extensionistas, aspecto ainda pouco abordado em estudos anteriores.

A pesquisa é também descritiva, por registrar as características da interação entre os participantes, suas percepções e os impactos das ações. Inicialmente a categorização foi elaborada com base na fundamentação teórica (*a priori*), mas foi reorganizada após a coleta de dados e exploração do material. Novos elementos, significativos, surgiram nas falas dos entrevistados, e foram agrupados por temas e ideias comuns, modificando as categorias iniciais,

o que caracterizou a análise como construída *a posteriori* (Bardin, 2016).

Essa receptividade ao inesperado é uma das características da pesquisa qualitativa, cuja construção ocorre a partir da escuta atenta do outro, da perspectiva do participante. Por isso, o trabalho do pesquisador é um processo em constante construção. A teoria é um guia, mas “o conhecimento permanece como uma aventura” (Morin, 2000, p. 19).

Todas as categorias analisadas foram fundamentadas nos princípios norteadores da extensão universitária, conforme a figura 1.

Com o objetivo de compreender o que está por trás das mensagens, buscando o sentido ou sentidos nos discursos dos participantes (Bardin, 2016), foi utilizada a técnica Análise de Conteúdo, de Lawrence Bardin: um método qualitativo aplicado à interpretação de discursos, estruturado em etapas que se conectam aos objetivos da pesquisa e ao referencial teórico.

## 2.2 Participantes da Pesquisa

A pesquisa contou com 19 participantes: 7 alunos extensionistas da UnB (Aex), 7 professores extensionistas, coordenadores dos projetos (Pex) e 5 professores das escolas (Pes), onde as ações foram realizadas. As entrevistas buscaram compreender a contribuição da extensão para a formação e a qualificação dos envolvidos, bem como avaliar o impacto da extensão na escola sob a perspectiva dos profissionais da educação.

No quadro a seguir, estão organizados os sete projetos selecionados para análise, com a indicação dos anos de realização, dos participantes envolvidos e dos respectivos cursos, entre 2020 e 2024.

**Quadro 1 - Projetos analisados**

| ANO  | PROJETO                                                                                                                                                          | PARTICIPANTES                                                                   | CURSO                    |
|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|
| 2020 | Universidade e Escola sem muros                                                                                                                                  | 1 Professor Coordenador UnB<br>1 Alunos extensionistas<br>1 Professor da escola | Pedagogia                |
| 2021 | Leitura das Territorialidades no OpenStreetMap:<br>Uma oficina de ensino-aprendizagem para<br>promoção da TEIA - Territórios Escolares<br>Inteligentes e Abertos | 1 Professor Coordenador UnB<br>0 Aluno extensionista<br>0 Professor da escola   | Ciência da<br>Computação |
| 2022 | Memórias de Elefante: repositório de fontes<br>históricas do Centro de Ensino Médio Elefante                                                                     | 1 Professor Coordenador UnB<br>2 Alunos extensionistas                          | História                 |

|      |                                                                                                                     |                                                                                         |                        |
|------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|
|      | Branco                                                                                                              | 0 Professor da escola                                                                   |                        |
| 2023 | LEIA – Leitura e Ação Lúdico-Pedagógico para crianças                                                               | 1 Professor Coordenador UnB<br>1 Aluno extensionista<br>1 Professor da escola           | Pedagogia              |
| 2023 | Concepção, projeto e implementação de experimentos de Física para o ensino médio por meio de aplicações com Arduino | 1 Professor Coordenador UnB<br>0 Aluno extensionista                                    | Física                 |
| 2024 | CISO - Ciências Sociais nas escolas                                                                                 | 1 Professor Coordenador UnB<br>2 Alunos extensionistas<br>1 Professor da escola         | Ciências Sociais       |
| 2024 | Meninas.comp                                                                                                        | 1 Professor Coordenador UnB<br>1 Alunos extensionistas<br>2 Professores de duas escolas | Ciências da Computação |

Fonte: elaborado pela autora

O Projeto “Universidade e Escola Sem Muros” foi criado em 2017 e desenvolve suas atividades com participação de professoras e estudantes do curso de Graduação em Pedagogia, e da Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UnB. Sua atuação acontece em um Centro de Ensino Fundamental, em uma das regionais de ensino do Distrito Federal, com foco de ação junto aos professores, gestores e crianças dos 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Com ações interdisciplinares, o projeto realiza oficinas presenciais de produção de curtas-metragens, buscando fortalecer a construção de conhecimentos significativos e a articulação universidade-escola, como caminho para desenvolver processos coletivos de formação do conhecimento.

O projeto “Leitura das Territorialidades no OpenStreetMap” propõe uma oficina para que estudantes possam ler e interpretar os territórios onde vivem, usando bancos de dados abertos. A partir dessa leitura crítica, busca incentivar o reconhecimento das diversas realidades nas comunidades. Junto a isso o projeto busca aproximar as tecnologias livres do cotidiano escolar, fortalecendo a escola pública como espaço de construção de conhecimento a partir das vivências dos sujeitos, e não apenas da reprodução de conteúdos impostos.

O Projeto “Memórias de elefante: repositório de fontes históricas do Centro de Ensino Médio Elefante Branco” é uma parceria entre o Departamento de História da UnB com a Secretaria de Educação do Distrito Federal- SEEDF, que teve como resultado a constituição de um Centro de Memórias no Centro de Ensino Médio Elefante Branco - CEMEB. As ações extensionistas buscam aproximar universidade e escola a partir de atividades de pesquisa e ensino, envolvendo conceitos como identidade, pertencimento, memória, direitos humanos e história local.

Com o objetivo de democratizar o acesso ao livro e à informação, o projeto LEIA – Leitura e Ação Lúdico-Pedagógica para Crianças e Biblioteca, busca estimular o hábito da leitura sob uma perspectiva emancipadora, valorizando o contato com a arte e a imaginação. A utilização da leitura como ferramenta pedagógica, visa colaborar para o desenvolvimento motor, cognitivo e da linguagem das crianças, fortalecendo o processo de inclusão social desde a infância.

A partir de experimentos desenvolvidos com o uso de plataformas Arduino, o projeto “Concepção, Projeto e Implementação de Experimentos de Física para o Ensino Médio” busca tornar o aprendizado mais prático e próximo da realidade dos estudantes de ensino médio das escolas públicas do Distrito Federal. A proposta é a realização de aulas de eletrônica e programação, articuladas com conteúdo da Física, previstos para essa etapa escolar, aproximando teoria e prática de maneira dinâmica e acessível.

Ciências Sociais nas escolas – CISO, é um projeto que visa discutir temas das ciências sociais no ensino médio, de modo a construir um conhecimento coletivo entre os alunos da escola e estudantes da licenciatura em Ciências Sociais da UnB. Utilizando as aulas de Projeto de Vida, Eletivas e aulas de Sociologia, busca avançar na parceria universidade-escola e no protagonismo dos alunos.

Idealizado em 2010, Meninas.comp tem como principal objetivo motivar meninas estudantes do ensino médio de escolas públicas do Distrito Federal a ingressarem em cursos ocupados majoritariamente por homens, como na área de computação. As atividades são oficinas motivacionais que ensinam técnicas de programação. O objetivo é oferecer oportunidade de experimentar atividades que sejam inerentes à atuação profissional e expor as possibilidades de trabalho na área de computação.

A partir destes projetos, com foco nos participantes envolvidos, foi realizada esta pesquisa, buscando compreender como cada um deles contribuiu para a aproximação entre

universidade e escola, para a formação dos licenciandos e para a transformação das práticas pedagógicas nos contextos escolares.

### **2.3 Coleta de Dados**

A principal fonte de dados desta pesquisa foi a entrevista, realizada com professores e alunos extensionistas da UnB e professores das escolas, responsáveis por acompanhar o projeto. A partir de um roteiro, composto por perguntas abertas (apêndices 1, 2 e 3), os participantes foram convidados a compartilhar livremente suas experiências. As entrevistas foram gravadas via Microsoft Teams ou por gravador de celular e, posteriormente, transcritas no Word para codificação e categorização.

Este instrumento permitiu explorar conceitos subjetivos, diferentes visões e compreensões sobre o tema a partir de diversas perspectivas. Foram realizadas:

1. Entrevistas com alunos extensionistas, com o objetivo de compreender suas percepções sobre a contribuição da extensão para a sua formação;
2. Entrevistas com professores da UnB, todos coordenadores de projetos, para captar suas percepções sobre o impacto da extensão em sua prática docente e em suas atividades de pesquisa;
3. Entrevistas com professores da escola pública, a fim de avaliar sua visão sobre os efeitos do projeto na escola e em suas práticas pedagógicas.

As perguntas foram organizadas para abordar, em cada grupo, três dimensões principais:

1. a compreensão sobre o conceito de extensão universitária e sua contribuição para a educação básica;
2. os impactos da participação nas ações extensionistas, como formação acadêmica, carreira profissional e práticas pedagógicas;
3. os benefícios e desafios observados durante o desenvolvimento do projeto.

Ao final, uma pergunta aberta convidava o participante a relatar livremente qualquer outro aspecto que considerasse importante e que não tivesse sido contemplado pelas questões anteriores.

Além das entrevistas, também foram utilizadas informações disponíveis publicamente nos sites do Departamento de Extensão (DEX) da UnB e da Rede Nacional de Extensão (RE-NEX), iniciativa vinculada ao FORPROEX. Esses materiais auxiliaram no entendimento das diretrizes institucionais e políticas extensionistas em nível nacional.

Também foram exploradas as informações abertas da universidade, disponíveis no site do Departamento de Extensão (DEX), com intuito de conhecer as perspectivas oficiais da UnB.

## 2.4 Análise de Dados

Para a análise dos dados, foi adotado o “Método de Análise do Conteúdo”, de Laurence Bardin, pesquisadora francesa que define o método como um conjunto de técnicas de comunicação, com objetivo de investigar os significados contidos em mensagens, por meio da análise das palavras, frases e textos, o que ela considera como complexo quando realizado em entrevistas (Bardin, 2016).

As entrevistas foram realizadas via Microsoft Teams e presenciais, tendo o cuidado em observar entonações, pausas e expressões, para melhor entender o sentido do que foi dito.

Seguindo a descrição do processo feita por Bardin (2016), depois de realizada a transcrição, passou-se a uma análise objetiva das entrevistas, em busca de expressões significativas para então chegar aos resultados. Bardin (2016) apresenta três estágios para a análise de conteúdo: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, conforme a figura a seguir.

**Figura 6:** Fases da análise de conteúdo



Fonte: Elaborado pela autora

A etapa inicial do projeto, descrita como pré-análise por Bardin (2016), foi o momento de organização do corpus da pesquisa, ou seja, o conjunto das entrevistas realizadas, que foi examinado. As entrevistas gravadas foram transcritas e organizadas em arquivos do Word. Algumas ocorreram de forma presencial e outras por meio da ferramenta Teams, da Microsoft 365, que permitiu gravação e transcrição em tempo real. As transcrições automáticas apresentaram erros de compreensão e substituições de palavras, o que tornou necessária a revisão manual para garantir a fidelidade das falas na composição do corpus de análise. Todas as conversas foram ouvidas mais de uma vez, com a preocupação em reescrever tal qual foram colocadas oralmente.

A partir desse material, foram realizadas “leituras flutuantes:” leituras iniciais, sem atenção aos detalhes, com o objetivo de “estabelecer contato com os documentos a analisar e conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações” (Bardin, 2016, p. 64).

Nas leituras seguintes, mais atentas ao conteúdo, foram sendo assinalados trechos que correspondiam aos objetivos da pesquisa e traziam significados relevantes para os entrevistados, formando um conjunto de dados para posterior análise.

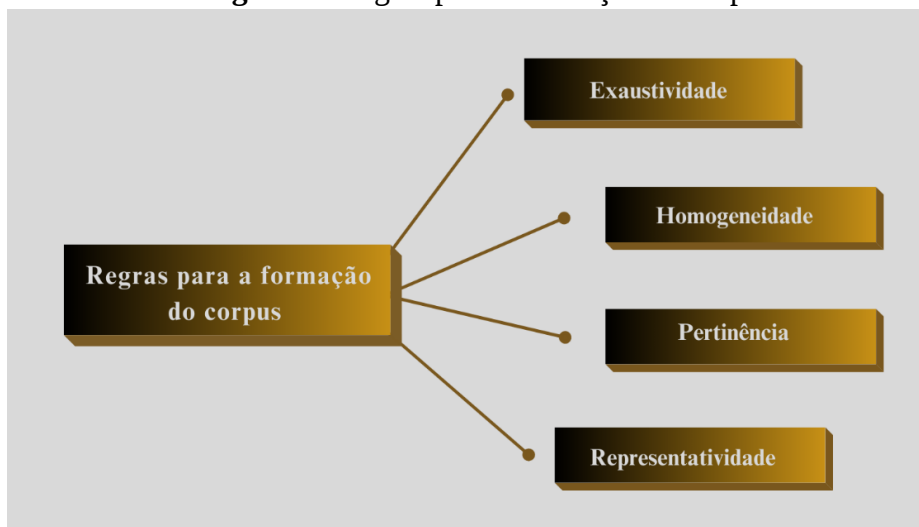
A formação do corpus seguiu as regras recomendadas por Bardin (2016). Na fase inicial, todos os documentos foram lidos, sem que houvesse qualquer seletividade de escolha, cumprindo a regra da exaustividade.

Os dados foram todos coletados por meio de entrevistas abertas, sobre o mesmo tema, seguindo o mesmo roteiro elaborado para o mesmo grupo de entrevistados: alunos extensionistas da UnB, professores coordenadores de projetos de extensão da UnB e professores das escolas públicas do DF que acompanharam os projetos, conforme Quadro 4. A intenção inicial era entrevistar pelo menos um representante de cada grupo. No entanto, em decorrência de grande dificuldade de agenda, o plano foi inviabilizado. Ainda assim foi executada a regra da homogeneidade.

Todas as perguntas estavam alinhadas aos objetivos do estudo, atendendo também ao critério da pertinência.

Quanto à representatividade, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o foco esteve na profundidade das experiências e não na quantidade de participantes. A diversidade foi garantida pela seleção de projetos com diferentes anos de realização, áreas de conhecimento dentro das licenciaturas e perfis de participantes, possibilitando a representatividade de participantes.

A Figura 7 sintetiza as regras da formação do corpus, segundo Bardin (2016).

**Figura 7:** Regras para a formação do corpus

Fonte: Elaborada pela autora

Durante a leitura, os trechos marcados, que levantaram suposições e dialogavam com os objetivos da pesquisa, foram organizados para verificação mais atenta. Para isso, foi criada uma tabela com os trechos que traziam pontos de destaques.

Em algumas respostas, os entrevistados abordavam temas vinculados a outras perguntas do roteiro, expressando percepções mais naturais, de forma mais espontânea, por vezes até contraditórias em relação ao que haviam dito anteriormente. Esses trechos, que manifestam as percepções e interpretações dos participantes da pesquisa, são nomeados por Bardin (2016) como índices, ou seja, “unidades comparáveis de categorização”.

A partir desses índices, foi possível identificar temas recorrentes e diferentes perspectivas dos entrevistados sobre o mesmo assunto. Essa etapa permitiu agrupar características comuns que apontaram categorias de análise que, ao longo do processo, se mostraram como hipóteses a serem confirmadas ou questionadas, sempre a partir do referencial teórico e dos objetivos propostos pela pesquisa.

A partir da análise do conteúdo das entrevistas, surgiram as seguintes categorias temáticas, organizadas no Quadro 2, segundo as percepções compartilhadas pelos participantes.

**Quadro 2:** Categorias de Análise dos três grupos de entrevistados

| <b>Alunos extensionistas</b>                                                 | <b>Professores Extensionistas</b>                | <b>Professores da escola</b>                     |
|------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|--------------------------------------------------|
| • Compreensão da importância das atividades extensionistas para sua formação | • Ampliação de conhecimentos                     | • Reconhecimento da relevância do projeto        |
| • Desenvolvimento de capacidades específicas                                 | • Produção de aulas mais significativas          | • Participação na elaboração das atividades      |
| • Motivação para o ensino e a pesquisa                                       | • Geração de novas pesquisas                     | • Benefícios para o desenvolvimento profissional |
| • Percepção do impacto dos projetos na comunidade escolar                    | • Relação dos projetos com as demandas da escola | • Percepção da interação com a universidade      |

Fonte: Elaborado pela autora

Quando os sentidos emergidos das respostas são considerados representativos do conteúdo das falas, é chamado por Bardin (2016) de “unidade de registro” ou “unidade de base”. Estes trechos estão dentro de uma “unidade de contexto”, um trecho maior do discurso, que inclui a unidade de base e permite a compreensão do sentido empregado nas unidades de registro (Bardin, 2016).

O contexto, tanto do texto de onde a unidade de registro é retirada, quanto os “contextos exteriores”, aqueles que contribuem para as condições das respostas à entrevista, como entonação e local de fala, são indispensáveis para que as interpretações não sejam realizadas sobre informações isoladas, causando erros de interpretação.

Depois de agrupados, os diversos fragmentos codificados de acordo com a aproximação temática, foram criadas categorias alinhadas aos objetivos da pesquisa. Ao serem reunidos, pôde-se encontrar tópicos que se repetiam nos discursos e observar padrões de percepções recorrentes nas entrevistas.

Embora a categorização tenha se baseado no agrupamento de representações semelhantes, observou-se também a frequência e a repetição de termos idênticos, o que ressaltou a importância de determinadas palavras-chave vinculadas aos objetivos da pesquisa.

Esses sentidos serão explorados na análise dos resultados.

A categorização permitiu que as informações em comum fossem mais facilmente visualizadas, revelando os elementos que prevaleciam nos discursos dos entrevistados.

Com base nessas observações, foi possível realizar reflexões e inferências (Bardin, 2016), estabelecendo relações entre os conceitos teóricos adotados e as categorias emergentes, como será apresentado no capítulo seguinte.

### **3 O ESTADO DA ARTE**

O presente capítulo tem como objetivo apresentar um mapeamento atualizado sobre o que tem sido discutido em artigos, dissertações e teses, nos últimos cinco anos (2020-2024), inteirando-se sobre o desenvolvimento das pesquisas com ênfase em nosso objeto que é o papel da extensão no estabelecimento de uma comunicação efetiva entre a educação superior e a educação básica.

Inicialmente, entende-se relevante distinguir os conceitos do Estado da Arte de outros tipos de pesquisas com fontes bibliográficas (Batista e Kumada, 2021), como a revisão da literatura e o referencial teórico.

Embora os três termos envolvam a análise de trabalhos anteriores, há alguns autores, como Ferreira (2002) e Batista e Kumada (2021), que destacam a distinção entre eles com base em seus diferentes propósitos e métodos.

Com a multiplicidade de pesquisas realizadas e em andamento, é importante, ao iniciar uma pesquisa, consultar o que já foi investigado sobre o tema que se deseja explorar para procurar um ponto que ainda precise de discussão e delimitar com mais foco o tema escolhido.

Pode-se fazer este estudo por meio de diversos materiais, desta forma para este trabalho foram escolhidas fontes bibliográficas de divulgação (Gil, 2002) como artigos do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e teses e dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), além de livros de autores clássicos e gestores da extensão em universidades federais, utilizados para fundamentação teórica.

Por ser uma etapa inicial do projeto, essa busca por fontes bibliográficas é considerada pela maioria dos autores como revisão da literatura ou revisão bibliográfica (Gil, 2002; Batista e Kumada, 2021, Silva e Menezes, 2005).

A revisão bibliográfica é, segundo Silva e Menezes (2005), um processo exploratório

que permite descobrir o que foi estudado a respeito do tema e do problema de pesquisa escolhido.

As autoras subdividem a revisão bibliográfica segundo os objetivos dos pesquisadores: se o objetivo da revisão bibliográfica for usar os estudos atuais para mostrar as áreas que precisam de mais estudo, ele estará determinando o estado da arte; se o pesquisador quiser explicar um problema, a partir da revisão bibliográfica sobre ele, elas denominam revisão teórica; quando o objetivo for verificar as metodologias usadas para explicar o problema, será uma revisão empírica; e será uma revisão histórica, se as fontes bibliográficas forem para recuperar a noção de um tema.

Então, de acordo com os objetivos desta pesquisa, a revisão de literatura pode identificar o estado da arte, se o objetivo for analisar a evolução das pesquisas com foco no objeto.

Ferreira (2002) considera o estado da arte como “uma metodologia de caráter inventariante e descritiva” que evidencia perspectivas de análises, no que é complementado por Castro e Mendes (2023) quando destaca que sua análise sobre a produção científica é aprofundada e abrangente, auxiliando a identificação de tendências, lacunas e avanços na área.

Também reconhecida como “estado do conhecimento” por Castro e Mendes (2023), o estado da arte é realizado a partir da delimitação de critérios de inclusão ou exclusão, com recorte de tempo determinado e definição de palavras-chave que representem o tema e os objetivos da pesquisa, apresentando uma ferramenta que utiliza critérios que especificam a pesquisa. Importa ter claramente definido o tema da pesquisa, bem como o problema e os objetivos a serem atingidos. Os autores explicam que se deve verificar os pontos estudados, as metodologias utilizadas e as discussões que ainda podem ser realizadas, conhecimentos que oferecem suporte à justificativa da pesquisa.

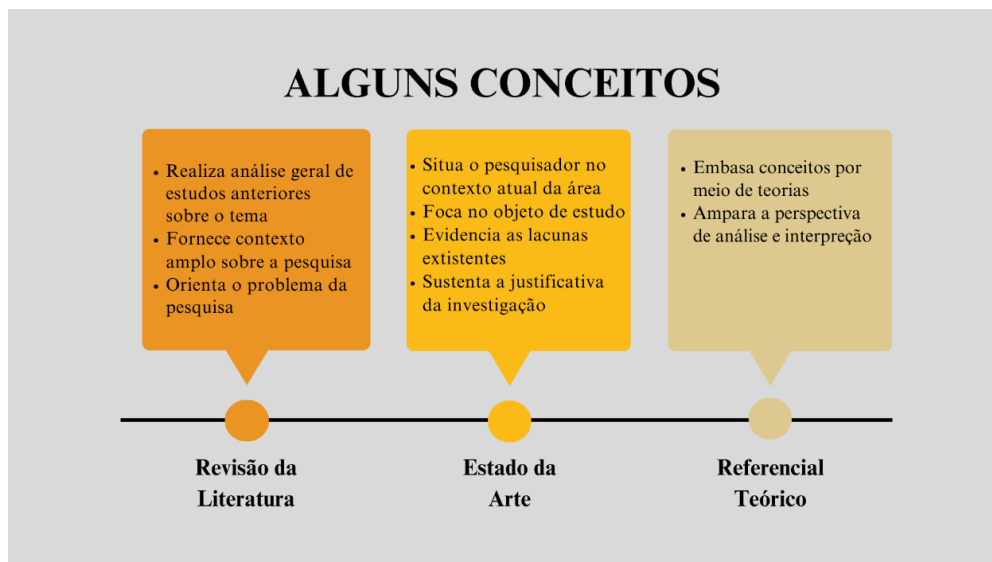
O referencial teórico, por sua vez, ajuda a compreender o fenômeno estudado, fornecendo os conceitos e as teorias a serem utilizadas para interpretar os resultados e suas implicações. Seu objetivo é delimitar os significados desses conceitos no contexto da pesquisa, alinhando o tema à perspectiva teórica sob a qual será feita a análise e a interpretação dos resultados (Ferreira, 2002; Castro e Mendes, 2023).

Embora a fundamentação teórica possa vir da revisão bibliográfica, que é um amplo levantamento sobre o tema da pesquisa, o pesquisador irá focar nas teorias que respondam com mais relevância à pergunta do problema, podendo usar a literatura recuperada ou não (Gil,

2002).

A figura a seguir resume os conceitos abordados.

**Figura 8: Revisão de Conceitos**



Fonte: Elaborado pela autora

A partir de um período determinado que compreendeu os anos de 2019 a 2024, a pesquisa exploratória para este Estado da Arte foi realizada nos bancos de dados do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

A escolha do primeiro portal se deu por representar um enorme acervo com produções científicas atualizadas de todo o mundo e possuir filtros que permitem maior delimitação da pesquisa. O segundo, por oferecer um catálogo que reúne produção de teses e dissertações de todo Estado brasileiro.

### 3.1 Trabalhos publicados no Portal de Periódicos da CAPES

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é um portal que agrega diversas bases de dados, uma fundação vinculada ao Ministério da Educação, fundada em 1952. Seu principal objetivo é assegurar a qualidade e a relevância dos programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil.

Com critérios rigorosos, a CAPES avalia a formação de pesquisadores, a produção científica, a inserção internacional e o impacto social dos programas. Os resultados dessas avaliações servem como base para a distribuição de recursos, o incentivo à pesquisa e a

melhoria contínua das instituições de ensino superior.

Ela também contribui para o avanço científico e tecnológico do país, fomentando e avaliando os cursos de mestrado e doutorado, bem como a formação inicial e continuada de professores da educação básica. Além disso, articula a divulgação da produção científica, disponibilizando em seu Portal de Periódicos acesso às pesquisas de artigos de todas as áreas de conhecimento, nacionais e internacionais (Portal CAPES, 2025)

Para realizar a pesquisa neste portal, foi elaborada uma “estratégia”, montada a partir do tema e dos objetivos. Foram utilizados descritores da área e seus sinônimos, em português e inglês, com auxílio de operadores booleanos, conforme Quadro 3:

**Quadro 3** - Estratégia de busca e filtros utilizados na pesquisa CAPES

|                         |                                                                                                                                                                                    |
|-------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Estratégia</b>       | ("extensao universitaria" OR "university extension") AND ("escola publica" OR "public school" OR "ensino basico" OR "educação basica" OR "basic education" OR "primary education") |
| <b>Tipo de recurso</b>  | Artigo                                                                                                                                                                             |
| <b>Recorte Temporal</b> | 2019-2024                                                                                                                                                                          |
| <b>Revisado</b>         | Por pares                                                                                                                                                                          |

Fonte: Elaborado pela autora.

Com a estratégia bem definida, 338 artigos foram recuperados da plataforma CAPES. Ao aplicar os filtros: tipo de recurso - apenas artigos; recorte temporal 2019-2024 e revisado por pares, 103 artigos retornaram.

Embora esses artigos tratassem de experiências vividas nas atividades extensionistas em escolas e incentivassem sua realização, um quarto filtro foi executado, selecionando aqueles realizados por licenciaturas, cabendo destacar que é considerável o número de atividades realizadas pela área da saúde em escolas.

Ao selecionar os artigos de extensões realizadas por cursos de licenciatura, apenas oito apresentaram discussões sobre nosso objeto de pesquisa: a influência da extensão no diálogo

entre o ensino superior e a educação básica da escola pública e seus resultados sobre o ensino-aprendizagem, sobre a pesquisa e sobre a formação inicial e continuada de professores da universidade e da escola envolvida. Após a seleção dos textos, foi realizada leitura integral, confirmando seu alinhamento com o tema e objetivos deste trabalho que foi organizada no quadro a seguir:

**Quadro 4** – Pesquisa na base de dados da CAPES

| ANO  | TÍTULO                                                                                                                             | AUTOR                                                                       |
|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|
| 2020 | Formação Continuada de Educadores/As: Uma Experiência a Partir da Práxis das/nas Escolas e do Campo no Município de São Mateus-ES. | BALDOTTO, Ozana Luzia Galvão <i>et al.</i>                                  |
| 2021 | Formação de professores de matemática em projeto de extensão: percepções docentes em tempos da pandemia da COVID-19.               | KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; BOITO, Paula; VALÉRIO, Juliana.              |
| 2022 | Extensão universitária e a escola pública: um relato de experiência em tempos de pandemia.                                         | Cruz, Geovana Larissa Amâncio <i>et al.</i>                                 |
| 2023 | Extensão universitária e formação docente: revisão sistemática de literatura.                                                      | Alves, Andréa Pereira de Oliveira; Kochhann, Andrea; Modesto, João Gabriel. |
| 2024 | Ciranda de sujeitos e de ações: girando um programa de educação coral infanto-juvenil.                                             | Andrade, Débora; Domingues, Carolina Vilela; Gonçalves, Lorena Vaz.         |
| 2024 | A perspectiva dos licenciandos de química sobre a extensão universitária: contribuições para a formação docentes.                  | Amorim, Atos Santos; Meireles, Carla da Silva; Mendes, Ana Nery Furlan.     |
| 2024 | Desenvolvimento profissional de professores de matemática: desafios e possibilidades em um curso de formação continuada.           | Cabral, Sabrina; Boldrini, Alves; Santos, Lorene.                           |

|      |                                                                                                                                    |                                                                       |
|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|
| 2024 | A extensão universitária obrigatória voltada para a educação básica como recurso para atingir metas do plano nacional de educação. | Meireles, Fernanda Fernandes; Afonso, Herlander Costa Alegre da Gama. |
|------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|

Fonte: Dados CAPES. Planilha elaborada pela autora (julho/2024)

Baldotto (2020) pesquisou “de que maneira a formação continuada pode contribuir para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem” e relatou a intensificação da interação entre a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e a escola municipal de educação básica em São Mateus, através de um curso de formação contínuo com professores, pedagogos e diretores. O extensionista defendeu a necessidade de a academia criar projetos que atendam aos problemas concretos da sociedade, que promovam a formação de “profissionais críticos, com competência científica, técnica e social, para que possam lidar com os desafios colocados pela realidade”. Enfatizou a articulação do ensino e da pesquisa para contribuição do desenvolvimento contínuo dos profissionais nas escolas e a aplicação dessas vivências no ensino-aprendizagem na sala de aula, com o objetivo de multiplicar os conhecimentos, de forma que, estudos possam ser realizados sobre as práticas do cotidiano, contextualizando o conhecimento teórico e prático.

A experiência do ponto de vista de um discente de graduação relatada por Baldotto (2020), ao demonstrar o potencial da extensão por meio da promoção de um curso de formação continuada de educadores em escolas do campo no município de São Mateus-ES, destaca a contribuição extensionista para a melhoria contínua do profissional, permitindo que os educadores refletissem sobre suas práticas pedagógicas, e criassem materiais pedagógicos específicos da Educação do Campo, com inserção de elementos que facilitavam o ensino aprendizagem.

Essa postura dialógica levou ao fortalecimento da parceria entre universidade e escola ao considerar os objetivos desta, em contextualizar e integrar a realidade da comunidade nos instrumentos de ensino. O trabalho se alinha com a concepção de extensão como um processo de "troca" e "realimentação", presente no Plano Nacional de Extensão - PNExt (1999) e na Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012), assim como ao discurso de Darcy Ribeiro (1986) sobre a responsabilidade da universidade em relação aos problemas nacionais.

O artigo de Kripka (2021) também descreve as experiências de um projeto de extensão

numa escola pública, agora no Paraná, com foco na formação continuada de professores da educação básica nos anos de 2019 e 2020. As narrativas mostraram a relevância da extensão como uma ferramenta de cooperação e articulação, sobretudo no compartilhamento e no aperfeiçoamento de conhecimentos. Os tópicos abordados foram escolhidos em reuniões com o grupo de participantes, de acordo com as demandas que se destacaram nos seus ambientes escolares. As discussões reflexivas e encontros formativos dialógicos, foram um dos pontos mais positivos do projeto, tanto para os professores das escolas quanto para os professores e alunos extensionistas.

Os relatos destes artigos destacam a importância do compartilhamento de soluções para promover o aprendizado, seguindo a ideia de Freire (1987) de incentivar a reflexão crítica e a ação no mundo. A compreensão da educação integral inclui o desafio de incluir nos currículos, habilidades que supram as demandas do trabalho que cada vez mais exigem novos processos formativos para além do conhecimento técnico, o que Zabala (1998) denomina de conteúdos atitudinais, e que em diversas vezes apareceram como novas necessidades formativas nos trabalhos relatados acima. A extensão é uma forma de articular essas competências que as disciplinas técnicas não são suficientes para ensinar.

Acerca dessas competências, Freire (1987) recomenda que a educação deve “favorecer a independência, a autonomia e a criatividade dos alunos”. Essas e outras habilidades serão acionadas de acordo com os contextos, por isso de maneiras provisórias, de acordo com as realidades impostas, complexas como são os problemas do dia a dia. Assim sendo, o ensino deve ofertar instrumentos que possibilitem esse aprendizado integrado. Nesse sentido, Morin (2005) defende uma formação que articule o saber ao viver, ao pensar e ao agir, como forma de preparar sujeitos capazes de enfrentar a complexidade do mundo contemporâneo. Freire e Morin compreendem o processo educativo como não linear, ampliado pela conexão de saberes que agem interdisciplinarmente de maneira crítica e reflexiva sobre os problemas de sua realidade, gerando conhecimento com relevância social, transformando a si mesmos e ao outro, “mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987).

Outro artigo selecionado, sob o título “Extensão universitária e a escola pública: um relato de experiência em tempos de pandemia”, de Cruz *et al.* (2022) indica a relevância da aquisição de conhecimentos atitudinais, abordando a importância da extensão universitária como instrumento de comunicação entre a universidade e a comunidade, sob a perspectiva dos alunos de extensão, de cursos de licenciaturas da Universidade do Estado de Minas Gerais em

diversas escolas estaduais de Barbacena, MG.

O projeto, que se desenvolveu de forma virtual, realizou palestras e discussões sobre dois temas: políticas institucionais e sincretismo religioso. Como a grande maioria dos artigos coletados, Cruz *et al.* focou o trabalho na formação do docente e na aproximação do ambiente acadêmico com a comunidade escolar. Centrando a narrativa na qualificação dos extensionistas, apontou as atividades como capacitação dos valores de cidadania e solidariedade, de maneira que pudessem se aproximar da realidade social, política e cultural de seu entorno.

O aprendizado dos alunos extensionistas revelou a extensão como oportunidade de refletir sobre “o que se faz e como se faz” a prática docente, principalmente sobre como aprender com as situações concretas e em como atuar naquele contexto (Zabala, 1998). O artigo ponderou sobre um dos objetivos desta pesquisa: o de compreender a contribuição da extensão para a formação dos alunos extensionistas e contribuiu com a demonstração da relevância em verificar como são as experiências dos extensionistas nas escolas.

Alves, Kochhann e Modesto (2023) exploram a relação entre extensão universitária e formação docente, testemunhando que as ações extensionistas podem contribuir para a formação inicial e continuada de professores e fazem uma revisão da literatura sobre esse tema. As autoras apresentam o movimento de alfabetização de jovens e adultos desenvolvido por Freire, em 1963, como primeiras experiências extensionistas significativas, realizadas em parcerias com as universidades. Seu trabalho teve como objetivo articular o conhecimento acadêmico com as experiências e sabedorias populares, de maneira a desenvolver uma reflexão crítica sobre a prática docente. Como resultado, puderam constatar nos vinte e quatro artigos analisados, após os filtros de exclusão, que a vivência dos desafios e contribuições da extensão promovem uma formação docente mais solidária, crítica e consciente. Mais uma vez, o foco restringiu-se à formação do aluno universitário, do curso de licenciatura, mas não demonstra os mesmos benefícios prováveis e significativos para os demais componentes ligados ao projeto nem aos demais cursos do ensino superior.

Andrade, Domingues e Gonçalves (2024) analisaram os aprendizados adquiridos em um projeto de extensão realizado em escola de educação básica por alunos do curso de licenciatura em música. Usando como título a frase “Ciranda de sujeitos e de ações”, evidenciam suas compreensões sobre a dinâmica do projeto, explicando que a ciranda “permite que todos os sujeitos que a compõem mudem de lugar, sem que assumam posição hierárquica, em relação uns aos outros.”

Tendo como objeto da narrativa o coral infanto-juvenil da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), as autoras ressaltam que uma produção artística não se limita às ações pedagógicas, mas que requer diversas ações que se mobilizam, sem as quais os resultados seriam comprometidos. Salientam que a articulação entre colaboradores da universidade, da escola e dos pais dos alunos cria um espaço de colaboração com necessárias trocas de saberes e envolvimento de diversas realidades que, na sua reunião, na sua ciranda, cooperam para o fim comum da educação musical por meio do coral, reforçando o paradigma de que o conhecimento se constrói através da experiência e da prática com reflexão, encontrado em Zabala (1998), uma abordagem também encontrada nas teorias construtivistas e freirianas.

O artigo destaca interação entre os envolvidos, citando Nóvoa (2017) que denomina este espaço de “lugar híbrido”, o “entre lugar” que “na possibilidade de construir novos entrelaçamentos, vão muito além da tradicional relação universidade-escolas”. Considerando que o compartilhamento de conhecimentos gera novos conhecimentos, entendem que a escola não é “apenas parceira, mas também produtora de conhecimento”, adotando, como neste trabalho, o conceito de extensão segundo Paulo Freire em *Comunicação ou extensão?* (muito bem associado ao conceito de ciranda, onde cada um tem suas experiências e formações, mas todos participam da roda em horizontalidade, colaborando com o que têm, aprendendo o que precisam para a melhoria da educação e desta forma, para o desenvolvimento do país).

Apresentando perspectivas dos licenciandos sobre a curricularização da extensão no curso de Química e como isso contribui para a formação docente, Amorim, Meireles e Mendes (2024) içam do grande mar de discussões um ponto considerado como um dos objetivos desta pesquisa e assinalam: “Apesar de ser um dos pilares das instituições de ensino superior, poucos docentes aderem às atividades de extensão, o que significa que nem todos os discentes dos cursos participam delas.”

Se o professor é um mediador (Freire, 1996), é fácil concluir que alunos extensionistas precisam de professores que orientem e facilitem a aprendizagem contida na extensão. Que os ajudem a se relacionarem com as realidades que os esperam fora do campus.

Espera-se que o discente termine sua graduação em condições de enfrentar os desafios ao completar sua formação acadêmica, para que tenha estrutura no enfrentamento de situações que exijam conhecimento mais elaborado pela prática. Segundo a pesquisa realizada com o curso de química, a extensão promove experiências que preparam o aluno para uma prática pedagógica inicial com mais segurança, porque experienciam vivências concretas nas escolas,

desenvolvem habilidades específicas e necessárias, articulam os conhecimentos teóricos com as rotinas e ainda criam um inventário de ideias para usar em sua própria atividade.

Cabral e Santos (2023) analisaram um programa de extensão para professores de matemática em Minas Gerais, buscando entender como docentes em exercício se envolvem com a universidade. Com recorte semelhante ao deste trabalho, eles investigaram esse diálogo escola-universidade a partir de referências dialógicas de Freire e de reflexão profissional de Tardif. Para eles, a extensão é a interação de saberes que se complementam e geram novos conhecimentos. Por isso, escolheram incluir apenas professores atuantes, valorizando o desenvolvimento contínuo de competências pedagógicas. Além disso, a coordenadora do projeto, que leciona tanto na licenciatura quanto na escola básica, refletiu criticamente sobre suas próprias práticas ao mediar as atividades extensionistas.

As autoras se aproximaram da temática desta pesquisa, ao envolveram professores da escola, alunos e professores (universitários) extensionistas. Ao demonstrarem a necessária integração entre os diversos participantes dos dois níveis de ensino, destacaram que “a reflexão acerca da prática pedagógica do professor” deve ser “constante e pautada em fundamentos teóricos sólidos, a fim de contribuir para a formação de cidadãos críticos e atuantes em nossa sociedade”.

Estes relatos e perspectivas expõem o impacto da extensão sobre o professor extensionista, que ao receber os relatos de seus alunos, estará igualmente apreendendo a realidade da escola, e sobre essas aprendizagens pode criar pesquisas e aprimorar suas aulas. A prática de suas disciplinas teóricas tende a obter discussões pautadas em situações concretas, motivando maior engajamento na disciplina, ocasionando construções e reconstruções mais significativas.

O artigo de Meireles e Afonso (2024) é uma revisão bibliográfica que abrange textos do período de 2003 a 2023 e destaca a cooperação da extensão universitária com a educação básica no atingimento das 12 metas do plano nacional de educação partindo da pergunta: “é possível usar as atividades de extensão universitária obrigatórias dentro da educação básica, de modo a atingir os objetivos do Plano Nacional de Educação?”. Os autores afirmam que há pouca produção acadêmica sobre o tema, ressaltam as contribuições das ações extensionistas na produção de mudanças na mediação de ensino e aprendizagem significativas e reconhecem a extensão como estratégia fundamental no atingimento das metas estabelecidas no PNE, favorecendo o aumento do relacionamento da academia com a escola.

Os autores destacam que a participação do aluno de ensino médio em atividades extensionistas do ensino superior é um mecanismo de desenvolvimento do aprendizado e colabora para o atingimento de diversas metas do PNE. Ainda sugerem que sejam realizadas “futuras pesquisas para verificar essa efetividade dos cursos de extensão” (Meireles e Afonso, 2024).

Com essas pesquisas catalogadas e analisadas, foi possível identificar os pontos discutidos sobre o tema, conclusões, quais perspectivas precisam ser mais investigadas e de que forma o que foi encontrado pode auxiliar na pesquisa em andamento.

Observou-se que as investigações realizadas no portal da CAPES nos últimos seis anos evidenciam a função educativa da extensão e relatam experiências que vão além do conhecimento técnico. Essas vivências fazem uma conexão dos saberes com a identidade humana e suas diversas nuances, que se revelam no exercício das atividades profissionais. No entanto, os objetos de estudo incidem especificamente sobre um dos integrantes do projeto: o universitário extensionista.

De acordo com Morin, o ser humano não se limita a ser uma entidade econômica e política, mas representa uma complexidade social (Morin, 2013). As experiências relatadas destacam o exercício para uma formação crítica e ética, o que requer o desenvolvimento simultâneo de nossas autonomias pessoais e individualidade, assim como nossa responsabilidade e engajamento em sintonia com os demais, por isso é fundamental reconhecer as necessidades da sociedade e agir de maneira solidária e responsável em relação a elas.

As pesquisas da base de dados da Capes deixaram recomendações que atendem aos propósitos de nossa atividade: evidenciar a capacidade transformadora da extensão e sua relevância na conexão entre a educação superior e o ensino básico da rede pública.

Isso demonstra que as discussões sobre a extensão nas revistas científicas têm passado pelo entendimento de que o diálogo entre os níveis de ensino básico e superior precisa ser reforçado para que de fato realize sua função como estabelecida nos documentos.

Foi possível verificar que a maioria dos relatos não trouxeram a concepção da escola que recebeu as atividades extensionistas, mesmo quando a atividade era de formação continuada o relato foi do ponto de vista do aluno universitário, o que oferece a ocasião para uma pesquisa junto aos profissionais da escola que acompanharam os trabalhos realizados ou, nos casos citados, que participaram deles.

Das diversas abordagens, apenas duas delas estiveram ligadas ao campo de pesquisa

deste trabalho, que é a escola pública. No entanto, em todos os relatos o exercício de habilidades e competências necessários à formação integral do aluno extensionista foi o ponto de estudo. O enfoque estava na oportunidade de reflexão sobre o cotidiano e que o inserisse, mesmo que por breve tempo, ao contexto de ação, para que a compreensão do mundo social seja desenvolvida de forma sensível e não apenas intelectual (Perrenoud, 2003).

Fica evidente a importância de uma pesquisa que aborde a visão de todas as partes envolvidas, de maneira que haja contribuição para o avanço do diálogo, interação e integração de duas instâncias do mesmo campo de atuação.

### 3.2 Trabalhos publicados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

A Biblioteca Digital brasileira de teses e dissertações (BDTD) reúne registros dos conhecimentos produzidos nas universidades brasileiras, em cursos de mestrados e doutorados, orientados por profissionais qualificados, facilitando a recuperação de informações em uma única base de dados. Com a iniciativa do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), foi criada em 2003, objetivando facilitar a divulgação de suas pesquisas a nível internacional (Brumatti, 2015).

O quadro 5 relaciona os trabalhos que, depois da leitura de seus resumos, introdução, objetivos, métodos e considerações finais, foram escolhidos para exploração por sua relação com nosso tema de pesquisa. Ao todo, trinta e oito trabalhos retornaram, entre teses e dissertações, publicados no período de 2019 a 2024, sob os filtros apresentados no Quadro 3. No entanto, apenas seis se aproximaram da nossa investigação. Estes estão relacionados na tabela a seguir.

**Quadro 5 – Pesquisa na base de dados da BDTD**

| ANO  | TIPO        | TÍTULO                                                                                                     | AUTOR                             |
|------|-------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|
| 2019 | Dissertação | As ações extensionistas do Instituto Federal Farroupilha como dispositivos para o desenvolvimento regional | Aguiar, Mariane Rodrigues Volz de |
| 2019 | Dissertação | Entraves para a adesão à extensão universitária nas unidades acadêmicas da UFJF                            | Rodrigues, Diogo Mendes           |

|      |             |                                                                                                                                          |                          |
|------|-------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|
| 2020 | Dissertação | Extensão na educação profissional e técnica de nível médio do Instituto Federal do Amazonas: formação humana integral e reflexo social   | Peres, Aline Neves       |
| 2022 | Tese        | A extensão no Instituto Federal Sul-rio-grandense: uma construção educativa e cultural na perspectiva das demandas sociais (2014 - 2019) | Fernandes, Luciana Pinto |
| 2023 | Dissertação | A inserção da extensão nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras: avanços e desafios                                | Mattos, Ronny Maciel De  |
| 2023 | Dissertação | Dialogicidade entre o trabalho como princípio educativo no ensino médio integrado em ações de extensão do da PIBEX/IFAM                  | Mota, Keila Neves        |

Fonte: Dados CAPES. Planilha elaborada pela autora (julho/2024)

De maneira análoga à nossa proposta, Aguiar (2019) ressaltou a importância da colaboração entre as duas entidades na busca por alternativas que promovam o desenvolvimento local. Aguiar enfatiza a significância dessas organizações e as lacunas ainda presentes na articulação de estratégias conjuntas, além de considerar que a identificação das necessidades é um dos principais entraves para a construção de mecanismos que possibilitem a criação de ferramentas eficazes para alcançar os objetivos propostos.

Rodrigues (2019) analisou as práticas extensionistas de uma universidade federal e constatou os diferentes entendimentos sobre o conceito de extensão empregados nos projetos, sendo este um dos principais entraves na interação do público externo com o ensino superior. Ainda prevalecia a ideia de aplicação do conhecimento, avessa ao discurso acadêmico de prática dialógica com a sociedade. Soma-se a isso a baixa valorização da extensão no ensino e na pesquisa que se apresentou numa hierarquia em que a extensão estaria em um nível inferior nas funções acadêmicas, com um número bem menor de investimentos em relação ao ensino e à pesquisa. O autor defende a necessidade de trabalhar o conceito e as diretrizes da extensão com os docentes, os alunos e toda comunidade do ensino superior para compreender sua relevância não somente para a transformação social, mas para despertar seu papel dentro desta mesma

sociedade em que está inserido.

A pesquisa de Peres (2020) investiga como as atividades de extensão contribuem para a formação integral dos alunos, especificamente no contexto da Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal do Amazonas (IFAM). A autora destaca a formação humana integral como base orientadora, e defende que as atividades devem fortalecer essa proposta como parte essencial do currículo para desenvolver a autonomia dos alunos para lidar com as demandas da sociedade atual.

Em sua tese, Fernandes (2022) analisa as ações de extensão do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) entre 2014 e 2019, buscando compreender como respondem às demandas sociais locais e regionais. A pesquisa aponta a integração social, como parte da formação técnica e cidadã, como fonte de geração de conhecimento e inclusão no mercado de trabalho e assinala que esses são os principais focos das ações de extensão. O estudo demonstra o Instituto como um agente colaborador às necessidades sociais, na promoção do desenvolvimento econômico e social local e regional e defende a extensão como um diálogo para o avanço intelectual e cultural da sociedade.

Mattos (2023) evidencia a importância da curricularização da extensão nas instituições de ensino superior brasileiras, destacando seu papel na formação integral dos estudantes. Ao promover a articulação entre teoria e prática, a extensão contribui para a formação de profissionais críticos e engajados com a realidade social. No entanto, o autor aponta desafios como a necessidade de definir mecanismos de financiamento, avaliar os componentes a serem incluídos na curricularização e garantir a participação da comunidade. Para que a extensão se consolide como um pilar fundamental da formação universitária, é preciso superar obstáculos e promover uma mudança de paradigmas, envolvendo todos os atores participantes desse processo.

Mota (2023) investiga o papel da extensão na formação de estudantes do ensino médio integrado, especialmente no contexto do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX). A autora argumenta que a extensão, ao articular ensino, pesquisa e prática, contribui para uma formação integral, superando a visão fragmentada e utilitarista do conhecimento técnico. Ao proporcionar experiências concretas e engajamento com a comunidade, o PIBEX promove o desenvolvimento de competências para a atuação autônoma e emancipada dos futuros profissionais, alinhando-se com os princípios da educação profissional e tecnológica.

As pesquisas realizadas pelas teses e dissertações apresentaram conclusões voltadas

para a função formadora do aluno extensionista. Também revelaram o importante papel da extensão no desenvolvimento de habilidades e competências, requeridas no ambiente profissional, ao mesmo tempo em que contribuem para o crescimento pessoal.

Não foram encontrados no Portal da Capes ou BDTD estudos que examinassem a mesma função sobre os professores extensionistas, coordenadores dos projetos ou que tivessem ouvido os professores das escolas sobre suas experiências de formação continuada.

Justifica-se a pesquisa pois a extensão universitária, com suas diversas dimensões, ainda possui lacunas as quais requerem investigações com contribuições para todos os envolvidos, especialmente para os professores extensionistas e professores das escolas parceiras. É crucial alinhar as perspectivas e evidenciar as possibilidades de transformação das práticas pedagógicas, reconhecendo a extensão não apenas como um instrumento de capacitação, mas também como uma ferramenta para a criação de pesquisas inovadoras e soluções para problemas complexos.

A literatura demonstra ainda uma outra lacuna significativa: a ausência de uma escuta atenta às necessidades e perspectivas da escola. Embora reconhecida como parceira, a escola ainda não é considerada um sujeito participante, ativo e protagonista nesse processo, o que fragiliza a colaboração e a construção conjunta do conhecimento. É fundamental que a escola seja vista como um espaço de produção e coprodução de saberes, para que a extensão possa gerar impactos mais profundos e duradouros nas práticas pedagógicas da escola e da formação de professores.

#### **4 REFERENCIAL TEÓRICO**

De acordo com Minayo (2010), o referencial teórico é um conjunto de teorias que servem para interpretar e compreender uma determinada realidade. Ele orienta a abordagem do problema de pesquisa, define os conceitos utilizados e serve de base para a compreensão dos resultados e análise dos dados.

As recentes pesquisas relacionadas no estado da arte, utilizaram bibliografia que compartilham dos conceitos e perspectivas que embasam esta investigação. É curioso perceber que alguns dos autores referenciados também estiveram entre os idealizadores da Universidade de Brasília, um indicativo de que a UnB foi concebida desde o início com fundamentos de diálogo, liberdade, democratização e justiça social.

Estão entre os referenciais Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, primeiros dirigentes da UnB, educadores e sociólogos que defendiam o poder transformador da educação na formação de sujeitos críticos; Paulo Freire e Florestan Fernandes, comprometidos com o acesso universal à educação e do fortalecimento da escola pública.

Aqui, foram acrescentados pró-reitores de extensão de universidades públicas, como os professores Flavi Lisboa Filho (UFSM), Sandra de Deus (UFRGS) e Silveira (UFU), que atuam em defesa de uma universidade mais atuante no território em que está inserida, entendendo as atividades de extensão como compromissos sociais.

Também integram este referencial, os autores dos artigos, dissertações e teses analisados no estado da arte, que cooperaram com suas pesquisas anteriores, fornecendo informações relevantes de onde este trabalho pôde partir para o encontro de novos pontos a serem estudados.

Foram incluídos ainda documentos oficiais do Ministério da Educação, como a LDB, bem como regimentos e resoluções da Universidade de Brasília por abrigarem as disposições a que a extensão deve se submeter.

Como visto na evolução histórica, a discussão sobre o papel da extensão não é recente. A criação de mecanismos legais para a sua efetivação no Brasil teve um longo percurso, fruto, principalmente, do trabalho coletivo do FORPROEX, que consolidou um espaço de discussão e articulação para o avanço da extensão entre gestores extensionistas das Instituições de Ensino Superior (IES).

Ao promover debates, produzir documentos e influenciar a legislação, o FORPROEX desempenhou um papel fundamental no fortalecimento da extensão universitária como política pública no Brasil, contribuindo significativamente para que a extensão fosse reconhecida como uma dimensão essencial da formação acadêmica e como um instrumento de transformação social.

Entre os documentos resultantes desse processo destacam-se o Plano Nacional de Extensão (PNExt, 2001) e a Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012), que definem as diretrizes da extensão como prática educativa, científica e transformadora (FORPROEX, 2012).

O PNExt consolidou o conceito de extensão utilizado neste trabalho como: “processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade”, formulado desde o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão, em 1987.

Este documento continua destacando a natureza recíproca da extensão universitária, enfatizando que não se trata apenas da comunidade acadêmica transmitindo conhecimento à sociedade, mas também da sociedade contribuindo para a experiência acadêmica.

Além disso, o texto determina que deve haver "trânsito assegurado" a fim de que tanto a comunidade acadêmica quanto a sociedade tenham acesso garantido a essa troca, em um canal aberto para o fluxo de conhecimento e experiências para elaboração da práxis do conhecimento acadêmico. Ou seja, a comunidade fornece o cenário real para aplicação dos conhecimentos acadêmicos e, em troca, a universidade amplia sua compreensão da realidade social, favorecendo um aprendizado integral de todos os envolvidos.

Essa perspectiva é destacada no trecho do Plano Nacional de extensão - PNExt (2001, p.5), que integra a conceituação de extensão como processo de realimentação, estabelecendo um ciclo de aprimoramento contínuo para o processo ensino-aprendizagem por meio da realidade concreta:

No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência: a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora desse processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social.

Esse conceito foi reafirmado na Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012, p.28) “sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” sendo um processo interdisciplinar.

Na Universidade de Brasília (UnB), essa concepção está expressa em seu artigo 3º, do Estatuto e Regimento Geral:

São finalidades essenciais da Universidade de Brasília o ensino, a pesquisa e a extensão, integrados na formação de cidadãos qualificados para o exercício profissional e empenhados na busca de soluções democráticas para os problemas nacionais (UnB, 2025, p. 4).

A Resolução da Câmara de Extensão nº 01/2020 da UnB, por sua vez, classifica em seu Art. 2º as ações extensionistas como programas, projetos, cursos, prestação de serviços, oficinas e eventos, como na figura a seguir.

**Figura 9** – Modalidades de ações extensionistas

Fonte: Elaborada pela autora

A categorização não é original, visto que nos anos anteriores, as ações já se apresentavam por essas identificações. No entanto, o art. 2º, antecipadamente, explicita a concepção de extensão sob as quais as atividades deverão ser realizadas:

Compreende-se por extensão universitária a atividade que se interliga à matriz curricular e à pesquisa, em um processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, **que promove a interação transformadora** entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, **em articulação permanente com o ensino e a pesquisa.** (grifo nosso)

A partir dessa definição, é possível compreender que, a ação só é, de fato, extensionista, se estiver promovendo **interação** (modificadora) e **articulação** (com o ensino e a pesquisa). O que nos remete ao discurso de Darcy Ribeiro, em “Universidade pra quê?” proferido em 1986, quando diz que “as questões cruciais que estão postas para a nação estão postas também para a universidade” (Ribeiro, 1986, p. 26).

Impactante e imprimindo grande responsabilidade, o discurso faz-nos refletir: se a extensão tem por função ser integradora, agregadora, inclusiva, segundo o texto de seu estatuto, como conseguirá cumprir esse compromisso, se afastada da realidade de outros setores da sociedade que, no recorte de nossa pesquisa, são as outras etapas dentro de seu próprio campo

de atuação - a educação?

Segundo Freire (2011), a extensão universitária deve ser pensada e realizada como interação comunicativa e colaborativa, na qual a universidade e a comunidade se unem em um processo de aprendizagem compartilhada. Essa percepção vai além da simples transferência de saberes do ambiente acadêmico, colocando a extensão na perspectiva do diálogo, em que ambos os lados aprendem e se transformam.

A universidade deve contribuir, continua Freire (2011), para a conscientização dos envolvidos sobre sua realidade e sobre suas possibilidades de transformá-la, partindo da realidade concreta, deve problematizar a situação, incentivando a reflexão crítica e a busca por soluções coletivas que levem à construção de uma sociedade mais justa e igualitária, envolvendo todos os sujeitos participantes de forma ativa, para o alcance de uma prática de fato libertadora.

Essa perspectiva se complementa na fala de Lisbôa Filho (2022), que destaca: “É nesta troca que temos uma construção coletiva, que vai impactar de maneira diferente a formação do nosso estudante e vai ser geradora da transformação da sociedade e da própria universidade.”

Também Silveira (2023), pró-reitor da UFU (2024), reforça essa ideia: ao conectar universidade e comunidade, a extensão qualifica o ensino e amplia os espaços de aprendizagem, favorecendo soluções mais efetivas para problemas reais.

## 5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 5.1 Saberes, práticas e cidadania na extensão universitária

Como defendem Freire (2011) e Ribeiro (1986), a extensão universitária deve ser vivenciada como um espaço de diálogo e transformação entre a universidade e a sociedade. Essa perspectiva, vai além da integração entre teoria e prática na formação inicial dos alunos. Espera-se, também, que promova aprendizagens que ultrapassem os conteúdos técnicos, desenvolvendo capacidades interpessoais e comportamentais, as chamadas *soft skills*, cada vez mais valorizadas no cenário profissional contemporâneo (Fórum Econômico Mundial, 2025).

Mas trata-se, sobretudo, de fomentar uma formação que contribua para o desenvolvimento de uma consciência crítica e cidadã, capaz de mobilizar o conhecimento em favor de uma sociedade mais justa e participativa.

Autores como Gadotti (1999), Morin (2000), ao defenderem a articulação dos saberes,

apontam para a necessidade de um pensamento que ultrapasse as fronteiras disciplinares. Morin denomina esse movimento de “pensamento complexo”. Complexo porque se refere ao ser humano e ao seu lugar no mundo, com seu planeta, seus contemporâneos, suas histórias, o que inclui seu trabalho, sua cidadania e sua educação. Nesse contexto, inclui-se também a universidade. Por isso, trata-se de um pensamento labiríntico, intricado, heterogêneo, misturado, multifacetado.

Essa visão dialoga com a concepção de educação cidadã de Freire (1996) e com a ideia de educação integral defendida por Morin (2005), entendida como aquela que promove o desenvolvimento multidimensional do ser humano, integrando saberes e potencialidades.

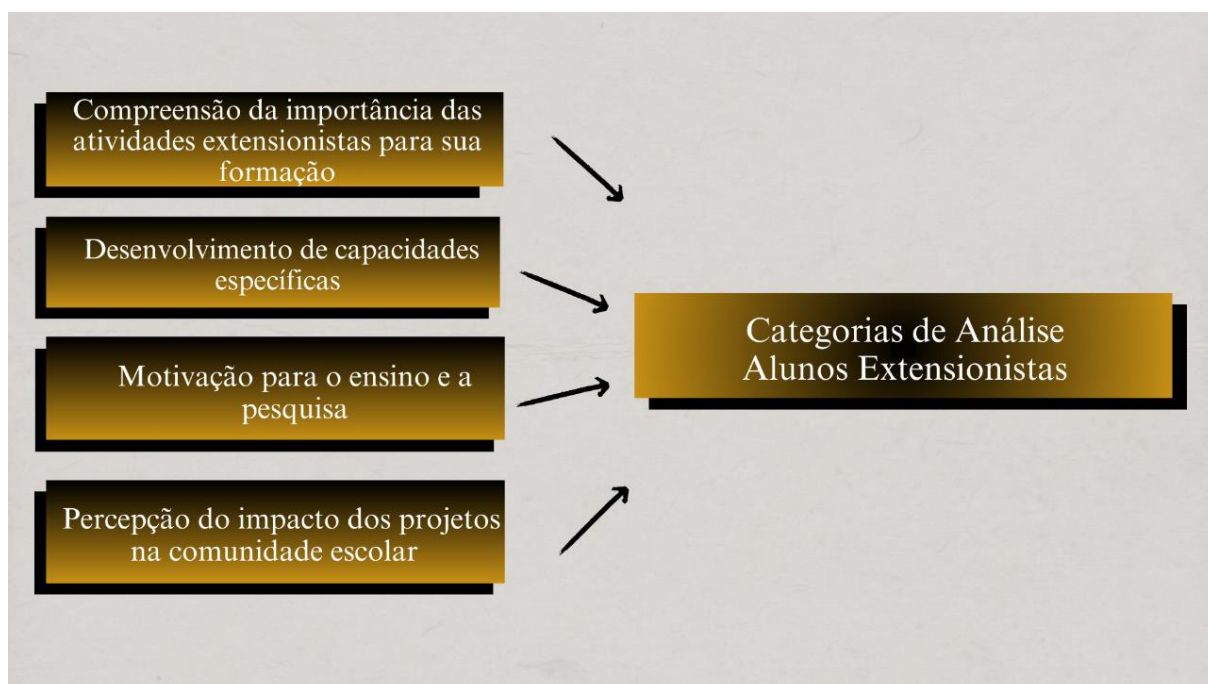
Com esse referencial em mente, volta-se ao propósito central deste estudo: investigar a relação entre ensino superior e educação básica, empregando as atividades de extensão como um instrumento de análise dos dados coletados por meio das entrevistas com os sete alunos extensionistas.

Buscou-se, nesse grupo de entrevistados, responder ao primeiro objetivo específico: conhecer as percepções dos universitários extensionistas quanto à contribuição da extensão para sua formação inicial.

Assim, foram exploradas, nas questões abertas de um roteiro previamente elaborado, suas percepções sobre a contribuição do projeto para sua formação acadêmica, profissional e cidadã.

Os dados coletados foram agrupados por falas semelhantes. A partir dos grupos, foram identificadas quatro categorias de percepção dos alunos extensionistas, organizadas no quadro 2 e retomadas na figura 10, a seguir.

**Figura 10:** Categorias de Análise dos Alunos Extensionistas



Fonte: elaborado pela autora

No que diz respeito à importância da experiência extensionista em seu processo formativo, todos os alunos entrevistados (100%) afirmaram sentirem-se mais preparados para a realidade da escola, conforme declarações:

Aex6:

Depois que eu terminei os meus estágios, eu senti falta de experiência na sala de aula. No estágio é muito rápido, a gente dá uma aula, observa, mas não tem autonomia como na extensão. Ali a gente planeja, executa, vê os erros, conserta e aprende muito, muito mais que no estágio. E tem outras experiências também, assim, é muito diferente, é mais imersivo.

Na categoria “Desenvolvimento de capacidades específicas”, cada um destacou as contribuições que essas vivências lhes trouxeram. Algumas habilidades foram agrupadas por semelhança de sentido. Declarações como “trabalho em equipe” e “saber trabalhar com outros”, foram interpretados como cooperação. Expressões como “apendi a ouvir mais”, “passei a ter mais paciência para ouvir as pessoas falando” e “tive que aprender a esperar os outros falarem também”, foram reunidas sob a ideia de escuta. Frases como “eu me vi ali como eles”, “me coloquei no lugar deles pra entender” e “me identifiquei muito com aquelas falas”, revelaram aspectos de empatia.

Essas falas revelam que a experiência extensionista contribuiu significativamente para o desenvolvimento de habilidades interpessoais e profissionais. Para representar visualmente as contribuições mencionadas pelos alunos extensionistas, foi construída uma nuvem de palavras com base nos termos mais recorrentes nas entrevistas. A imagem a seguir reforça, de forma gráfica, os saberes destacados pelos participantes como mais marcantes ao longo de sua vivência nos projetos de extensão.

**Figura 11:** Nuvem de palavras construída a partir das habilidades relatadas pelos alunos extensionistas



Fonte: elaborado pela autora

A revisão da literatura sobre extensão universitária, com foco na formação discente, realizada por Alves, Kochhann e Modesto (2023), demonstra que a articulação entre teoria e prática é percebida como o principal benefício da extensão aos alunos extensionistas (Aex), por oportunizar experiências de aprendizagem significativas em contextos reais. Essas vivências exigem não apenas o domínio do conhecimento acadêmico, mas também o desenvolvimento de competências comportamentais, fundamentais para relações de trabalho mais saudáveis. Os relatos analisados revelaram aprendizados em ambas as dimensões.

Aex3:

foi assim... transformador! E não só pra faculdade, mas como ser humano, como formação acadêmica, como formação profissional, a extensão vivencia não só a sala de aula, mas de uma forma geral, né? amadurece muito! A gente tem muita, muita, muita noção do que é a realidade dentro da escola, não só na hora de lidar com os

alunos, mas na hora de fazer prova, na hora de corrigir trabalho, fazer plano de aula, conviver com a escola e participar de atividade fora da sala de aula.

E por Aex2:

assim, quando eu fiz o estágio, ele tem uma parte prática, né? Mas essa parte prática é bem menor que a parte de observação, né? Então você vê muitas coisas, você pode atuar, mas é muito limitado. Já na extensão é muito mais complexo e dinâmico.

Essas experiências são apontadas pelo FORPROEX (2012) como “aportes decisivos à formação do estudante”, pois aproximam o universitário das questões reais da educação, permitindo a práxis: o encontro do saber teórico com o saber prático, mediado pela reflexão crítica. Trata-se de alcançar os “saberes necessários” (MORIN, 2013); “aprendizagens significativas” (Zabala, 1998), relacionados a “saberes dialogados, problematizados, libertadores” (Freire, 1986), como o que é testemunhado pelo Aex5:

Sem a extensão, a universidade ficaria muito distante da realidade da comunidade, não é? E aí acaba se distanciando daquilo que é necessário. Então, acho que a universidade serve para uma transformação social contínua e se não tivesse a extensão, acho que a universidade não iria conseguir conhecer os problemas sociais, conhecer aquilo que é necessário pra contribuir para essa transformação social.

Percebe-se que os alunos apreendem a extensão como fundamental para uma formação mais completa, e valorizam suas participações nos projetos que integram, como oportunidades de agir para fazer diferença. Suas narrativas também citam a extensão como contribuição para o desenvolvimento de capacidades essenciais para a atuação profissional, bem como para o crescimento pessoal, além de oportunizar a formação, o fortalecimento e a consolidação de uma consciência social, coletiva e cidadã, o que desperta a vontade de exercer um papel mais ativo na sociedade em que está inserido.

Os relatos são riquíssimos. Por exemplo, da Aex1 ao revelar que começou muito timidamente no projeto e por meio dele tornou-se mais comunicativa e autoconfiante:

**Aex1:**

Acho extremamente importante porque somou bastante desde que eu comecei [no projeto]. Eu vejo minha evolução profissional e pessoal, né? O Projeto ajudou a me descobrir. Quando eu comecei a ter mais contato com as crianças, eu comecei a me interessar mais pelo curso [...]. Até que eu estava assim: será que é esse curso mesmo? Eu não sabia fazer contação de história, então aprendi. A minha comunicação melhorou bastante, eu era bastante tímida. Melhorou porque, tipo, eu tinha tanto de interagir com a criança quanto com o professor, né? Então eu sempre fiquei assim, mais na calada, e o professor sempre incentivou a gente a tomar a frente lá e falar.

Influenciou na minha vida pessoal também, passei a me relacionar melhor com as pessoas. Outra coisa que aconteceu também foi meu planejamento, né? Eu acho que tanto no meu planejamento educacional, como aluna, quanto na minha prática pedagógica. Algumas atividades eu vou querer usar quando for a minha vez de atuar [como professora].

**Aex4:**

A gente chega muito empolgado, com muitas ideias e até críticas, mas lá é diferente. [...] Tem coisa que pra fazer demora, porque tem que fazer outras antes. [...] Então eu aprendi que não é do meu jeito. É coletividade. Não é só planejar em casa e levar. Envolve outras pessoas, outros tempos. A gente vai vendo a realidade.

Dois dos alunos entrevistados conheceram os projetos ainda no ensino médio, como participantes das ações em suas escolas. Ao ingressaram na UnB, passaram a atuar como extensionistas voluntários, retornando às suas escolas como integrantes do Projeto.

**Aex4:**

Minha experiência foi ótima porque abriu o meu olhar para diferentes coisas, para uma área de pesquisa que a gente não tem tanta noção, porque quando a gente está no ensino médio a gente aprende com olhar mais voltado ao mercado de trabalho. Então assim... no projeto a gente acompanha várias atividades e ganha muita consciência da realidade da escola e aí eu pensei: por que é desse jeito? A professora respondeu: pesquisa. E eu fui pesquisando e aprendi a pesquisar ali com a professora, tudo no projeto e vou usar no meu TCC.

Os alunos em questão, de projetos diferentes, publicaram artigos com seus professores e participaram de congressos, apresentando trabalhos relativos às suas experiências nos projetos de extensão, iniciando na pesquisa e ampliando conhecimento, além de serem ativos nas semanas universitárias, recebendo alunos de escolas e apresentando trabalhos. uma evidência relevante do impacto da extensão na formação desses alunos, que começou com as ações extensionistas de outro. Desta forma, os mesmos relatos foram testemunhados por Aex6:

Estou no projeto há dois anos na mesma escola e é importante, porque você vai aprendendo muitas coisas, vai criando um vínculo, vai abrindo a cabeça e acaba tendo ideias pra uma pesquisa. Então um dia, assim... eu conversando com o professor e falando [sobre as ideias] aí ele disse: boa ideia pra uma pesquisa, pesquisa isso! E foi isso ... e tipo: eu tô gostando!

Esse processo evidencia a ação transformadora da extensão, conforme descrita pelo PNExt (2012): “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade.” Também demonstra um trabalho ativo e influente que envolveu o professor universitário, a

escola, os alunos extensionistas. Estes desempenham um papel atestador para os alunos do ensino médio que vêm após eles:

**Aex2:**

Tem muito uma questão de que o pessoal tem medo de não entrar [na UnB]. Esse é um grande problema, porque tanto que eu vi isso [quando estava no ensino médio], eu vejo isso agora nas pessoas mais novas que eu conheço: primos, filhos de amigas da minha mãe, que eles falam que não fizeram o PAS [Processo de Avaliação Seriada]. E eu falo: eu passei pelo PAS! eu falo gente, eu acho que eu não passaria para UnB sem o PAS, tem que fazer! Isso é uma questão de autoestima também, porque eu passei pelo ENEN pra [outra universidade] e pelo PAS na UnB.

**Aex5:**

Então... as pessoas não acreditam que aqui... elas podem vir pra cá também. Elas desenvolveram tanto medo do PAS, eles desenvolveram tanto medo da universidade que eles têm medo de fazer a prova! e ainda ele [o PAS] é uma oportunidade tão boa que você vai fazer 3 provas. É difícil? é! vai ser 3 provas que vai aumentando o peso.

Ao serem perguntados sobre quais qualificações pessoais consideravam ter desenvolvido durante a participação no projeto, todos os alunos reconheceram o desenvolvimento de habilidades representadas no Quadro 6.

**Quadro 6:** Categoria de análise desenvolvimento de capacidades específicas

| Aluno Extensionista | Contribuições da extensão                                    |
|---------------------|--------------------------------------------------------------|
| <b>Aex1</b>         | Cooperação, autonomia, organização e diminuição da timidez   |
| <b>Aex2</b>         | Autonomia, comunicação, liderança, escuta, empatia           |
| <b>Aex3</b>         | Criatividade, organização, autonomia, criticidade, empatia   |
| <b>Aex4</b>         | Autonomia, cooperação, engajamento social,                   |
| <b>Aex5</b>         | Empatia, escuta, autonomia, autoconfiança                    |
| <b>Aex6</b>         | Resiliência, adaptação, criatividade, habilidade tecnológica |
| <b>Aex7</b>         | Pensamento crítico, autonomia, organização e planejamento    |

Fonte: Elaborado pela autora

A extensão apresenta-se, então, como uma prática pedagógica inovadora, que parece

permitir aos futuros docentes vivenciarem a aplicação dos conhecimentos teóricos, superando a dicotomia entre teoria e prática e preparando-os para os desafios da educação contemporânea, conforme expressado pelos alunos extensionistas em destaque:

**Aex3:**

Tanto na teoria quanto na prática fui aprendendo no projeto e no final esse projeto ganhou um artigo de experiência, publicado em revista e apresentado em congresso.

**Aex5:**

Eu tive a oportunidade de criar um roteiro, de pensar na roupa, de dar vida para esse projeto. E eu nunca tinha tido esse momento cênico, sabe? Assim, de criar, fazer acontecer. E eu nem sabia que tinha assim, habilidades ali com o audiovisual, né? Foi uma oportunidade que o projeto me deu.

São citadas pelos Aex, como aprendizados decorrentes da participação nos projetos de extensão: o trabalho em equipe, a comunicação e o desenvolvimento de práticas para resolução de problemas ocorridas no dia a dia. Além disso, os estudantes perceberam um impacto positivo dessas ações na comunidade escolar, entendendo que suas contribuições motivaram outros alunos a continuarem seus estudos e entrarem para a universidade.

Ao explorar as categorias identificadas nas entrevistas, buscou-se compreender de forma mais profunda como os saberes e as práticas da aprendizagem se entrelaçam nas experiências dos alunos extensionistas. Foi possível confirmar aspectos da formação cidadã e do desenvolvimento de diversas capacidades, evidenciando o papel transformador da extensão universitária na construção de sujeitos mais conscientes e engajados com a sociedade.

Espera-se que os resultados desta análise contribuam para uma melhor compreensão do papel da extensão universitária na formação integral dos graduandos, além de incentivar a identificação de novas possibilidades de atuação e fortalecimento dessa dimensão da educação superior.

## **5.2 Extensão e Qualificação docente em perspectiva**

A partir do estado da arte, foi possível observar que as discussões sobre a extensão têm focado na formação dos alunos de graduação, que a partir do conhecimento teórico recebido na academia, puderam ampliar sua formação por meio do encontro com a realidade concreta, oportunizado pela extensão universitária.

A revisão sistemática de Alves, Kochhan e Modesto (2023), reforça essa perspectiva

transformadora quando destaca a valorização da prática na formação de professores. Os autores evidenciam que ao atuarem em contextos reais e complexos, adquirem experiências de aprendizado significativas, combinando teoria e prática, tornando-se professores mais humanos, conscientes e engajados na sociedade.

As literaturas deixam claro esse aprendizado do aluno extensionista com a extensão. Mas quais os impactos da extensão sobre o professor extensionista? Ela contribui para sua prática pedagógica? Influencia suas pesquisas?

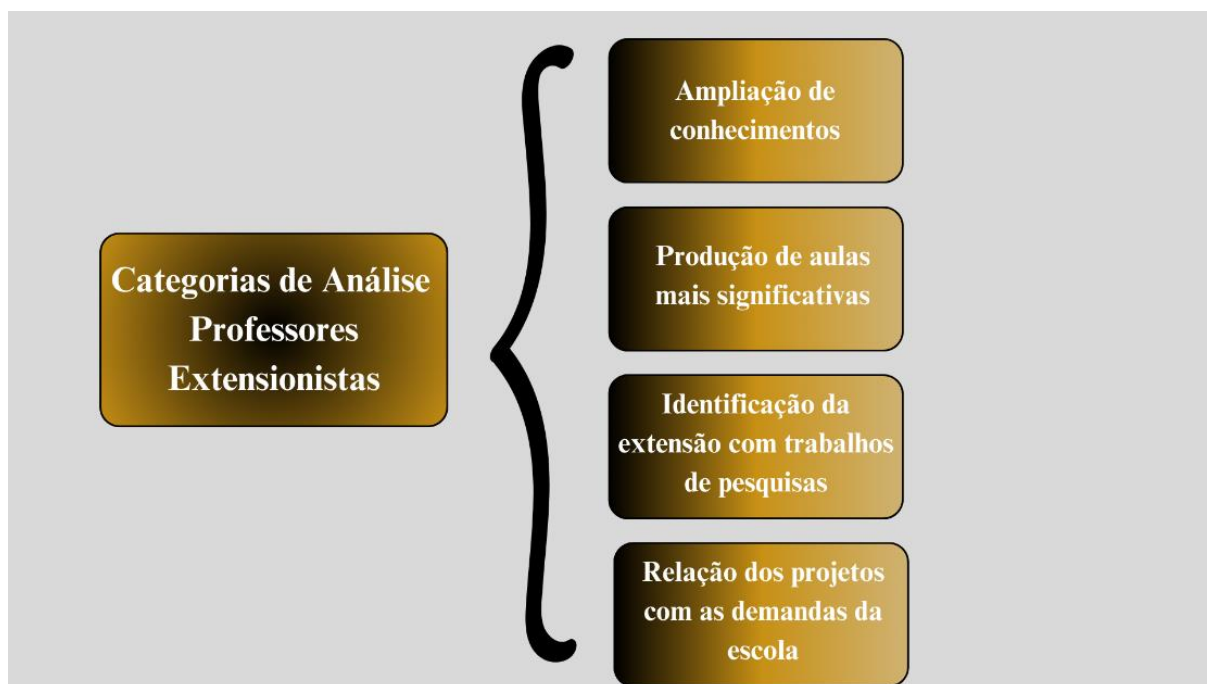
O artigo de Andrade, Domingues e Gonçalves (2024) com o título “Ciranda de sujeitos e ações” reconhece a necessidade da interação dialógica como um lugar comum onde o professor extensionista não apenas orienta: ele também aprende, media, troca e se transforma.

Neste contexto, o docente extensionista é aquele que atua como mediador das relações de ensino e aprendizagem, criando “contextos formativos” que contribuem para uma construção crítica dos alunos. Como nos ensina Freire (1996, p. 17), cabe ao educador “discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina”.

Inserida no contexto dos projetos apoiados pelo Edital Licenciaturas em Ação da UnB, esta pesquisa teve como segundo objetivo específico, analisar como os professores extensionistas avaliam a influência da extensão em sua prática docente e em suas atividades de pesquisa.

Para isso, foram realizadas entrevistas com sete professores da UnB, todos coordenadores de projetos de extensão executados entre 2020 e 2024 em escolas públicas do Distrito Federal. O instrumento de coleta foi um roteiro semiestruturado, com perguntas abertas, que permitiu explorar, a partir de quatro categorias de análise, diferentes aspectos da influência da extensão sobre suas práticas.

Ao contrário do que ocorreu na análise das entrevistas com os alunos extensionistas, em que as categorias emergiram das falas e foram definidas a posteriori, no caso dos docentes, as categorias foram organizadas previamente. Essa escolha metodológica baseou-se no segundo objetivo específico da pesquisa e teve como finalidade orientar a investigação de forma mais direcionada. As categorias, apresentadas na figura 12, foram pensadas para identificar, com maior precisão, como a extensão universitária repercute nas práticas de ensino e de pesquisa dos professores. O roteiro, composto por 11 perguntas (apêndice B), foi elaborado com o propósito de levantar elementos que dialogassem com essas categorias e contribuíssem para o alcance dos objetivos propostos.

**Figura 12:** Categorias de Análise Professores Extensionistas

Fonte: Elaborado pela autora

Antes de apresentar a análise das quatro categorias, é importante destacar alguns elementos que emergiram de forma recorrente nas entrevistas, embora não estivessem diretamente organizados como categorias de análise.

Todos os professores entrevistados reconhecem a extensão como uma experiência formativa, fundamental para preparar os alunos para os desafios que encontrarão em sua futura atuação profissional.

Foi unânime o entendimento de que a universidade deve compartilhar com a sociedade o conhecimento que produz, rompendo os limites dos muros acadêmicos e promovendo a democratização do saber.

Quando questionados sobre o conceito de extensão universitária e de sua contribuição para a educação pública, os docentes demonstraram alinhamento com os documentos orientadores da UnB, como o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2023-2028, o Estatuto e Regimento Geral (2025), bem como às diretrizes estabelecidas pelo FORPROEX (2012).

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2023-2028 da UnB aponta a extensão universitária como um dos eixos estratégicos da universidade:

Como elemento proativo no processo de desenvolvimento científico e social, artístico e cultural, em suas diversas faces e campos, sob a perspectiva da interculturalidade e diversidade, pautando-se na troca de saberes e no empoderamento mútuo da sociedade

e da Universidade. Além disso, contempla os espaços dialógicos e de convivência para a promoção de transformações sociais.

Essa concepção está em consonância com o Estatuto e Regimento Geral da Universidade, em seu Art. 54º, que expressa: “a extensão tem como objetivo intensificar relações transformadoras entre a Universidade e a sociedade, por meio de processo educativo, cultural e científico.”

Esses documentos também dialogam com a Política Nacional de Extensão Universitária (PNEU), formulada pelo FORPROEX (2012), que define:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.

Além disso, muitos professores relataram que sua própria trajetória com a extensão começou antes mesmo de ingressarem na UnB, o que influencia diretamente suas práticas docentes atuais e reforça seu compromisso com uma universidade mais integrada à realidade social.

Assim, o Professor Extensionista 1 (Pex1) afirma que seu contato com a extensão antecede sua chegada à universidade. Relata que, ao entrar para a academia, logo assimilou a extensão como “parte do fazer como estudante”. Declara ainda que “a extensão só tem sentido se estiver indissociável das outras dimensões que são o ensino e a pesquisa”:

Eu assimilo a extensão como parte do meu fazer docente, porque durante essa minha trajetória, assim que eu assumi a docência, logo instituí projetos, programas, eventos e é assim até hoje.

Experiência análoga viveu a Pex4, que assegura ter um perfil extensionista ativo desde sua atuação no ensino médio, quando buscava parcerias com a universidade. Para ela, a extensão “sempre foi uma via de mão dupla”.

Eu acho que a extensão é um lugar aberto a recepcionar provocações que vem de fora da universidade. Esse é um primeiro ponto. Ela não é um lugar que a gente consegue controlar tanto quanto a gente consegue controlar as outras dimensões da universidade, e acho que aí tem uma coisa muito bonita na extensão universitária, exatamente por isso acho que ela faz sentido enquanto a gente está respondendo às demandas que vem de fora.

O Pex2, mesmo demonstrando frustração com a falta de comprometimento dos alunos com o projeto, afirmou que a extensão é uma forma de mostrar à sociedade a importância da

universidade, considerando o valor social que ela representa.

Para ele, a extensão é “basicamente justificar pra sociedade o que a gente faz aqui”. Acredita que é necessário um novo paradigma para a indissociabilidade da extensão com o ensino e a pesquisa e enfatiza que ela deve estar “engajada” com as demandas sociais e que isso só ocorre quando há colaboração com outros setores da sociedade.

Isso aí deveria ser o feijão com arroz de toda unidade acadêmica, quer dizer, um centro forte, né? Que induzisse mesmo esses projetos. Eu sou acadêmico de formação, de origem. Sou pesquisador do CNPq e essa parte de *hard Science* é muito firme no meu currículo, mas tenho a convicção de que o valor social que a gente pode dar aqui é na extensão.

O Pex3, expressou humildemente:

A extensão é que faz com que a gente se aproxime dos problemas da sociedade. Dentro da escola, faz com que a gente entenda o que que é o Brasil. Eu acho que porque a gente vai para a base da sociedade e essa base tá chegando dentro da universidade, mas a gente não tem noção do que é isso. Por que é uma vivência que não foi incluída dentro da nossa formação, não é? Então, assim a gente não percebe o que está acontecendo. Eu vejo os professores apavorados. Puxa, os alunos não sabem de nada. Não sei o que, mas na verdade nós não sabemos muito sobre eles também, então como é que a gente pode construir isso? Então, a extensão é um processo quase como uma terapia, de entender o que é o Brasil, como é que está essa sociedade e aí faz essa abertura para a crítica sobre o que nós somos, né?

Algumas concepções já trazem a finalidade e o entendimento dos benefícios para as escolas, como relata o Pex5.

A intenção é que se proporcione oportunidade, maior autonomia na prática docente, no momento formativo para as estudantes que compõem o projeto. Mas também uma preocupação que tem emergido cada vez mais é que isso permita aproximar a escola do mundo da universidade pública como um horizonte, uma possibilidade dos estudantes da educação básica. É esse também o motivo, de início, porque o projeto se propôs a atuar apenas em escolas da educação básica pública.

Com relação à influência da extensão sobre as aulas que ministram e as pesquisas que realizam, cinco dos sete professores responderam que as aulas na UnB passaram a fluir melhor, com maior participação, principalmente do aluno extensionista, que ao incluir relatos de situações reais, levavam os demais alunos a sentirem-se estimulados a verbalizar suas ponderações. Dois deles ainda não conseguiram relacionar muito bem as três dimensões ensino, pesquisa e extensão.

Um desses professores (Pex6) cita: “eu nunca me envolvi com nenhuma atividade

extensionista, parece ter pouco a ver...” e explica que o projeto, “ainda que ele tenha uma vinculação explícita com o ensino, ele não tem uma vinculação direta com o ensino nosso aqui”, mas que acabou coordenando porque os alunos sentiam falta de estágio, havia escola próximo de suas residências, e como precisavam de alguém com vínculo, ele aceitou.

Já o Pex1, explica que “o conhecimento é ampliado quando a gente vincula” e conceitua esse fenômeno, recorrendo aos autores que o compreendiam como atividade consciente: “é algo que nos foi ensinado a partir de Marx e que Paulo Freire também acentua muito nas suas obras, que é a práxis.”

O mesmo professor entende que a dinâmica da extensão, quando levada para sala de aula, permite que professor e alunos avancem nas reflexões. O professor aprimora suas técnicas de ensino e comunicação, de maneira a facilitar o aprendizado autônomo e significativo por seus alunos. Estes, sendo enriquecidos e instigados pelos exemplos reais.

De fato, Freire (1987) conceitua *práxis* a partir do vínculo entre teoria e prática, conectando-a à educação firmada sobre o diálogo, a reflexão e no entendimento das ações do homem sobre a realidade, para alterá-la.

Quando o professor extensionista faz reflexões sobre as ações que o projeto, sob sua orientação, produz, considerando as experiências vividas por seus alunos extensionistas e pela escola, ele pode mediar melhor o conteúdo a ser ensinado, pois poderá fazer melhor interpretação da realidade e assim tornar o processo de aprendizagem mais significativo e relevante.

Esse processo é a práxis freiriana: “uma crítica reflexão que, organizando cada vez o pensar, nos leva a superar um conhecimento estritamente ingênuo da realidade” e “se o momento já é o da ação, esta se fará autêntica práxis se o saber dela resultante se faz objeto da reflexão crítica.” (Freire, 1987)

O mesmo professor extensionista 1 afirma ter desenvolvido, por meio da extensão, uma “escuta sensível”, adquirida “por esse vínculo com as pessoas da comunidade, com os trabalhos de extensão, que permite juntar conhecimentos, que é extremamente difícil, às vezes até recusado, rechaçado no mundo acadêmico”.

Essa mesma significação foi manifestada pelo Pex4:

Eu aprendi a habilidade da escuta, que está relacionada à pesquisa-ação. A escuta sensibilizada é algo muito importante... outra habilidade assim ... muito necessária, que é um desafio, é a habilidade de agregar: pessoas, instituições e interesses, diversos segmentos, é isso. Isso não é fácil, mas eu entendo que é determinante para o sucesso da extensão. E é um desafio, mas a gente tem que ter uma capacidade de agregar.

Sobre o desenvolvimento da capacidade da escuta sensível, Morin (2005; 2013), fazendo conexão com sua teoria da complexidade, defende que é uma habilidade fundamental no processo de construção de significados. Para o autor, essa construção se dá pela interação entre o sujeito, o mundo e o outro, porque o conhecimento, sendo sempre incompleto e complexo (variado, plural) precisa ser trabalhado nas inter-relações.

Assim, a escuta sensível contribui para melhor compreender as perspectivas do outro, coopera para a resolução de conflitos, promove o aprendizado, pois a partir de múltiplos pontos de vista, ampliamos nosso entendimento sobre a realidade complexa em que estamos inseridos (Morin, 2013).

É, portanto, uma habilidade valiosa para qualquer indivíduo, mas para o professor, deve ser permanente, um processo contínuo de reflexão sobre a própria prática (Freire, 1996). Neste ponto, as perspectivas de Morin e Freire se complementam.

Esta pesquisa revelou que há esforços estabelecidos na busca de uma formação ampla e profunda dos estudantes, mas é indispensável apontar e ressaltar o valor da extensão para a construção e reconstrução de conhecimentos do professor extensionista.

É preciso revisitar “Pedagogia da Autonomia” e reiterar as perguntas do mestre Freire (1996): “Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” E mais: “Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina...?”

As experiências vividas por meio do projeto de extensão, direta ou indiretamente, trazidas pelos alunos, é também uma oportunidade de formação continuada para o docente de ensino superior que acompanha o projeto.

A permuta realizada com as atividades de extensão, oportuniza um enriquecimento ao ensino, aumentando a qualidade das aulas, pois os questionamentos emergidos da realidade, as reflexões do conteúdo sobre casos concretos, os problemas reais e as soluções já encontradas, podem ser um mecanismo de atualização de saberes e crescimento da reflexão crítica e ética.

Há, nessa gestão, a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, atualizar seus saberes no intercâmbio de teorias e práticas, seja com os profissionais além muros, seja com os estudantes que de lá trazem suas experiências e questionamentos e estes, podem ser potenciais temas de pesquisas.

Ao fazer questionamentos sobre os propósitos e consequências dos trabalhos realizados, novos conhecimentos surgem, compartilhados, muito mais responsáveis, criando saberes solidários porque “o saber ou a técnica, por competentes que sejam, nada significam, se não se perguntam para quê e para quem existem e operam, se não se perguntam a quem servem, se não se perguntam se há convivência do sábio com o cobiçoso”(Ribeiro, 1986).

Além disso, esses conhecimentos podem contribuir para uma formação mais humanizada do professor, que passa a se preocupar não apenas com o conteúdo, mas com um conhecimento construído sobre indivíduos e não apenas focados sobre desempenhos.

O educador passa a instruir para além das habilidades técnicas necessárias à formação profissional, incentivando também o desenvolvimento social e a cidadania de seus alunos, de maneira que se tornem mais críticos e conscientes de seus papéis profissionais dentro da sociedade.

De igual modo, um professor extensionista não deve produzir ensino e pesquisa apenas para “adorno”, mas oferecer saberes necessários com capacidade de gerar novas pesquisas e assim, novos conhecimentos, para novos ensinos e aprendizagens, entendendo a conexão da extensão com a pesquisa e o ensino.

A Pex4 tem experiência dos dois lados da docência: foi professora da Secretaria de Educação no DF e no Goiás e há algum tempo exerce a docência na UnB. Sua vivência é de aprendizado e diz que é por isso que a extensão é “sair da caixinha e tatear caminhos de experimentação e aprendizagens”.

Acho que eu tenho até uma dificuldade de responder especificamente a partir da minha experiência na UnB, porque eu tenho um perfil muito extensionista, então, atuando na escola como professora da educação básica, eu já procurava o tempo inteiro a universidade. Foi um caminho que para mim sempre foi muito buscado, assim, de uma forma muito espontânea, mesmo porque eu entendi que, se a universidade tinha contribuições a trazer para a escola, eu poderia ter o meu trabalho muito fortalecido na escola e ao mesmo tempo, fui reconhecendo desde muito cedo na escola, uma altivez enorme, porque eu acho que às vezes a universidade também não tem ideia do que a gente faz lá na escola e do quanto a gente faz coisas muito legais.

Entendendo a contribuição bilateral e o aprendizado que surge da extensão, o Pex1, citando o professor Renato Reis (1996), diz que se há “compromisso orgânico” com o projeto levado à sociedade, “fazer a remissão para sua prática docente é um pulo.” Ele explica: “você consegue trazer e envolver a dimensão da práxis quando isso é bem seguro na sua perspectiva de trabalho.” E acrescenta:

Desenvolvi essa escuta sensível com esse vínculo com as pessoas da comunidade, com os trabalhos de extensão, não é que permite juntar, que é extremamente difícil, às vezes até recusado, rechaçado no mundo acadêmico, que é aliar a sabedoria popular, conhecimento popular com conhecimento erudito.

A professora Pex4, ao ser perguntada sobre os benefícios da extensão para o ensino e a pesquisa respondeu com alegria:

Aí eu vejo que eu não consigo dissociar essas coisas mesmo [ensino, pesquisa e extensão], o caminho entre elas é muito emaranhado, então eu vejo que os resultados da extensão vão me provocando assim, por exemplo, é quando eu começo a desenvolver essas ações de extensão sobre a história do DF.

Segundo a professora, é preciso “reconhecer a escola como um campo de pesquisa” e estimular os professores da escola a ver dessa forma, como autores de trabalhos sobre seus trabalhos e diz que a universidade pode investir nisso, com apoio à pesquisa na escola e que projetos como esse pode colaborar no enfrentamento da rotina escolar, envolvendo todos: “ eu sempre fui na escola uma professora pesquisadora e acho que existe um potencial”.

O Pex7, um dos professores que não conseguiram identificar as possibilidades da extensão no ensino e na pesquisa, acredita que a extensão “valoriza as licenciaturas e faz com que os projetos sejam diretamente vinculados à preocupação com o ensino. Seja pelos projetos ou por outros caminhos, a intenção é ganhar um pouco mais de espaço”.

No entanto, ele também diz que a partir do projeto, viu uma grande mudança na relação dele com a extensão e diz que:

Há elementos que eu não esperava que fossem aparecer e que acabaram modificando a minha relação com a extensão. Mas ao mesmo tempo em que eu percebo a mudança eu ainda não consigo vislumbrar plenamente os outros impactos que isso pode ter, porque me parece que a mudança que ainda está em curso, não está completada. Acho que tende a expressar uma proximidade maior com atuação na pesquisa e que talvez nós venhamos a ter outras transformações no que diz respeito ao lugar da prática extensionista, em sentido mais amplo.

Para a maioria dos professores extensionistas entrevistados, a extensão desperta um olhar melhor para o Brasil, para os problemas vividos na sociedade e consequentemente, pode gerar pesquisas mais relevantes.

Assim, pôde ser observado, que a extensão é um instrumento de geração de conhecimento não apenas para a formação técnica e cidadã dos estudantes, mas igualmente eficaz para o crescimento dos professores que se envolvem de forma “orgânica” com o projeto.

Esta pesquisa se propôs a verificar projetos da licenciatura. No entanto, em cinco deles, os cursos também oferecem modalidades de bacharelado, voltadas para a preparação do estudante atuar em área específica que precisa cumprir exigências técnicas e mais práticas do mercado de trabalho, diferenciando-se da licenciatura que tem como objetivo formar professores da educação básica.

As entrevistas possuem muita liberdade de expressão e nas conversas foram apresentadas algumas dificuldades com essa compreensão do papel da extensão para os cursos de bacharelado, como o Pex7 relata em:

Quando eu estou em alguma das empresas que têm uma proximidade maior com a licenciatura, é onde, pelo desenho do projeto que eu coordeno, é mais evidente essa proximidade. E onde eu consigo melhor mobilizar. Se fosse para o bacharelado... bem... o curso é... [omitido o curso para preservar o anonimato] é basicamente pesquisa.

Este professor extensionista, além de coordenar um dos projetos pesquisados, realizado na licenciatura, também faz pesquisa no bacharelado. Mas quando perguntado como avaliava a influência das atividades de extensão na forma como planejava e desenvolvia as aulas e as pesquisas, ele pareceu não ver proximidade da extensão com o bacharelado. Ao mencionar a escolha dos alunos pela disciplina que ele oferece, observou que há “um interesse maior em pesquisa” e que a licenciatura, “como uma prática educacional”, “tem uma proximidade”, insinuando que alguns cursos da área apresentam mais dificuldades em se conectar às demandas sociais.

A compreensão de que a pesquisa não está diretamente ligada à extensão foi demonstrada por outro professor (Pex5), que coordena cursos com oportunidades de docência, mas são também cursos que possuem uma história até recentemente de bacharelado, voltado às pesquisas teóricas.

Apesar disso, o Pex2, também coordenador de curso onde o bacharelado é mais consolidado, tem uma visão mais ampla e mais associada às ideias de Darcy Ribeiro: “Acho que o maior ganho da extensão é mesmo [...] é basicamente justificar o que a gente faz aqui, né? No retorno para a sociedade, eu acho que isso aí é o que deveria ser”.

E ainda o Pex4:

É uma ação inovadora que deve ser reproduzida por outras áreas de ensino da universidade, pois a extensão não deve ser realizada apenas pela licenciatura, porque em qualquer curso é possível apresentar um projeto que colabore com a sociedade.

O professor concorda com o discurso de Darcy Ribeiro, “pensar os problemas do Brasil” deve ser o argumento para as pesquisas universitárias, de maneira que contribuam para o desenvolvimento do país, formando cidadãos capazes de atuar pela democracia, para seu território e para o mundo, integrados, para “refletir e agir diante de cada situação concreta, a optar e a lutar, a fim de que se realize a alternativa melhor” (Ribeiro, 1986).

O Pex7 reconhece que o projeto foi iniciativa dos alunos, que precisavam de um espaço para poderem ter mais práticas docentes durante a graduação, e que eles próprios delinearam o projeto. Confessa que participou com a submissão ao edital Licenciaturas em Ação, porque era necessário um professor, mas os estudantes têm autonomia para fazerem reuniões e ações, ele orienta, tira dúvidas e atua junto ao DEG, concluindo: “a proposta é inteiramente devida à iniciativa dos estudantes”.

Apesar de expressar que enxerga “uma miríade de possibilidades de como a extensão pode promover essa articulação, essa possibilidade, essa ponte da universidade com a educação pública, sobretudo com a educação pública básica”, o professor continua:

Eu enxergo que a extensão ainda tem um lugar subordinado, um lugar mais marginalizado, mas eu penso que isso veio mudando nos últimos anos. Em parte, isso vem mudando justamente por causa do lugar que as licenciaturas vieram ocupando, né? A gente teve um longo período em que as licenciaturas não tinham grande relevância, mas as disputas e lutas pela inclusão [da extensão] já vinham anteriormente, então isso muda o panorama, valoriza as licenciaturas e faz com que [a extensão] fosse diretamente vinculada à preocupação com o ensino.

Essa interessante entrevista mostrou que os professores universitários ainda estão tentando compreender o papel da extensão no ensino e na pesquisa. Observou-se em todas as entrevistas que o papel formativo dos estudantes de ensino superior é a motivação dos projetos. O diálogo com a sociedade surgiu como perspectiva clara em apenas três projetos. Mas a contribuição para o desenvolvimento contínuo dos professores foi mencionada por apenas dois deles.

Um desses depoimentos foi dado pelo Pex6: “com o Licenciaturas [em Ação] eu vi uma grande mudança na minha relação com a extensão. Há elementos que eu não esperava que fossem aparecer e que acabaram modificando a minha relação com a extensão.”

Perguntado sobre que elementos seriam esses, o professor expressou que pôde ver como a universidade pode contribuir com a sociedade, “com a escola, nesse projeto, né?” ele relata que pode perceber que a discussão extensionista tem sido mais ampla nos últimos anos.

Os relatos demonstram compreensão de que a extensão não se limita à transmissão de conhecimento, mas envolve a construção de um saber crítico e reflexivo, capaz de melhorar a realidade das escolas que recebem os projetos, assim como da própria universidade.

No entanto, a pesquisa também evidenciou desafios e lacunas, como a necessidade de maior integração da extensão com as demais atividades acadêmicas, especialmente nos cursos de bacharelado, assim como ainda são necessários mais debates sobre a contribuição da extensão para o ensino e a pesquisa entre os professores.

Ao serem perguntados como é garantida a cooperação dos representantes da escola quando o projeto é proposto, de forma que seja assegurada sua relevância no contexto escolar, algumas experiências ilustram claramente o que pode ocorrer.

O Pex3 relatou sobre o início do projeto, que teve início na pandemia, no ano de 2020:

Começou na época da pandemia e a gente tinha muito essa perspectiva de fazer as coisas funcionarem no online, né? Nós não tínhamos contato nenhum com as escolas e começamos a desenvolver o material didático. Dentro dessa concepção, a ideia era fazer uma coisa que fosse online e que pudesse envolver os estudantes [da escola], usando o smartphone. Então assim, eu confesso a você que era uma coisa bem ingênua, sabe? assim, porque eu, embora seja professor da universidade, minha experiência na época com a questão da escola era muito pequena, né?

Ele narra que começou a projetar o material para ser oferecido nas escolas de ensino médio e que envolveu alunos extensionistas da graduação e do doutorado, além de alguns professores de diversas disciplinas, em um trabalho interdisciplinar “muito rico e diverso”

**Pex3:**

Passamos um ano desenvolvendo o projeto, só que quando foi aplicar, a pandemia meio que acabou e a gente pôde ir para a escola. Mas quando chega na escola, a realidade era muito diferente do que foi imaginado, né? Então, os materiais que a gente fez e a gente foi aplicar, mas numa escola de ensino médio com estudantes que tinham outra necessidade e a gente não compreendia bem...

O reconhecimento da realidade do local de aplicação das atividades é assinalado pelo Pex3, como fundamental para que sejam alcançados resultados satisfatórios para todos os participantes da atividade extensionista.

O professor assume que a experiência foi um choque, mas ressalta que “foi muito importante para entender”, concluindo: “Como é difícil a gente imaginar alguma coisa e transpor lá para a escola sem ter tido uma experiência prévia!”

Reconhecendo a necessidade do espaço de diálogo na apresentação do projeto à escola, o Pex3 considera:

A escola é um ambiente extremamente mutável e muito ... muito diverso. A forma de entrada foi muito difícil, porque esse processo demora muito tempo para ser construído. Essa relação, ela depende de uma coisa que inclusive eu só fui percebendo muito recentemente ... assim, de um respeito ... a outra parte precisa se envolver no projeto não tem como, de forma alguma, a gente fazer alguma coisa de sucesso que não envolva essa troca muito forte. Isso leva tempo, não é de uma hora para outra que se faz.

A experiência do Pex3 é um exemplo da inevitabilidade da comunicação. Um termo que Paulo Freire (1983) julgou mais adequado que extensão, exatamente porque considerava que esta palavra sugere “transmissão, entrega, doação, invasão cultural...”, sem que a outra parte participe como coautor, interagindo para sua própria transformação.

O autor reflete sobre o “fazer educativo” da extensão e por isso mesmo, a ação deve ser de comunicar, para que “aos homens se lhes problematize sua situação concreta, objetiva, real, para que, captando-a criticamente, atuem também criticamente, sobre ela.”

O Pex3 conta: “erramos ainda uma segunda vez! Criamos o projeto, submetemos e [...]”:

O projeto foi aprovado e agora eu, olhando para o projeto, digo: sim, cadê a Secretaria de Educação nesse projeto? O texto não tem, não tem participação de ninguém da Secretaria. Foi tudo da nossa cabeça. Eu e mais outros tantos professores, aí eu digo, tá errado esse negócio aí. Agora eu estou revendo esse processo, eu estou trazendo os professores, reposicionando o projeto.

A Pex4, que atuou como professora da Secretaria de Educação do DF e hoje é professora extensionista da UnB, pontuou, antes mesmo da pergunta ser feita, que o atendimento às demandas deve ser uma preocupação dos projetos e que na apresentação à escola, o projeto deve ter abertura para adaptação por meio de interações com a escola.

... inclusive deve haver o cuidado, a delicadeza, é... uma consideração, ao chegar na escola, de não levar o projeto pronto. Ele deve ter o diálogo, a interdisciplinaridade, que é sempre ir tentando manter um diálogo o mais ... simétrico possível com as escolas, porque é uma outra coisa que também sempre me incomodou.

Então tem essa questão ... o problema de ser um diálogo utilitarista, mas ao mesmo tempo, que não respeita de modo efetivo o professor que está lá na educação básica como um intelectual. É a via de mão dupla, isso é muito importante.

Os depoimentos dos professores universitários entrevistados revelaram que, quando a extensão está integrada de forma genuína à prática docente, ela ultrapassa o papel de atividade

complementar e assume de fato seu papel transformador. Passa a ser um espaço concreto de formação continuada, onde o professor também aprende, seja ao repensar suas aulas com base nas vivências dos alunos extensionistas, seja ao construir novos olhares sobre a escola pública, suas urgências e demandas.

Esse aprendizado não ocorre apenas a partir dos conteúdos, mas das relações que a extensão provoca: com os alunos extensionistas, com os professores e estudantes da escola, com a comunidade.

Apesar disso, os relatos também evidenciaram limites que ainda precisam ser enfrentados. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, tantas vezes celebrada nos documentos institucionais, nem sempre se concretiza na prática. Persistem resistências, distanciamentos entre os saberes acadêmicos e os cotidianos escolares, e alguns docentes ainda desconhecem ou têm pouca familiaridade com a extensão, o que dificulta seu reconhecimento como espaço legítimo de produção de conhecimento.

Ao expressarem dúvidas, hesitações ou dificuldades em articular suas ações extensionistas com o ensino e a pesquisa, os professores indicam que a universidade precisa escutar mais, dialogar mais e se abrir verdadeiramente aos territórios com os quais se propõe a interagir.

Quando essa escuta acontece, ainda que timidamente, os efeitos são visíveis: os relatos mostraram professores mais inquietos, mais conectados com o real e mais atentos ao seu papel formador, não apenas de estudantes, mas de si mesmos.

### **5.3 Ensino Superior e Educação Básica de Escolas Públicas: diálogos em extensão**

A importância de parceria entre escolas públicas e universidades tem sido publicada em trabalhos como artigos, dissertações e teses em todo o Brasil como instrumentos enriquecedores do ensino e da formação de cidadãos. O tema extensão tem demonstrado que a integração universidade-escola por meio das ações extensionistas é um campo de estudo que abrange diversas áreas do conhecimento, com benefícios recíprocos.

Buscou-se então, a consideração dos professores das escolas, que acompanharam os sete projetos escolhidos do edital Licenciaturas em Ação, realizados entre os cinco últimos anos, sobre quais eram suas percepções sobre o tema, os impactos sobre a escola e sobre eles mesmos, quais eram as expectativas das escolas em relação à extensão e se eles acreditavam que ela contribuía para fortalecer o relacionamento entre universidade-escola.

Foi encontrado um grande entrave comunicativo para que todos os professores de escola, envolvidos nos projetos selecionados, fossem entrevistados. Embora todos tenham

recebido email e/ou mensagens de WhatsApp, três professores tiveram dificuldades de agendamento por estarem comprometidos com outros projetos em instituições diferentes da Secretaria de Educação do DF, pois eram professores temporários na época em que acompanharam as atividades de extensão e não mais no período em que as entrevistas foram realizadas.

Quatro tentativas foram feitas, ficando combinado que enviariam respostas ao roteiro por meio de áudio, pelo aplicativo, e que se houvesse perguntas surgidas a partir das respostas recebidas, poderiam ser novamente enviadas para que fossem esclarecidas. O planejamento foi criado para diminuir a dificuldade de uma entrevista presencial ou por telefone, com horário marcado, mas não foram obtidas respostas.

Os projetos nos quais esses professores foram participantes não foram excluídos em razão da relevância e do tempo, pois enquanto eram aguardadas as respostas, as entrevistas com os demais participantes estavam sendo realizadas, com o objetivo de aproveitar o tempo. Ainda havia possibilidade de serem realizadas até que o prazo final não ocorresse, mas não se realizaram. Este foi, certamente, um grande obstáculo enfrentado pela pesquisa.

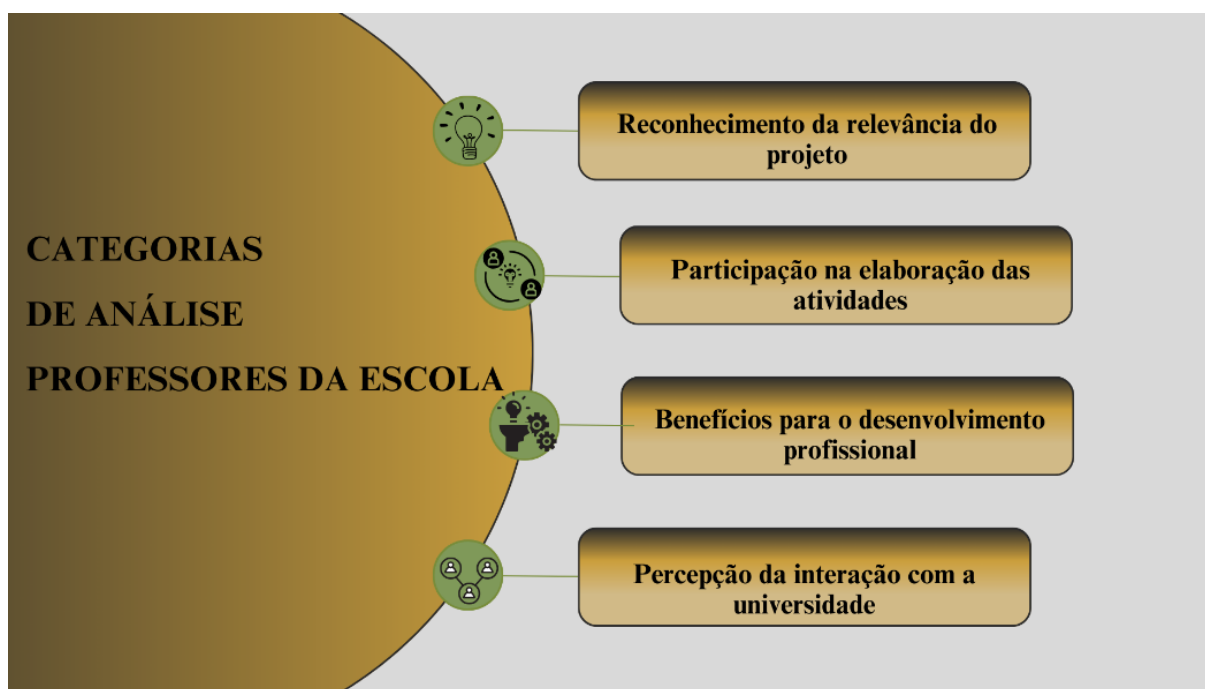
No entanto, em um dos projetos, dois professores foram entrevistados, perfazendo um total de cinco professores de escolas públicas entrevistados.

É importante considerar que, segundo o Sindicato dos Professores do Distrito Federal (SINPRO DF, 2024), um grande problema dentro da Secretaria de Educação do Distrito Federal é o número de professores temporários que, em junho de 2024, era mais da metade do número de professores efetivos (SINPRO DF, 2024).

Segundo os coordenadores dos projetos e alguns professores das escolas, a continuidade das ações extensionistas tem sido prejudicada em virtude de o grande número de profissionais serem temporários e a rotatividade frequentemente anual.

Mesmo assim, os relatos dos professores que receberam a pesquisadora foram riquíssimos, demonstrando interesse em contribuir.

Das entrevistas efetivadas, quatro categorias emergiram, conforme demonstrado no quadro 2 e destacado na figura abaixo.

**Figura 13:** Categorias de análise Professores da Escola

Fonte: Elaborado pela autora

Todos os cinco professores entrevistados reconheceram como pertinentes os projetos de extensão realizados em suas escolas, “oxigenam as práticas pedagógicas” (Pes4) e “criam espaços de interação entre escola e universidade” (Pes2).

O intercâmbio entre alunos extensionistas e professores da escola é considerado por esses profissionais como fomento à troca de experiências e à construção de redes de colaboração, conforme focalizado pelo professores:

**Pes5:**

Eu entendo extensão assim: a universidade sai do espaço restrito de onde se faz pesquisa e tem uma contrapartida com a sociedade. É um encontro com a realidade, conhecer como são suas dinâmicas [da escola], levando um conhecimento, mas ao mesmo tempo, quando eu entro em contato com essa realidade extra acadêmica, eu a levo pra academia, onde eu vou ter novas pesquisas, novos aportes que vão criar novas ações e essas ações de novo para a sociedade. Isso enriquece tanto a pesquisa quanto o ensino, é vital e necessária para a própria existência da universidade.

**Pes3:**

A educação básica é onde tudo pulsa, né? E é onde todo mundo está fazendo um monte de coisas, só que muitas vezes, sem refletir, porque a dinâmica da escola é muito pesada. Então, essa chegada da extensão dentro das escolas nos ajuda a refletir aquilo que a gente já faz, né?

Eles destacaram que conhecer os trabalhos realizados na escola, prepara os universitários para o desempenho profissional, pois ao retornarem à academia, conscientes das realidades diversas que se apresentam, podem promover discussões que colaborem para soluções dos problemas encontrados. Além disso, são estimulados a desenvolverem projetos que atendam às necessidades da escola, promovendo assim, um senso de responsabilidade social.

**Pes1:**

A presença dos universitários aqui foi maravilhosa, trouxe ânimo para a escola. Foi uma troca muito rica, a escola ganha muito quando tem esse tipo de parceria.

Tendo reconhecido a importância dos projetos de extensão, os professores entrevistados mencionaram a importância da participação da escola na organização destes, antes que se iniciem na escola, para que ao serem iniciados, estejam adequados ao contexto local de forma que a experiência seja produtiva para ambas as instituições.

Indicaram que, em muitos casos, a participação da escola na elaboração das atividades foi limitada. Em geral, os projetos chegaram já estruturados e foram apresentados aos gestores e professores para adesão.

Em um dos projetos, havia capacitação, mesmo assim, haviam dificuldades na adequação do projeto, pela falta, na escola, de equipamentos necessários para o desenvolvimento das atividades, o que levou ao atraso de quase um semestre para que conseguissem iniciar com equipamentos doados.

Um exemplo relevante foi dado pelo próprio professor extensionista, o coordenador Pex3, citado no subtítulo 5.2, que copiamos aqui:

**Pex3:**

Passamos um ano desenvolvendo o projeto, só que quando foi aplicar, a pandemia meio que acabou e a gente pôde ir para a escola. Mas quando chega na escola, a realidade era muito diferente do que foi imaginado, né? Então, os materiais que a gente fez e a gente foi aplicar, mas numa escola de ensino médio com estudantes que tinham outra necessidade e a gente não compreendia bem...

Para que o esforço, trabalho e tempo sejam melhores utilizados, é fundamental esse contato com a escola onde deseja-se aplicar o projeto, logo na sua elaboração. Uma visita prévia, dialogada, seria um ótimo início de parceria.

Contudo, três deles relataram que houve momentos de diálogo, principalmente durante

o processo de implementação, quando ajustes foram realizados para melhor atender às necessidades da escola:

**Pes3:**

A gente não fez junto desde o começo, mas quando viram que precisava mudar alguma coisa, chamaram a gente pra conversar

**Pes4:**

Olha, o projeto já veio mais ou menos desenhado, né? Mas teve espaço pra gente conversar, ajustar algumas coisas pra nossa realidade aqui.

**Pes5:**

A gente não participou da criação não [...], mas depois, quando eles começaram a aplicar, ouviram a gente, perguntaram o que era melhor pra turma. Foi bom ter essa abertura.

Um dos professores relatou que na sua escola foi dialogado desde o início. É importante relatar que a professora era orientanda de doutorado na faculdade de educação e o projeto foi pensado para a escola em que ela atuava, o que facilitou toda a comunicação e ajustes desde o começo.

**Pes2:**

O professor [extensionista da UnB] sempre teve essa preocupação de primeiro fazer uma sensibilização com os professores. Pegava a agenda da escola ou o cronograma mensal, anual da escola, marcava uma coordenação juntos mostrando o projeto. E não mostrava o projeto pronto.

Outro ponto importante sobre as declarações anteriores, é o fato dos projetos dialogados antes de sua aplicação terem sido acompanhados pelos professores já citados no capítulo anterior, que tinham experiência como aluno extensionista, assim como com projetos anteriores, evidenciando aprendizados com a própria ação.

Todos os professores entrevistados ressaltaram que ainda é necessário avançar para que a construção dos projetos seja mais colaborativa desde o início, de maneira a fortalecer o sentido de pertencimento e corresponsabilidade entre universidade e escola.

Ao serem perguntados se a extensão exerceu algum impacto sobre suas carreiras docentes, foi respondido que passaram a refletir mais sobre suas práticas pedagógicas.

**Pes3:**

Eu vejo que teve um impacto bem grande ao enxergar os estudantes [extensionistas] de uma maneira diferente, não é? É a capacidade deles, as possibilidades que a gente pode trabalhar com eles e até mesmo a minha maneira de planejar as aulas e orientar os meus colegas [Pes3 é diretor de escola].

Os relatos também apontam que a presença dos extensionistas motivou os docentes a inovar e experimentar metodologias mais participativas, renovando o entusiasmo com o trabalho diário. A troca de experiências foi percebida como um processo de aprendizagem mútua, onde a escola e a universidade se fortalecem juntas.

**Pes5:**

Sinto-me impelido a buscar mudanças na minha aula, né? melhorar meus métodos pedagógicos, porque as meninas [alunas extensionistas], quando eu peço para elas darem aulas, elas sempre pensam numa dinâmica, uma coisa um pouco diferente, não é? Aí eu fico observando e pensando: eu vou fazer, eu vou copiar isso aqui. É uma dinâmica de complementariedade.

**Pes2:**

Essas ações da universidade dentro da escola ajudam a gente a refletir sobre o que a gente já faz. A gente vai pensando junto, vai mudando. É um movimento que puxa a gente pra pensar mais.

Professores relataram que passaram a repensar suas estratégias de ensino, a planejar aulas de maneira mais dinâmica e a buscar maior aproximação com as realidades dos estudantes. Além disso, houve reconhecimento da escola como espaço legítimo de pesquisa, ampliando a percepção de que o ambiente escolar pode e deve ser fonte de produção de conhecimento, como podemos ver nas palavras dos professores:

**Pes1:**

Quando a gente recebe o pessoal da universidade, a gente entende que muita coisa que fazemos já é produção de conhecimento, mas que às vezes falta documentar, falta valorizar isso como pesquisa

**Pes 2:**

Esse projeto me fez perceber que a nossa prática aqui na escola também é pesquisa. Cada vez que a gente testa uma estratégia nova, observa, analisa, isso é pesquisa também. E a universidade ajudou a abrir esse olhar.

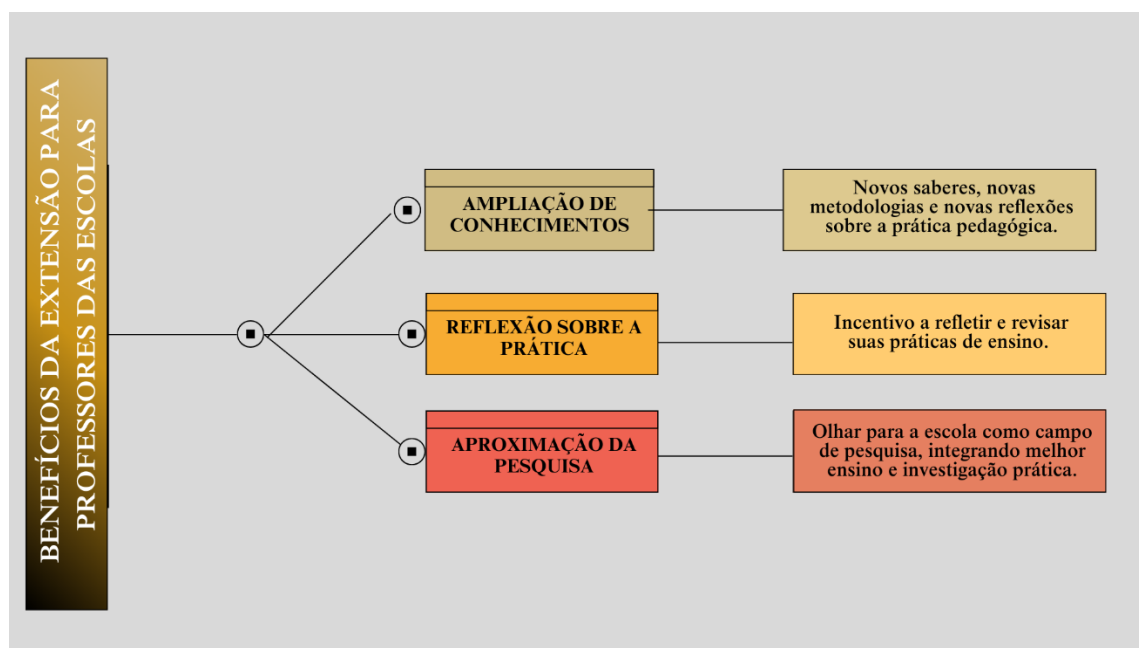
**Pes 4:**

A gente vê a escola de outro jeito, sabe? Eu mesma comecei a pensar em registrar mais as coisas que acontecem aqui, que podem virar projetos, podem virar pesquisa também.

Ficou claro que a participação nos projetos de extensão promoveu impactos positivos para o desenvolvimento profissional dos professores das escolas públicas entrevistadas. A interação com os alunos extensionistas estimulou a reflexão crítica sobre suas práticas pedagógicas e despertou novos olhares para a sala de aula.

Pela importância dos achados, segue abaixo, resumo dos benefícios da extensão para os professores das escolas.

**Figura 14:** Benefícios da extensão para Professores das Escolas



Fonte: Elaborada pela autora a partir das entrevistas com professores das escolas

Sobre a contribuição da extensão para o fortalecimento da relação entre a escola e a universidade, os professores acreditam que, ao levar projetos para as escolas públicas, a universidade contribui para democratizar o acesso ao conhecimento, oferecendo oportunidades para estudantes que, muitas vezes, não têm chance de contato com outras perspectivas, tornando-se elemento de “motivação para a continuidade dos estudos pós ensino médio”, como

relatado:

**Pes1:**

A gente quer mostrar que todo mundo pode, que a faculdade não é só pra quem tem dinheiro. É pra quem quer mudar de vida. Então quando um aluno da faculdade vai lá e conta a história dele, é como se acendesse uma chama dentro deles. Eles veem que é possível, que tem gente que passou pelas mesmas dificuldades e conseguiu. É muito gratificante ver a esperança nos olhos deles.

**Pes5:**

É um projeto muito importante, porque traz uma experiência nova para dentro da escola e mostra para os alunos que é possível sonhar mais alto, que eles podem chegar na universidade.

Foram citados alguns projetos que levam alunos de escolas públicas para conhecerem a universidade e a experiência de ex-alunos que ingressaram no ensino superior. Neste contexto, os professores expõem que as semanas universitárias são muito importantes para os alunos conhecerem um pouco da academia, que se empolgam com os campi e com os cursos, que muitos saem motivados a querer fazer parte daquele espaço, e relatam que o simples transporte até o campus é um entrave para a escola.

Esse valor é reiterado pelos demais professores da escola, que veem a aproximação da universidade com a educação básica como uma quebra de barreiras e desmistifica a ideia de que a universidade é um espaço inacessível, incentivando estudantes de escolas públicas a superar os desafios, a permanecer na escola e a ingressarem no ensino superior, sendo um grande instrumento de inspiração para os estudantes.

Quando diziam que a formação de novos professores pela universidade deve incluir a conexão com a realidade da escola, demonstravam que compreendiam o valor da escola nessa troca de saberes, onde tanto o ensino escolar quanto a pesquisa universitária podem evoluir e transformarem-se.

**Pes2:**

Eu falo sempre: é importante o professor extensionista dentro da universidade. Ele amplia os olhares, leva a universidade até a escola e depois a escola até a universidade.

Contudo, em todas as entrevistas foram citadas dificuldades de conhecerem projetos em andamento e dificuldades de contato com a universidade.

**Pes1:**

Seria bacana ter um lugar que a gente pudesse falar mais facilmente com a universidade, pra assim... saber dos projetos. Acaba que quase sempre é porque conhecemos alguém.

**Pes4:**

Eu fui à semana universitária e lá conheci o projeto, então pedi pra virem até a escola conversar com o diretor e deu certo.

Ao iniciar a pesquisa a autora também teve dificuldades em encontrar os projetos que estivessem dentro do delineamento da proposta de estudo: projetos realizados em escolas públicas. Ao se informar no Departamento de Extensão (DEX), foi orientada, na primeira visita, que fosse pesquisado no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), uma plataforma online da Universidade de Brasília (UnB) que reúne informações acadêmicas de alunos e docentes.

Como servidora, a pesquisadora acreditou que não teria dificuldades, mas o sistema não recuperava as ações corretamente, visto que havia atividade que era de conhecimento da autora, que não retornava após a busca.

Ao explorar o site do DEX, a autora tomou conhecimento do programa de editais de extensão Licenciaturas em Ação, um projeto que, segundo o departamento, tem como objetivo fomentar a colaboração entre universidade e escolas, incentivar a criação de projetos por meio de bolsas e promover a articulação entre ensino, pesquisa e extensão dentro das licenciaturas. Foi uma grande descoberta pois tratava-se de ações ligadas diretamente ao objeto de pesquisa em andamento.

Ao expor o difícil processo para encontrar os trabalhos realizados pela extensão, pretendeu-se provocar uma reflexão sobre a dificuldade de comunicação que é realçada nas entrevistas, como por exemplo, na fala do Pes5:

É um dos grandes problemas, assim [...] porque eu não sei quando acontece [os projetos]. Quando tem edital eu não sei. Não tem uma divulgação muito grande. Claro que tem uma divulgação nas redes sociais da própria universidade. Mas com a demanda da escola, nem sempre estamos atentos às redes. Se tivesse uma comissão da UnB, de diálogo constante com as escolas ou outras instituições de interesse da sociedade civil, com datas mais ou menos, aí a gente tem mais condição [de acompanhar].

Os professores das escolas que participaram das entrevistas demonstraram uma compreensão profunda da importância do trabalho cooperativo entre a universidade e a escola

por meio da extensão, especialmente no contexto da educação pública.

Pode ser observado que, inicialmente, os entrevistados destacaram os pontos positivos da extensão, citando exemplos e autores relevantes. Contudo, ao longo da entrevista, eles se sentiram mais à vontade para expressar suas opiniões de forma mais direta e crítica.

Segundo Lakatos e Marconi (2017), esta é uma experiência de observação e comprovação da entrevista como instrumento de coleta de dados, pois ao se criar interação e influência recíproca, facilita-se o aprofundamento e a compreensão das experiências do entrevistado.

Neste sentido, as entrevistas, que levaram em média uma hora e meia, passavam a apresentar melhor os anseios dos entrevistados na metade do tempo de entrevista, ocasionando que ficassem mais à vontade para responder às perguntas.

O Pes1, ex-aluno da UnB, expressou:

É uma coisa ridícula assim, né? Enfim, é um comentário final que eu gostaria de deixar. É até um desabafo. Eu amo a universidade pública, eu virei gente por causa da universidade pública. Mas quando eu saí, me formei, comecei a trabalhar, eu comecei a ficar com raiva da universidade porque você vê que é uma imensa bolha que não tem conexão nenhuma. Assim [...] a gente tem conta disso na universidade, faz crítica, mas quando você vivencia e se distancia, tem uma outra visão. Às vezes eu venho aqui para a UnB e olho: nossa, que lugar bacana, que coisa linda! E aí penso: como que meu aluno chega aqui? Vai ter um seminário na UnB? Como é que eu viro pro meu aluno, que mora no Sol Nascente, e falo: vai lá na UnB! Eu gosto das extensões porque a função delas também é essa, de fazer essa ponte, levar a academia para o centro do povo. Mas está muito devagar e também, é claro, quando a universidade se aproxima da realidade concreta, ela também leva as contribuições da escola, dos movimentos sociais. E eu acho que a universidade precisa da periferia, precisa dos nossos alunos cotistas, dos movimentos sociais, porque eu entendo que é uma interdependência pra entender a realidade, pra fazer pesquisa, as extensões são importantes pra avançar e precisa avançar nisso.

O uso da metodologia qualitativa, com entrevistas abertas, possibilitou identificar os principais impactos da extensão em suas trajetórias profissionais, além de captar nuances e particularidades das experiências individuais.

Os professores concordam que a extensão universitária é fundamental para democratizar o acesso ao conhecimento, promover a inclusão social e preparar tanto os estudantes do ensino básico quanto os universitários para alguns dos desafios contemporâneos.

Ao conectar a universidade com a comunidade da educação básica, a extensão deve contribuir de fato com a formação de cidadãos mais críticos e engajados, além de fomentar a inovação e o desenvolvimento local.

Mas isso só é possível se houver comunicação de fato, e as práticas extensionistas

desenvolvidas estiverem alinhadas com as necessidades da escola, como preconiza o referencial teórico utilizado e os documentos regentes da UnB.

Ao fortalecer esse vínculo, criando projetos de pesquisa focados em problemas reais, possibilita a interdisciplinaridade e a aprendizagem baseada na ação, facilitando a busca de soluções para a resolução de problemas complexos.

A extensão universitária, ao democratizar o conhecimento e promover a interação entre a academia e a sociedade, alinha-se diretamente aos “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU” 4 e 10 (2015): Educação de qualidade e Redução das desigualdades, respectivamente, contribuindo assim, para atingir a Agenda 2030, um acordo assumido pelos países membros da Organização das Nações Unidas (ONU) no empenho para a melhoria da qualidade de vida no planeta.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Universidade de Brasília, por meio de seus documentos normativos, orienta o fazer extensionista alinhada aos objetivos do FORPROEX e da Política Nacional de Extensão, buscando cooperar para o desenvolvimento de seu território. Esse comprometimento está refletido inclusive no slogan institucional de 2025: “*Conhecimento em movimento, sociedade em transformação*”.

No contexto dos projetos aprovados pelo Edital Licenciaturas em Ação, realizados entre os anos 2020 e 2024, esta pesquisa pôde captar a percepção de três grupos diretamente envolvidos nas ações: alunos e professores extensionistas da UnB e professores das escolas onde os projetos foram desenvolvidos.

Os dados coletados junto aos alunos extensionistas revelaram um processo formativo rico, marcado pelo desenvolvimento de habilidades como trabalho em equipe, comunicação e resolução de problemas no cotidiano escolar.

Os alunos entrevistados demonstraram compromisso com a busca de soluções para os problemas enfrentados nas escolas. Além disso, perceberam um impacto positivo dos projetos na comunidade escolar, sendo considerado o maior deles, o incentivo aos alunos da escola para a continuidade dos estudos, desmistificando a universidade e contribuindo para uma mudança de escolhas entre diversos estudantes do ensino médio.

Constatou-se ainda que muitos alunos, ao final do período de vigência da bolsa, permaneceram nos projetos como voluntários, o que evidencia o vínculo e o compromisso

gerado pela experiência. Nesse sentido, tanto alunos quanto professores extensionistas, reforçaram a importância das bolsas de extensão, que são percebidas como fundamentais para garantir o envolvimento e a dedicação ao projeto.

O Relatório de Indicadores da Extensão 2024, do DEX, já contempla esse ponto, ao propor o acompanhamento do apoio institucional ao aluno extensionista (p.7), uma ferramenta que pode subsidiar políticas de ampliação de bolsas e fortalecimento da atuação discente.

As falas dos estudantes também demonstraram que a extensão contribuiu para o desenvolvimento pessoal, estimulando a organização, o senso de responsabilidade, a criatividade, o autoconhecimento e a vivência cidadã, por meio do contato com realidades diversas e da troca de saberes.

Os resultados obtidos confirmaram que a extensão, ao articular teoria e prática, favorece a formação de profissionais críticos, socialmente engajados e capazes de promover transformações significativas nos contextos em que atuam.

Para além da formação discente, a pesquisa evidenciou que a extensão também pode impulsionar a prática docente e a produção de conhecimento entre os professores universitários, embora isso ainda não ocorra de forma plena. Os depoimentos revelaram que, mesmo entre docentes com trajetórias extensionistas, ainda há desafios a superar, como a fragmentação entre as dimensões ensino-pesquisa-extensão e a dificuldade de reconhecimento da extensão como espaço legítimo de produção de saber.

Apesar disso, os relatos também apontaram que, quando vivenciada de forma orgânica, a extensão promove mudanças perceptíveis: aproxima a universidade da escola, amplia os horizontes da pesquisa e reconfigura o papel formador do docente. Essa percepção é reforçada por professores que demonstraram sensibilidade à dimensão social do ensino superior, reconhecendo a extensão como espaço de escuta, troca e aprendizagem mútua.

Ainda assim, desafios persistem. Alguns coordenadores de projetos de extensão não conseguem detectar esses benefícios para a ampliação de suas pesquisas e melhoria do processo de ensino aprendizagem. Essas percepções precisam ser despertadas para que a universidade consiga completar os propósitos declarados em seus normativos e que os novos paradigmas assumidos pela instituição, sejam por ela aplicados efetivamente não apenas nas licenciaturas, mas em todos os demais cursos.

O Relatório de Indicadores da Extensão 2024, citado anteriormente, também apresenta como objetivo estratégico o acompanhamento da articulação entre extensão, ensino e pesquisa,

além de avaliar o grau de engajamento das unidades acadêmicas. São iniciativas importantes para que os compromissos institucionais ultrapassem o papel normativo e se tornem práticas efetivas.

No que diz respeito às escolas públicas, as entrevistas com seus professores demonstraram a potência transformadora da parceria com a universidade. Os projetos de extensão foram reconhecidos como relevantes, pois oxigenam práticas pedagógicas, promovem reflexões e fortalecem os laços entre escola e universidade.

A comunicação com a universidade foi uma das barreiras relatadas pelos professores das escolas. Segundo eles, as informações não são claras e não chegam até eles. Há dificuldade em acompanhar atividades realizadas nos campi, e muitas vezes sentem-se excluídos dos projetos. Há grande expectativa em realizar trabalhos conjuntos e a extensão é vista como grande colaboração.

Para que a extensão cumpra seu papel de aproximação entre universidade e escola, é essencial consolidar espaços institucionais de escuta, planejamento conjunto e corresponsabilidade. Os representantes das escolas precisam ser considerados membros das equipes de projeto, como orienta a própria UnB (UnB, 2024, b.), e participar das decisões metodológicas e avaliativas, garantindo que as ações dialoguem com os contextos escolares.

O impacto da extensão atinge também aos professores das escolas. Eles relataram que, ao receberem os extensionistas, sentiram-se provocados a rever suas práticas, repensar estratégias de ensino e refletir mais profundamente sobre o cotidiano escolar. Nesse sentido, a extensão também se configurou como espaço de formação continuada para os docentes da educação básica.

A abordagem freiriana, que valoriza a escuta, a experiência e a realidade concreta dos sujeitos, sustenta tanto as diretrizes da UnB quanto a metodologia desta pesquisa. Ela se revela proveitosa na construção de práticas pedagógicas críticas, dialógicas e transformadoras, tanto na universidade quanto na escola. Trabalhar em conjunto, respeitando os saberes locais e promovendo vínculos horizontais, pode gerar impactos profundos na qualidade da educação e no fortalecimento da cidadania.

De acordo com os indicadores de avaliação relacionados no Relatório de 2024, dentro da dimensão “relação universidade-sociedade”, está incluído o objetivo de “verificar a participação dos membros externos na equipe executora” nas equipes de ações extensionistas. Trabalhando em conjunto, escola e universidade podem potencializar seus recursos e alcançar

resultados mais significativos.

Os dados analisados demonstraram que é necessário superar entraves como a escassez de recursos, a resistência de parte dos docentes e as falhas de comunicação com as escolas. Mas também apontaram caminhos: projetos construídos em parceria, ações articuladas com o ensino e a pesquisa e maior visibilidade institucional para a extensão podem ampliar o potencial formativo e social dessa dimensão.

A avaliação da percepção da escola em relação aos projetos realizados permitiu identificar os ajustes que são necessários para otimizar os resultados e fortalecer a parceria.

A relação entre o ensino superior e a educação básica analisada nos sete projetos estudados, tem sido reconhecida eficiente para a formação discente. No entanto ainda precisa ser mais valorizada entre os professores, como instrumento de aprimoramento da docência e qualificação da produção científica.

Sugere-se, para pesquisas futuras, o aprofundamento da relação entre extensão e pesquisa; a avaliação do impacto da extensão na imagem da universidade junto à sociedade; o estudo da contribuição da extensão em cursos que não sejam apenas de licenciatura.

A pesquisa revelou a existência de uma percepção crescente, entre os professores entrevistados, sobre a importância da extensão universitária como um espaço de formação integral, não apenas para os alunos universitários, mas também, em menor escala, para os próprios educadores.

## **PRODUTO TÉCNICO**

Com base nos resultados obtidos nas entrevistas com professores da educação básica, que relataram dificuldades em acessar informações claras e centralizadas sobre os projetos de extensão da UnB, foi elaborado um produto técnico-pedagógico voltado à ampliação do diálogo entre as escolas públicas do Distrito Federal e a Universidade de Brasília: uma cartilha informativa sobre a extensão universitária, seu funcionamento na UnB e os setores responsáveis, incluindo contatos para comunicação direta.

A cartilha busca responder a essa necessidade concreta, oferecendo orientações práticas em linguagem acessível, com apresentação visual leve. Reúne informações práticas para facilitar o contato com a universidade e o conhecimento sobre as ações extensionistas. Pretende não apenas informar, mas também fortalecer a relação entre universidade e escolas, reconhecendo estas como espaço legítimo de produção de conhecimento.

### **Estrutura do produto**

A partir das contribuições dos professores da educação básica entrevistados na pesquisa, foram selecionados os conteúdos mais relevantes já disponíveis no site da UnB. Esses conteúdos, estavam dispersos em diversas abas, o que, segundo os professores, dificultava a comunicação.

Com o objetivo de tornar a extensão universitária mais visível, compreensível e acessível, o material foi organizado em quatro eixos principais:

1. **Apresentação do conceito de extensão**, conforme o FORPROEX e a PNEU, e como ele é compreendido e estruturado na UnB, com destaque para os setores responsáveis;
2. **Orientações passo a passo para localizar as atividades** realizadas e em andamento no SIGAA;
3. **Apresentação das atividades especiais do Projeto Licenciaturas em Ação**, com link para os portfólios;
4. **Informações reunidas** sobre os principais meios de comunicação, setores, e-mails, telefones e links para possíveis parcerias.

O conteúdo foi redigido em linguagem clara e objetiva, com o apoio de elementos gráficos e esquemas visuais desenvolvidos na plataforma Canva, escolhida por sua flexibilidade e acessibilidade visual, visando facilitar a consulta pelos profissionais da rede pública.

Cada seção foi pensada para permitir uma leitura rápida e funcional, respeitando o tempo escasso dos professores e valorizando a escola como parceira legítima na construção do conhecimento.

Sugere-se que a cartilha seja disponibilizada por um link próprio no menu da página do Decanato de Extensão (DEX) e enviada oficialmente à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, para que todas as escolas públicas tenham acesso, por meio de seus canais oficiais.

Com isso, espera-se fortalecer vínculos, ampliar a participação das escolas e professores, e reafirmar o compromisso da universidade com a democratização do acesso à informação e a construção conjunta do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Caroline Figueiredo Belo. **Avaliação da Extensão Universitária**: reflexões sobre o fazer extensionista na Universidade de Brasília. Orientador: José Luiz Villar Mella. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38851> Acesso em: 25 out. de 2022.

AGUIAR, Mariane Rodrigues Volz de. **As ações extensionistas do Instituto Federal Farroupilha como dispositivos para o desenvolvimento regional**. Dissertação (Mestrado em Administração Pública). Programa de Pós-Graduação em Gestão de Organizações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/19129?show=full>. Acesso em: 14 jun. 2024.

ALVES, Andréa Pereira de Oliveira; Kochhann, Andréa; Modesto, João Gabriel. Extensão universitária e formação docente: revisão sistemática de literatura. **Revista Em Extensão**, Uberlândia - MG, v. 22, n. 2, p. 13-34, jul.-dez. 2023.

AMORIM, Atos Santos; Meireles, Carla da Silva; Mendes, Ana Nery Furlan. A perspectiva dos licenciandos de química sobre a extensão universitária: contribuições para a formação docentes. **Kiri-Kerê Pesquisa em ensino**. Dossiê temático: Práticas e reflexões sobre pesquisa e extensão no ensino de química. Vitória - ES, v. 1, n. 17, p. 141-153, maio 2024.

ANDRADE, Débora; Domingues, Carolina Vilela; Gonçalves, Lorena Vaz. Ciranda de sujeitos e de ações: girando um programa de educação coral infanto-juvenil. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, v.61, nº61, p. 1-25, e1440, 2024. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1440>. Acesso em 17 jun. 2024.

BALDOTTO, Ozana Luzia Galvão et al. Formação Continuada de Educadores/As: Uma Experiência a Partir da Práxis das/nas Escolas do Campo no Município de São Mateus-ES. **Revista Kiri-Kerê – Pesquisa em ensino**. Edição Dossiê: Educação do Campo: processos formativos no Espírito Santo e no Brasil, v. 3 n. 4 (2020). Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/kirikere/article/view/32049>. Acesso em: 14 jun. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BATISTA, Leonardo dos Santos; Kumada, Kate Mamhy Oliveira. Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. **Revista Brasileira de Iniciação Científica (RBIC)**, IFSP Itapetininga, v. 8, e021029, p. 1-17, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/AN%C3%81LISE+METODOL%C3%93GICA+SOBRE>

+AS+DIFERENTES+CONFIGURA%C3%87%C3%95ES+DA+PESQUISA+BIBLIOGR%C3%81FICA+(1)-OTH%20(1).pdf Acesso em 21 set. 2024

BRASIL. **Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931**. Dispõe que o ensino superior no Brasil [...]. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, [2019]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 12 abr. 2024.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, 1961. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 17 mai. 2024.

BRASIL. **Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 10369, 29 nov. 1968. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L5540.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5540.htm). Acesso em: 29 de nov. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2023. Disponível em: <https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:constituicao:1988-10-05;1988> Acesso em: 10 out. de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010**. Lei nº 10.172/2001. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/L10172.pdf> Acesso em: 27 nov. 2022

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024. Lei nº 13.005/2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em 27 nov. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) Acesso em 22 ago. 2023.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências. Disponível em: [https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE\\_RES\\_CNECESN72018.pdf](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf)

Acesso em: 27 nov. 2022.

BRASIL. UnB – Universidade de Brasília. **Resolução nº 0127, de 21 de novembro de 2024.** Estabelece a natureza, a classificação, os fundamentos, os objetivos e princípios, as diretrizes, os agentes instrucionais, o trâmite, o fomento, a avaliação e a certificação das ações de extensão da Universidade de Brasília. Disponível em: <https://dex.unb.br/normativasunb?download=2562:resolucao-do-conselho-de-ensino-pesquisa-e-extensao-cepe-n-127-2024> Acesso em: 12 de dez.2024.

BRUMATTI, J. D. A contribuição da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações na disseminação do conhecimento nas áreas de Humanas e Sociais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 66–77, 2015. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/309>. Acesso em: 14 jun. 2024.

CABRAL, S. A. B.; SANTOS, L. dos. Desenvolvimento profissional de professores de matemática: desafios e possibilidades em um curso de formação continuada. **Revista de Investigação e Divulgação em Educação Matemática**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2023. DOI: 10.34019/2594-4673. 2023.v7.41112. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ridema/article/view/41112>. Acesso em: 17 jan. 2025.

CASTRO, Gustavo Aires; MENDES, Marta Vieira. Estado do conhecimento em pesquisas de abordagem qualitativa. In: SILVA, Francisco Thiago; NASCIMENTO, Cláudia Pinheiro. **Pesquisa aplicada em educação: perspectivas em mapas conceituais**. Brasília: Uniprojeção, 2023. p. 34-37.

CRUZ, Geovana Larissa Amâncio da. Extensão universitária e a escola pública: um relato de experiência em tempos de pandemia. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 130-143, jan.-jun. 2022.

DEUS, Sandra de. **Extensão universitária: trajetórias e desafios** – Santa Maria, RS: Ed. PRE-UFSM, 2020.

FERNANDES, Luciana Pinto. **A extensão no Instituto Federal Sul-rio-grandense: uma construção educativa e cultural na perspectiva das demandas sociais (2014 - 2019)**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/11849?show=full>. Acesso em: 14 jun. 2024.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, n. 79, p. 257-272, ago. 2002.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. I Encontro de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras. UNB, Brasília, 04 e 05 de nov. de 1987. Disponível em:

<https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php/documentos/documentos><https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php/documentos/documentos>. Acesso em 25 ago. 2023.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Plano Nacional de Extensão Universitária (PNExt)**. Brasília, 2001. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php/documentos/documentos>. Acesso em 03 mar. 2024

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Regimento Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras**. São Paulo, 2010. Disponível em:

<https://www.Ufmg.Br/proex/renex/images/documentos/regimento-forproex-aprovado-26nov2010.Pdf> acesso em: 25 de ago. 2023.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012.

Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf> 13 nov. 2022.

FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL. **Relatório sobre o Futuro dos Empregos 2025**.

Disponível em: <https://www.weforum.org/publications/the-future-of-jobs-report-2025/>. Acesso em: 16 jan. 2025.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** [recurso eletrônico] Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 23ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. – São Paulo, Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, M. **Interdisciplinaridade: atitude e método**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1999. Disponível: <https://scholar.google.com.br/citations?user=idITIqYAAAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em 04 de maio de 2024.

GADOTTI, M. **Extensão universitária: para quê?** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=idITIqYAAAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em 27 de nov. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JIMENEZ, M. de O.; ANDRADE, G. B. de; LEITZKE, M. R. L.; STOECKL, B. P; SOS-SMEIER, K. D. A extensão e a universidade brasileira: do estatuto das universidades até a curricularização da extensão. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 33, n. 66, p. e01[2023], 2023. DOI: 10.18675/1981-8106.v33.n.66.s15304. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/15304>. Acesso em: 22 jun. 2024.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; BOITO, Paula; VALÉRIO, Juliana. Formação de professores de matemática em projeto de extensão: percepções docentes em tempos da pandemia da COVID-19. **Revista BOEM**, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 85–102, 2021. DOI: 10.5965/2357724X09182021085. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/boem/article/view/19135>. Acesso em: 14 jun. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIMA, Gabriel Amato Bruno de. **“Aula prática de Brasil”: ditadura, estudantes universitários e imaginário nacionalista no Projeto Rondon (1967-1985)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015, p. 256-27.

LISBÔA Filho, Flavi Ferreira. **Extensão universitária [recurso eletrônico]: gestão, comunicação e desenvolvimento regional**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2022.

MATTOS, Ronny Maciel De. **A inserção da extensão nos cursos de graduação das universidades federais brasileiras: avanços e desafios**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-graduação em Ensino E História Das Ciências E Da Matemática. São Bernardo do Campo, 2023.

MEIRELES, Fernanda Fernandes; Afonso, Herlander Costa Alegre da Gama. A extensão universitária obrigatória voltada para a educação básica como recurso para atingir metas do plano nacional de educação. 2024.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução do francês por Eliana Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. Ed. Brasília, Cortez, 2000.

MOTA, Keila Neves da. **Dialogicidade entre o trabalho como princípio educativo no ensino médio integrado em ações de extensão do PIBEX/IFAM**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, Manaus, 2023. Disponível em: <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/handle/4321/1341>. Acesso em: 14 jun. 2024.

OLIVEIRA, Loryne V. **A extensão universitária socialmente orientada enquanto resistência epistemológica: possibilidades emancipatórias**. Interfaces – Revista de Extensão da UFMG, v.10, n.2, Belo Horizonte, 2022. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/33737> Acesso em: fev. 2023.

ONU (Organização das Nações Unidas), 2015 **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://www.internacional.df.gov.br/agenda-2030-objetivos-do-desenvolvimento-sustentavel/>. Acesso em 24 jun. 2024.

PERES, Aline Neves. **Extensão na educação profissional e técnica de nível médio do Instituto Federal do Amazonas: formação humana integral e reflexo social**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, Manaus, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/handle/4321/471>. Acesso em: 14 jun. 2024.

PERRENOUD, Philippe. Sucesso na escola: só o currículo, nada mais que o currículo! **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, p. 9-27, julho/ 2003. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cp/a/R98HcyPPq7mcsJ4pYg3d8mF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 14 jun. 2024.

REIS, Renato Hilário dos. **Histórico, Tipologias e Proposições sobre a Extensão Universitária no Brasil**. Cadernos UnB Extensão: A universidade construindo saber e cidadania. Brasília, 1996. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/download/6094/5042>. Acesso em 14 maio 2025.

RIBEIRO, Darcy; ALVES, Rubem. **Utopia como projeto: debate televisivo promovido pela TV PUC-SP em 1995**. Fundação Darcy Ribeiro, 1995. Disponível em: <https://fundar.org.br/utopia-como-projeto/>. Acesso em: 12 jul. 2024.

RIBEIRO, Darcy. **Universidade, para quê?** Brasília: Ed. UnB, 1986.

ROCHA, Paulo H. B. Perspectivas para a realização de extensão universitária no ensino jurídico. Revista **Universitas/JUR**, v. 24, n. 2, p. 75-86, 2013.

RODRIGUES, Diogo Mendes. **Entraves para a adesão à extensão universitária nas unidades acadêmicas da UFJF**. Dissertação - Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/10542/4/diogomendesrodrigues.pdf>. Acesso em 14 jun. 2024.

SACRISTAN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SERRANO, Maria Souto Maior. Conceitos de Extensão Universitária: um diálogo com Paulo Freire. **Grupo de Pesquisa em Extensão Popular**, v. 13, n. 8, 2013.

SILVA, Francisco Thiago; BORGES, Livia Freitas Fonseca. Currículo e Ensino de História: um estado do conhecimento no Brasil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 1693-1723, out./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/V6sCTbt5wYVSwdZtJnRB6xd/?lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SILVA, E. L. D.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVEIRA, Helder Eterno. Pedagogia da extensão: algumas reflexões emergentes. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, ISSN 1807-0221 Florianópolis, v. 20, n. 45, p. 02-09, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/93945/53065>. Acesso em: 08 fev. 2024.

SINPRO DF. **Governo Ibaneis tem menor número de professores efetivos da última década**. O Sindicato. 17 jun. 2024. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/governo-ibaneis-tem-menor-numero-de-professores-efetivos-da-ultima-decada/> Acesso em 15 dez. 2024.

TEIXEIRA, Anísio. Escolas de educação. In: Teixeira, Anísio. **Educação e universidade**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1998.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Estatuto e Regimento Geral da Universidade de Brasília**. Estatuto da UnB. Publicado no DOU n. 7, de 11/1/1994, com emendas aprovadas pelo Conselho Universitário da UnB, conforme especificado no texto. 10ª edição 2025. Disponível em: <https://www.unb.br/aceso-a-informacao/institucional>. Acesso em 21

nov.2023.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Resolução da Câmara de Extensão Nº 01/2020**. Estabelece os procedimentos operacionais para implementação no Sistema Integrado e Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) para a institucionalização das atividades de Extensão Universitária da Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.dex.unb.br/sobre-camara/category/13-resolucoes-da->. Acesso em 21 nov. 2023.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2023-2028** [recurso eletrônico], Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.unb.br/acesso-a-informacao/institucional>. Acessado em 23 jan. 2024.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) Nº 0127/2024**. Estabelece a natureza, a classificação, os fundamentos, os objetivos, princípios, as diretrizes, os agentes institucionais, o trâmite, o fomento, a avaliação e a certificação das ações de extensão da Universidade de Brasília. Brasília, 2024, a. Disponível em: <https://www.dex.unb.br/sobre-camara/category/13-resolucoes-da->. Acesso em 15 de jan. 2025.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Relatório de Indicadores da Extensão 2024. Brasília, 2024, b. Disponível em: <https://www.dex.unb.br/component/phocadownload/category/18-relatorio-de-gestao>. Acesso em nov. 2024.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

**UnB****UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA****FACULDADE DE EDUCAÇÃO****PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MODALIDADE  
PROFISSIONAL****APÊNDICES****APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS EXTENSIONISTAS**

**Objetivo:** Entender de que forma a extensão contribui para o desenvolvimento dos alunos universitários que participam dos projetos de extensão avaliados.

1. Como você avalia a importância da extensão para a sua formação?
2. Quais qualificações pessoais você considera ter desenvolvido durante sua participação no projeto?
3. Como essas novas qualificações podem ser aplicadas em sua área de atuação?
4. Você percebeu alguma dificuldade em desenvolver alguma habilidade específica? Se sim, qual?
5. Como você pode integrar diferentes conhecimentos e saberes envolvidos no projeto?
6. Como você avalia o impacto das atividades de extensão na comunidade escolar na qual o projeto de extensão foi desenvolvido?
7. De que forma a extensão contribuiu para sua formação cidadã?
8. As decisões no projeto eram tomadas com a participação da escola?
9. Os alunos extensionistas participavam das discussões para tomada de decisão?
10. Como você avalia a importância do trabalho em grupo para o desenvolvimento do projeto?
11. Quais foram os principais desafios encontrados ao trabalhar em equipe?
12. Gostaria de fazer outras colocações que não foram perguntadas?

**UnB****UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA****FACULDADE DE EDUCAÇÃO****PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MODALIDADE  
PROFISSIONAL****APÊNDICE B: ROTEIRO ENTREVISTA COM PROFESSOR EXTENSIONISTA**

**Objetivo:** Identificar como os professores da UnB avaliam o impacto da extensão em suas práticas de ensino e em suas pesquisas.

1. Como você entende a extensão universitária e de que maneira ela contribui para a educação pública básica?
2. Você acredita que a experiência no projeto impacta sua carreira profissional?
3. Como você avalia a influência das atividades de extensão na forma como você planeja e desenvolve suas aulas e suas pesquisas?
4. Quais saberes específicos, adquiridos durante seus projetos de extensão, você considera mais relevantes para sua prática docente?
5. Quais as principais dificuldades que você encontrou ao tentar aplicar os conhecimentos da extensão em sua prática pedagógica?
6. Como você avalia a mudança na participação e no interesse dos seus alunos após a implementação das novas práticas pedagógicas?
7. Ao propor um projeto, como é garantida a cooperação das escolas para que seja assegurado sua relevância no contexto escolar?
8. Como você avalia o impacto das atividades de extensão na comunidade escolar onde o projeto foi realizado?
9. Quais são os principais desafios que você enfrenta ao desenvolver projetos de extensão que tenham maior alcance e continuidade?
10. De que forma a instituição oferece suporte para a sua atuação como professor extensionista?
11. Gostaria de acrescentar alguma experiência?

**UnB****UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA****FACULDADE DE EDUCAÇÃO****PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MODALIDADE  
PROFISSIONAL****APÊNDICE C: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES QUE  
ACOMPANHARAM O PROJETO NA ESCOLA**

**Objetivo:** Investigar como a extensão influencia a escola pública do DF, a partir da perspectiva dos profissionais que nela atuam.

1. Há quanto tempo leciona na Secretaria de Educação do GDF?
2. Qual é a área de conhecimento em que você atua hoje?
3. Como você entende a extensão universitária e qual a sua importância no contexto da educação pública?
4. Ao longo de sua carreira na SEEDF, quantas ações de extensão da UnB você pôde presenciar?
5. Quais os principais impactos da extensão na escola?
6. Como você avalia a relação entre as atividades de extensão e as demandas da sua escola?
7. O projeto de extensão contribuiu para a resolução de algum problema específico da sua escola?
8. Você acredita que o projeto de extensão contribuiu para fortalecer a relação entre a escola e a universidade? Se sim, de que maneira?
9. A escola participou da elaboração dos projetos ou foram feitos ajustes na aplicação?
10. A experiência no projeto impactou sua carreira profissional? De que maneira?
11. Quais as dificuldades encontradas na implementação dos projetos de extensão na escola?
12. Quais os principais benefícios da extensão para a escola e para os alunos da escola?
13. O que você mudaria no projeto para que ele fosse ainda mais eficaz?
14. Gostaria de acrescentar algo?